

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

MARIA IRACEMA GIANNELLA ABREU PEREIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA COMUNA DE PARIS NAS OBRAS DE GUSTAVE  
FLAUBERT E ÉMILE ZOLA**

MESTRADO EM HISTÓRIA

São Paulo  
2024

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE HISTÓRIA**

MARIA IRACEMA GIANNELLA ABREU PEREIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA COMUNA DE PARIS NAS OBRAS DE GUSTAVE  
FLAUBERT E ÉMILE ZOLA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para obtenção do título de  
MESTRE em História, sob a orientação do(a) Prof.  
Dr. Amílcar Torrão filho

São Paulo  
2024

MARIA IRACEMA GIANNELLA ABREU PEREIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA COMUNA DE PARIS NAS OBRAS DE GUSTAVE  
FLAUBERT E ÉMILE ZOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em história do Departamento de história da Faculdade de ciências sociais da Pontifícia Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em história social.

Aprovado em: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Amílcar Torrão Filho

Prof. ORIENTADOR

Pontifícia universidade de São Paulo

Prof. Denise Bernuzzi de Sant'Anna

Pontifícia universidade de São Paulo

Prof. Stella Scatena Franco

Universidade de São Paulo

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer ao meu filho Dario de Abreu Pereira, minha professora de literatura francesa Eliane Capella Gudin e meu orientador Amílcar Torrão filho, sem os quais teria sido impossível o desenvolvimento, a escrita e a entrega deste trabalho.

## RESUMO

Neste trabalho, busca-se analisar a reação e a representação que dois dos maiores escritores franceses do século XIX, Gustave Flaubert (1821-1880) e Émile Zola (1840 – 1902), fizeram de um dos eventos políticos mais marcantes e importantes da modernidade: A Comuna de Paris (1871). O exame parte da obra epistolar de Flaubert, a partir da análise de vinte e três cartas escritas por Flaubert em 1871, assim como de seu romance *L'Éducation sentimentale*; e, do lado de Zola, dos romances *La Curée* e *L'Assommoir*. Procederemos então ao exame desse material, tendo em vista esclarecer mais adequadamente como esses dois escritores centrais na prosa novecentista francesa entenderam a Comuna, e a incorporaram em seus escritos. Como contextualização histórica, com fundamentação teórica de acordo com as Referências Bibliográficas aqui citadas, trato das chamadas Revoluções de 1848, da ascensão de Napoleão III, da reforma urbanística de Paris, da guerra Franco-Prussiana, e da queda de Napoleão. Abordo a Comuna como resultado de diversos fatores específicos do período: a crise nacional do regime bonapartista, o abalo provindo da Guerra Franco-Prussiana, e, principalmente, a ascensão da ideologia e do desenvolvimento político de ideais socialistas entre o proletariado europeu, expressos pela expansão da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT).

Palavras-chaves:

Comuna de Paris, socialismo, conservadorismo, Gustave Flaubert, Émile Zola, literatura francesa, contexto histórico

## ABSTRACT

The aim of this study is to analyze, the reaction and the representation of the two best French writers of the XIX century, Gustave Flaubert (1821-1880) and Émile Zola (1840-1902), done regarding one of the most outstanding and important political events of Modernism: The Paris Commune (1871). The study starts with Flaubert's epistolary work, through the analysis of twenty-three letters written by Flaubert in 1871, as well as his novel *The Sentimental Education*; and next to Zola, of the *La Cureé* and *L'Assommoir* novels. We will therefore proceed examining this material, trying to clarify as adequately as possible how these two main authors of the nineteenth century French prose understood the Commune, and incorporated it into their writings. As a historical contextualization, with a theoretical foundation according to Bibliographical References here mentioned, I deal with the so called 1848 Revolution, Napoleon III's accession, the urban reform of Paris, the Franco-Prussian war, and Napoleon's fall. I approach the Commune as a result of various specific factors of the period: a national crisis of the Bonaparte regime, the turmoil caused by the Franco-Prussian war, and, mainly the rise of the ideology and of the political development of socialist ideals among the European proletariat, expressed through the expansion of the International Workers' Association (IWA)

Key-words; Paris Commune, socialism, conservatism, Gustave Flaubert, Émile Zola, French Literature, historical context.

# Sumário

|  |     |
|--|-----|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b> .....   | 10  |
| 1.1. <i>Percurso na definição do tema</i> .....                          | 10  |
| 1.2. <i>A Comuna de Paris</i> .....                                      | 10  |
| 1.3. <i>Material a ser analisado e conclusões iniciais</i> .....         | 12  |
| 1.4. <i>Antecedentes da Comuna</i> .....                                 | 15  |
| 1.4.1. O nascimento do socialismo.....                                   | 15  |
| 1.4.2. Pós-1848: revolução fracassada e desenvolvimento tecnológico..... | 18  |
| 1.4.3. O socialismo revolucionário.....                                  | 21  |
| 1.4.4. A cidade moderna .....  | 22  |
| <b>2. RAZÕES E RESULTADOS DA COMUNA</b> .....                            | 27  |
| 2.1. <i>O caminho para a Comuna</i> .....                                | 27  |
| 2.2. <i>A Comuna: Causas e Consequências</i> .....                       | 29  |
| 2.2.1. A Revolução de 1848.....  | 29  |
| 2.2.2. O Segundo Império: Sociedade burguesa e cidade moderna .....      | 30  |
| 2.2.3. A Comuna.....   | 35  |
| 2.2.4. Pós-Comuna .....  | 38  |
| <b>3. A COMUNA DE PARIS NA PERSPECTIVA DE ZOLA E FLAUBERT</b> .....      | 43  |
| 3.1. <i>Émile Zola</i> .....   | 43  |
| 3.1.1. <i>La curée</i> .....   | 44  |
| 3.1.2. <i>L'assommoir</i> .....  | 48  |
| 3.2. <i>Gustave Flaubert</i> .....                                       | 60  |
| 3.2.1. A Educação sentimental .....                                      | 64  |
| 3.2.2. Cartas de Flaubert escritas em 1871 .....                         | 71  |
| <b>4. CONCLUSÃO</b> .....  | 84  |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....                                  | 94  |
| <b>FONTES</b> .....  | 95  |
| <b>ANEXO I- CARTAS ESCRITAS POR GUSTAVE FLAUBERT</b> .....               | 97  |
| 1. <b>À SOBRINHA CAROLINE, ROUEN, 1/1871</b> .....                       | 97  |
| 2. <b>À SOBRINHA CAROLINE, 1/02/1871</b> .....                           | 98  |
| 3. <b>À PRINCESA MATILDE, 18/02/1871</b> .....                           | 99  |
| 4. <b>À GONCOURT PROVAVELMENTE, CROISSET ,16/03/1871</b> .....           | 100 |
| 5. <b>À MADAME ROGER DES GENETTES, NEUVILLE, 30/03/1871</b> .....        | 101 |
| 6. <b>À PRINCESA MATHILDE, DIEPPE, 31/03/1871</b> .....                  | 102 |

|     |  |     |
|-----|--|-----|
| 7.  | A GEORGE SAND, NEUVILLE, 31/03/1871 .....              | 102 |
| 8.  | A GEORGE SAND, CROISSET, 24/04/1871 .....              | 104 |
| 9.  | À MADAME ROGER DES GENETTES, CROISSET, 27/04/1871..... | 105 |
| 10. | A GEORGE SAND, CROISSET, 29/04/1871 .....              | 105 |
| 11. | A ERNEST FEYDEAU, CROISSET, 30/04/1871.....            | 108 |
| 12. | À PRINCESA MATILDE, CROISSET, 1/06/1871.....           | 109 |
| 13. | A GEORGE SAND, CROISSET, 11/06/1871 .....              | 110 |
| 14. | À PRINCESA MATHILDE, CROISSET, 24/06/1871 .....        | 111 |
| 15. | À SOBRINHA CAROLINE, PARIS, 4/8/1871 .....             | 112 |
| 16. | A GEORGE SAND, CROISSET, 6/9/1871 .....                | 113 |
| 17. | À PRINCESA MATHILDE, 6/09/1871 .....                   | 115 |
| 18. | A GEORGE SAND, CROISSET, 8/9/1871 .....                | 116 |
| 19. | A GEORGE SAND, CROISSET, 4/10/1871 .....               | 118 |
| 20. | À MADAME ROGER DES GENETTES, CROISSET, 6/10/1871.....  | 119 |
| 21. | A GEORGE SAND, PARIS, 18/10/1871.....                  | 120 |
| 22. | A GEORGE SAND, CROISSET, 14/11/1871 .....              | 122 |
| 23. | À MADAME ROGER DES GENETTES, PARIS, 12/1871 .....      | 123 |

**ANEXO II - CARTAS ESCRITAS POR GUSTAV FLAUBERT (TRADUÇÃO DA AUTORA).....** 125

|     |   |     |
|-----|---|-----|
| 1.  | À SOBRINHA CAROLINE, ROUEN, 1/1871 .....                | 125 |
| 2.  | À SOBRINHA CAROLINE, 1/02/1871 .....                    | 126 |
| 3.  | À PRINCESA MATILDE, 18/02/1871 .....                    | 127 |
| 4.  | À GONCOURT PROVAVELMENTE, CROISSET,16/03/1871 .....     | 128 |
| 5.  | À MADAME ROGER DES GENETTES, NEUVILLE, 30/03/1871.....  | 129 |
| 6.  | À PRINCESA MATHILDE, DIEPPE, 31/03/1871.....            | 130 |
| 7.  | A GEORGE SAND, NEUVILLE, 31/03/1871.....                | 131 |
| 8.  | A GEORGE SAND, CROISSET,24/04/1871 .....                | 132 |
| 9.  | À MADAME ROGER DES GENETTES, CROISSET, 27/04/1871 ..... | 133 |
| 10. | A GEORGE SAND, CROISSET, 29/04/1871.....                | 134 |
| 11. | A ERNEST FEYDEAU, CROISSET, 30/04/1871 .....            | 136 |
| 12. | À PRINCESA MATILDE, CROISSET, 1/06/1871 .....           | 137 |
| 13. | A GEORGE SAND, CROISSET, 11/06/1871 .....               | 138 |
| 14. | À PRINCESA MATHILDE, CROISSET, 24/06/1871.....          | 139 |
| 15. | À SOBRINHA CAROLINE, PARIS, 4/8/1871 .....              | 140 |
| 16. | A GEORGE SAND, CROISSET, 6/9/1871 .....                 | 141 |
| 17. | À PRINCESA MATHILDE, 6/09/1871.....                     | 143 |
| 18. | A GEORGE SAND, CROISSET, 8/9/1871 .....                 | 144 |
| 19. | A GERORGE SAND, CROISSET, 4/10/1871.....                | 146 |

|   |            |
|---|------------|
| <b>20. À MADAME ROGER DES GENETTES, CROISSET, 6/10/1871 .....</b> | <b>147</b> |
| <b>21. A GEORGE SAND, PARIS, 18/10/1871.....</b>                  | <b>149</b> |
| <b>22. A GEORGE SAND, CROISSET, 14/11/1871 .....</b>              | <b>150</b> |
| <b>23. À MADAME ROGER DES GENETTES, PARIS, 2/1871 .....</b>       | <b>151</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. *Percurso na definição do tema*

Escolhi fazer uma dissertação sobre a Comuna de Paris sob a perspectiva de Gustave Flaubert (1821 – 1880) e Émile Zola (1840 – 1902) pois meu percurso acadêmico sempre esteve atrelado aos estudos da História da França. Minha formação também favoreceu a escolha: sou francófona e atuei como professora de francês durante muitos anos. Meus estudos me levaram a estudar a civilização francesa em Paris, na Sorbonne, nos anos 90, e percebi a oportunidade de retomar e reexaminar o vasto material bibliográfico a que tive acesso naquela época.

Através das obras desses dois autores, extremamente críticos da sociedade francesa do Século XIX, busquei entender as maneiras pela qual as sensibilidades destes dois escritores contam de forma singular a vida em Paris nas décadas de 40, 50,60 e 70 do século XIX. Flaubert é considerado o maior realista francês, recebeu o prêmio de Cavaleiro da Legião de Honra em 1866, ele faz uma análise psicológica de seus personagens. Já Zola foi um expoente do naturalismo na literatura, ele se preocupava em denunciar as desigualdades sociais da época e tinha um engajamento político importante.

A presente dissertação visa compreender a Comuna eclodida em 18 de março de 1871, que, a meu ver, até hoje se mostra um evento com reverberações no mundo contemporâneo, especialmente considerando que suas aspirações, embora em grande medida razoáveis, seguem negadas até hoje, por meio da obra desses dois autores. De modo que a pergunta que se quer responder com a presente pesquisa é: como as obras literárias de Flaubert e de Zola nos dão acesso a relatos da Comuna que não nos seriam acessíveis pela historiografia comum?

### 1.2. *A Comuna de Paris*

Esse evento, uma das mais importantes insurreições populares do século XIX, foi resultado de diversos fatores específicos do período. Poderíamos citar como principais antecedentes: a Revolução de 1848, que marca o encerramento da Monarquia de Julho (1830-1848) muito bem analisada por Malet e Isaac<sup>1</sup>, durante o Segundo Império (1850-

---

<sup>1</sup> MALET ET ISAAC. **La naissance du monde moderne 1848-1914** – Histoire 4 - Librairie Hachette, 1961  
Collection fondée Georges Liébert et dirigée par Joel Roman.

1870); a reforma urbanística em Paris feita pelo barão de Haussmann (1809 – 1891), durante o Segundo Império (1850-1870), cujo principal estudo historiográfico, que uso como referência, é Collins Jones<sup>2</sup>; a crise nacional do regime bonapartista; o abalo provindo da Guerra Franco-Prussiana (1870-1871); o desenvolvimento do capitalismo industrial na França, e, principalmente, a ascensão da ideologia e do desenvolvimento político de ideais socialistas entre o proletariado europeu, expressos pela expansão da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT).

O advento da Comuna, que durou setenta e dois dias, foi considerado, deste modo, por diversos historiadores, como por exemplo Jacques Rougerie<sup>3</sup>, como o primeiro autogoverno de caráter proletário e popular dentro do contexto de ascensão do capitalismo, o que corroborou o desenvolvimento de uma consciência de classe dos trabalhadores na França.

“Desta vez, o antagonismo não existia de classe para classe, não havia outro tema de luta além da antiga guerra, sempre recomeçada, em breve, sem dúvida, a liberdade contra a autoridade, o direito municipal e cívico contra a absorção e a arbitrariedade governamental. Paris, em uma palavra, estava pronta para se erguer por completo para conquistar sua independência, sua autonomia: ela desejava, enquanto aguardava que toda a nação o desejasse com ela, o autogoverno, isto é, a República. É a vingança da ciência e do trabalho, da liberdade e da ordem, cuja rotina governamental havia retardado a realização por quase um século. Elevando-se acima das névoas que a envolviam, liberada dos obstáculos que bloqueavam seu caminho, segura de sua força, a Revolução vai mais uma vez, por meio de seu exemplo e de sua propaganda, espalhar pelo mundo a liberdade, a igualdade, a justiça.”<sup>4</sup> (tradução da autora)

A experiência da Comuna é encerrada abruptamente por meio da repressão das tropas governamentais. No dia 21 de maio de 1871, as tropas de Versalhes

---

<sup>2</sup> JONES, Colins. **Paris. Biografia de uma cidade**. Tradução de José Carlos Volcato e Henrique Guerra. 6. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

<sup>3</sup> ROUGERIE, Jacques (org.) “Paris insurge” in **La Commune de 1871**. Paris: Gallimard, 1995.

<sup>4</sup> Charles Longuet ( 1839-1903) membro AIT, militante socialista francês. Journal officiel de la Commune, 30/03/1871

invadiram Paris, dando início à semana sangrenta, na qual foram mortos vinte mil partidários da Comuna, além de mulheres e crianças.

### *1.3. Material a ser analisado e conclusões iniciais*

Esse acontecimento histórico recebeu inúmeras interpretações desde seu desencadeamento até a contemporaneidade. Nesta dissertação, que não pretende fazer uma revisão historiográfica minuciosa da Comuna, mas apenas retomá-la brevemente, tenho como principal objetivo analisar a interpretação feita da Comuna de Paris a partir do exame das cartas de Flaubert, sua obra *L'Éducation Sentimentale (A Educação sentimental)*, que tem como pano de fundo a revolução de 1848 e conta a história de Frederic, um herói romântico sem esperança política e social<sup>5</sup>; as obras de Zola *La Curée (O Regabofe)* onde o escritor denuncia a especulação imobiliária e financeira de Paris durante a reforma urbanística, e *L'Assommoir (O Abatedouro)*, na qual Zola denuncia a desigualdade social, a vida miserável dos trabalhadores do século XIX, a substituição dos homens pelas máquinas e, sobretudo, o problema do alcoolismo entre os trabalhadores. Estas análises têm como objetivo esclarecer mais adequadamente este movimento pelos olhos dos dois autores porque estas obras retratam as tensões sociais, políticas e econômicas que culminaram na Comuna de Paris. Elas oferecem percepções sobre as condições de vida da população, as desigualdades sociais e as injustiças enfrentadas pelas classes trabalhadoras. *A educação sentimental*, por exemplo, aborda a desilusão de uma geração com as instituições políticas e sociais de sua época. Ao ler estas obras o leitor pode compreender melhor os eventos que levaram à Comuna de Paris, esses romances ajudam a contextualizar as condições sociais e políticas que alimentaram o fervor revolucionário que culminou na Comuna.

Escolhi analisar somente as cartas que Flaubert escreveu em 1871, pois foi neste ano em que aconteceu a Comuna. Ele escreve estas cartas para sua sobrinha Caroline, assim como para a Princesa Matilde (1820 – 1904), Rémy de Goncourt (1858 – 1915), Madame Edma Roger de Genettes, George Sand (1804 – 1876) e Ernest Feydeau (1821 – 1873). Feita a análise desse material epistolar, concluí que ele sentia um desencanto pela Comuna, que comparou à fase do terror da Revolução Francesa.

Flaubert não estava diretamente envolvido com a Comuna de Paris, mas sua perspectiva sobre os eventos da época pode ser entendida através dos seus escritos. Ele

---

<sup>5</sup> Este personagem principal do romance olha os acontecimentos que Flaubert provavelmente viveu em 48.

era crítico das ideias revolucionárias radicais, e frequentemente expressava preocupação com a violência e o caos que acompanhavam os levantes. Pelas cartas que analisei, constatei que ele valorizava a estabilidade e a ordem, acreditando que a arte e a literatura deveriam se concentrar na representação fiel da realidade, em vez de se envolver em questões políticas ou sociais.

Ao longo do trabalho, veremos que Flaubert tinha pensamentos muito parecidos com aqueles de Madame de Staël (1766-1817), considerada uma liberal. Francesa filha do banqueiro Necker, ministro das finanças de Luís XVI, era uma entusiasta da Revolução Francesa em seus primórdios e do fim do absolutismo na França. Aprovava os regimes constitucionais, porém repudiava a universalidade do voto, e tinha ressalvas à igualdade política: não gostava da ideia de todos os cidadãos terem os mesmos direitos políticos, pois achava um erro os pobres invadirem a política. Todos deveriam ter direitos civis, mas direitos políticos deveriam ser só para proprietários.

Flaubert também não acreditava no sufrágio universal não acreditava na capacidade das massas para votar, mas era contra a monarquia e seus privilégios, contra a união entre Estado e Igreja, contra educação nas mãos dos padres e a favor da ciência. Neste caso não podemos taxá-lo como conservador ou liberal. Afinal, as fronteiras entre ideologias são porosas e vivas.

Em suas obras, como *Madame Bovary* e *A Educação Sentimental*, Flaubert explorou as complexidades da natureza humana e as contradições da sociedade burguesa. Embora não tenha escrito explicitamente sobre a Comuna de Paris, sua abordagem crítica e sua atenção aos detalhes revelam um profundo interesse pelas mudanças sociais e políticas de sua época.

Essa posição de Flaubert foi a principal motivação para a introdução das ideias de Zola na pesquisa. Zola, através de suas obras mostra maior engajamento político e social, mostrando simpatia pela causa socialista, o que cria um contraponto interessante à visão flaubertiana, mais conservadora, que pode ser vislumbrada em trechos de sua produção epistolar como: “Quanto à Comuna, que está a reclamar, é a última manifestação da Idade média. A última? Esperamos!”<sup>6</sup>.

Em sua série de romances *Os Rougon-Macquart*, da qual o livro *L'assomoir* faz parte, Zola abordou as condições sociais e as tensões políticas que levaram à Comuna de

---

<sup>6</sup> Carta 10 à George Sand, Croisset, 29/04/1871, conforme anexo ao presente trabalho.

Paris. Ele retratou a miséria e as injustiças da sociedade francesa, criticando a corrupção política, a desigualdade social e a exploração dos trabalhadores. Quando a Comuna de Paris eclodiu, Zola estava inicialmente esperançoso de que ela pudesse levar a uma transformação social positiva. No entanto, à medida que a violência e o caos se intensificavam, ele começou a expressar preocupações sobre os excessos cometidos pelos *communards*.

Após a queda da Comuna, Zola escreveu diversos artigos e ensaios, nos jornais *Le Figaro*, *Gazette des Beaux-Arts*, *Gil Blas*, *Le Voltaire* entre outros, nos quais refletiu sobre os eventos e suas consequências. Ele condenou a repressão brutal do governo francês contra os *communards* e defendeu a necessidade de reformas sociais e políticas para evitar futuros levantes, demonstrando assim seu compromisso com a justiça social e com a crítica à desigualdade e à opressão na sociedade francesa. Um dos mais conhecidos artigos que Zola escreveu refletindo a Comuna é o artigo "A Verdade sobre a Comuna", publicado em 1871 no jornal *Le Gaulois*, no qual Zola analisou os eventos da Comuna e condenou a repressão violenta por parte do governo francês.

"À medida que o espectro da Comuna se esvanece, ficará cada vez mais claro que foi menos um crime e mais uma calamidade, uma desgraça que causou horror, mas não admiração."<sup>7</sup>

Além disso, em sua série de cartas abertas "J'accuse...!" (Eu acuso...!), publicada em 1898, Zola defendeu o capitão Alfred Dreyfus, um oficial judeu do exército francês injustamente acusado de traição. Embora estas cartas não tratem diretamente da Comuna de Paris, elas demonstram o compromisso de Zola com a justiça social e sua disposição para confrontar as injustiças e corrupções do sistema político francês.

Embora Zola não tenha escrito extensivamente sobre a Comuna, ao menos em comparação com outros temas sociais em seus romances e ensaios, sua postura progressista e seu engajamento com as questões políticas e sociais de sua época refletem sua preocupação com os eventos e as consequências da Comuna de Paris.

De modo que decidi me concentrar nos escritos de dois autores contemporâneos e com opiniões contrastantes, para refletir o caráter divisório que a Comuna teve na

---

<sup>7</sup> *Le Gaulois*, artigo "A verdade sobre a Comuna", 1871

sociedade francesa da época. Neste percurso, pesquisei cento e sete cartas de Flaubert e fiz fichamento de vinte e três delas, escritas em 1871, inclusas nos anexos deste trabalho. O critério escolhido na seleção das fontes refere-se ao assunto específico sobre a Comuna. Foram descartadas as cartas que versam sobre amenidades. Além disto como já citei, analisei profundamente os livros *Educação sentimental* de Flaubert, *La Curée* e *L'Assommoir* de Zola.

As obras também se mostraram portas de entrada para os eventos que antecederam a Comuna. A leitura de Flaubert me obrigou pesquisar a revolução de 48 e entender por que este movimento está relacionado a Comuna. Já a leitura de Zola me fez entender os impactos que a reforma de Paris e as ideias socialistas tiveram no percurso que levou à Comuna. Ressalto, finalmente, que meu conhecimento de francês foi fundamental, pois a maioria das cartas não tem tradução especializada, sendo minha pesquisa quase toda neste idioma.

#### *1.4. Antecedentes da Comuna*

##### *1.4.1. O nascimento do socialismo*

Para poder entender melhor a ascensão da ideologia e do desenvolvimento político de ideias socialistas entre o proletariado europeu do século XIX, volto brevemente à Revolução francesa. Esta revolução inaugura o tempo em que vivemos, segundo Eric Hobsbawm no livro *A era das revoluções*, e é o marco fundador do nosso mundo

Em 1789, Luís XVI (1754 – 1793), rei da França, detinha o poder absoluto no Antigo Regime. A sociedade da época era estamental, e era dividida em três estratos, chamados estados: a Nobreza, o Clero e o Terceiro estado, que abrangia a burguesia, os trabalhadores em geral do campo e do comércio, artistas e profissionais liberais; ou seja, 95% da população da época, segundo Hatier<sup>8</sup>. A nobreza era privilegiada com cargos e cobrava impostos de todos; o clero, em parte considerável do seu alto escalão composto por nobres, se beneficiava desse sistema tributário; enquanto, por outro lado, o Terceiro estado pagava impostos e não tinha nenhuma regalia. Nesta época, a burguesia em geral possuía pequenas manufaturas, uma vez que a revolução industrial propriamente dita só ocorre no século XIX, na França.

---

<sup>8</sup> HATIER, C. M. **Histoire. Images et Memoire des Français**. Paris, Juin, 1985.

Houve uma crise econômica no final do século XVIII na França, a monarquia começou a receber menos impostos e a nobreza quis aumentar os tributos. Por conta dessa sobretaxação, houve uma aliança entre os membros do Terceiro estado, que se revoltaram contra os abusos fiscais da nobreza, além das péssimas condições de vida e trabalho em que viviam, e se juntaram contra o inimigo comum: nobreza e os impostos que a nobreza demandava. Burgueses e trabalhadores fizeram uma frente ampla contra a sociedade estamental e o poder da nobreza baseados nas ideias Iluministas.

Durante a Revolução Francesa, o rei convocou a Assembleia dos Estados Gerais, um instrumento de consulta onde participava os três estados, para tentar amenizar os efeitos da crise econômica e da revolta do terceiro estamento. Os três grupos se reuniam separados, com direito a apenas um voto, um sistema criado de modo que normalmente clero e nobreza se uniam contra o terceiro estado, apesar deste representar a maioria da população. A Assembleia, ademais, tinha caráter consultivo, ou seja, o rei só seguia o conselho se quisesse. O resultado, previsível, foi o de sempre: os pedidos de reforma do Terceiro estado foram derrotados pelo voto conjunto da nobreza e do clero.

Como o terceiro estado era a maioria absoluta da população, o incômodo gerado pela percepção de que o sistema político havia sido criado para barrar quaisquer reivindicações do Terceiro estado levou esse estamento a declarar, à revelia do rei, a instauração de uma Assembleia Nacional: um órgão político e legislativo formado pelos membros do terceiro estado, que declaravam ao mesmo tempo sua autonomia política da monarquia e a desobediência ao que havia sido decidido na Assembleia dos Estados Gerais. Tratava-se de um rompimento político com o Antigo Regime.

A Assembleia limitou os poderes do rei: decidiu-se só decisões feitas por delegados eleitos pelo povo eram legítimas; acabou-se com os privilégios da nobreza e do clero; e a vontade popular a partir de então se expressaria por meio de votos. A liberdade dos indivíduos foi tornada princípio basilar, e a lei passou a imperar para todos, inclusive para o rei. A partir daquele momento, ninguém estaria acima da lei feita por parlamentares. O povo deteria a soberania, e não mais o rei, e todo poder emanaria do povo; ademais, declarava-se que a humanidade é gloriosa, e isto se deve à vontade do indivíduo para viver cada vez melhor.

Na Assembleia Nacional, os representantes que se sentavam à direita queriam manter o rei: eram os conservadores, que eram a favor das tradições e contra a onda revolucionária. Já os que se sentavam à esquerda eram mais radicais, e queriam uma

sociedade livre de estamentos e privilégios, queriam ter opinião ativa na vida política e limitar o poder do estado que o rei dominava. O conceito de esquerda e direita surgiu justamente destas posições na assembleia.

O conservadorismo nasce para resolver as incertezas da Revolução Francesa: os conservadores, à direita da sala, queriam uma monarquia constitucional para manter o rei. Luís XVI tenta agir como moderador, mas a manobra não dá certo. O terceiro estado segue reivindicando um sistema mais justo. O rei lança um contra-ataque, sem perceber que o papel do estadista havia mudado nos últimos anos, da figura do guerreiro nobre para o diplomata burguês. Para Madame de Staël, por exemplo, ser estadista é a arte de controlar a opinião pública<sup>9</sup>; mas Luís XVI opta pela força. Sua reação acaba em sua prisão e execução.

O inimigo comum da burguesia e dos trabalhadores naquele período era o antigo regime e o poder absoluto do rei; mas conforme o século XIX e a Revolução Industrial avançavam, esses dois grupos aos poucos foram tendo interesses diferentes. A vida muda radicalmente: aparecem novos modos de produzir, os camponeses são substituídos por máquinas e vão para as cidades, a urbanização se torna acelerada, a indústria precisa de mão de obra e ao invés de rural o mundo se torna urbano.

A burguesia fica cada vez mais rica e se torna dona das fabricas. Na primeira metade do século, o mundo já mudou muito desde a Revolução: os empregos nas indústrias eram muito precários, os trabalhadores não tinham descanso, eram obrigados a trabalhar grandes jornadas. Na Revolução Francesa, este cenário não existia.

O socialismo nasce então como uma crítica ao capitalismo, contra a injustiça nas fabricas e a desigualdade material entre burgueses e operários. Uma reação a um sistema no qual havia pobreza, salários baixos, desemprego, no qual quem trabalha e não tem controle dos meios de produção e é obrigado a vender sua força de trabalho para sobreviver. Em tese, o trabalhador é livre, mas na prática ele é obrigado a vender a força de trabalho em troca de salário.

No capitalismo surgem as fábricas, a divisão do trabalho, o uso de maquinários se expande, e aumenta o número de coisas produzidas, ao mesmo tempo em que diminui o preço da unidade. Mas o custo social que sustentava essas mudanças era imenso, porque

---

<sup>9</sup> STAËL, Madame de. **Diez anos de destierro**. Trad. De Joan Rimbau Moller, Barcelona: Penguin Clasicos, 2016

o mundo fabril era um verdadeiro inferno. Existe avanço no capitalismo, mas com muito custo social.

O artesão, durante o Antigo Regime, era dono da ferramenta, da matéria prima e do tempo, e ele se identificava com o produto final. Depois da Revolução Francesa, no entanto, com o surgimento das fábricas, ele não é mais dono de nada, nem do próprio tempo, como Thompson afirmou na sua obra *Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura Popular Tradicional* no capítulo intitulado O tempo, o trabalho-dinheiro e a lei.

O socialismo surge também com influência da Revolução Francesa. Na Revolução Francesa, nasce a ideia de igualdade e internacionalismo, ou seja, as ideias da revolução já nasceram querendo se espalhar não só para os franceses, mas para toda a humanidade. As internacionais lutavam pelo socialismo em todos os lugares<sup>10</sup>.

Por um lado, há prosperidade e progresso, ferrovias e barco à vapor. Eric Hobsbawn no texto “A grande expansão” no livro *A era do capital*<sup>11</sup>, fala da consolidação do capitalismo industrial na Europa, e escreve que segundo Marx, as características comuns da industrialização da mercadoria é a célula da sociedade capitalista; ele queria entender o que estava acontecendo nas transformações econômicas do século XIX.

#### 1.4.2. Pós-1848: revolução fracassada e desenvolvimento tecnológico

A Crise de 1848 em Paris foi um evento significativo na história francesa e europeia do século XIX, que culminou na Revolução de 1848 na França. A crise teve suas raízes em uma série de fatores econômicos, sociais e políticos que se acumularam ao longo do tempo. A população de Paris, especialmente os trabalhadores urbanos e os pobres, enfrentava condições de vida precárias, com altos níveis de pobreza, desemprego e insegurança alimentar. As crescentes desigualdades sociais e econômicas alimentaram o descontentamento popular. O governo do rei Luís Felipe I era considerado cada vez mais autoritário e repressivo. As políticas do governo favoreciam os interesses da classe dominante e reprimiam qualquer tentativa de reforma ou mudança social. A crise em Paris eclodiu em fevereiro de 1848, com uma série de manifestações e protestos que rapidamente se transformaram em uma revolta em massa. O rei Luís Felipe I foi deposto

---

<sup>10</sup> KONDER, Leandro. **Marxismo e alienação**: Contribuição para um estudo de conceito marxista de alienação. São Paulo: Expressão Popular, 2009; ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007

<sup>11</sup> HOBBSAWN, Eric. **A Era do capital**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

e uma república foi proclamada. Isso marcou o início da Revolução de 1848 na França. A Revolução de 1848 resultou na formação da Segunda República Francesa, com um governo provisório assumindo o controle do país. No entanto, a revolução foi seguida por um período de instabilidade política e conflitos internos, culminando na ascensão de Napoleão III ao poder e no estabelecimento do Segundo Império Francês em dezembro de 1852.

Embora a Revolução de 1848 tenha levado a algumas mudanças políticas na França, como a abolição da monarquia e a Proclamação da República, suas promessas de reforma social e econômica foram em grande parte frustradas, e muitos dos problemas subjacentes persistiram. No entanto, a Revolução de 1848 teve um impacto duradouro na história europeia, inspirando movimentos posteriores por reformas democráticas e direitos dos trabalhadores, como por exemplo a Comuna de Paris.

A consolidação do capitalismo acontece depois da derrota da Primavera dos Povos<sup>12</sup>, principalmente depois de 1848. Na França, houve o golpe de Napoleão III e depois a reforma de Paris, que beneficia o capital para os burgueses. A burguesia ganha dinheiro e “compra” os governos: ela cresce economicamente e provoca grande volume de capital em circulação. A revolução de 48 prometia uma república democrática que resultou em uma república parlamentar burguesa, e que acabou no golpe de Bonaparte. Segundo Marx, a revolução derrota a falsa ideia de que a burguesia se alia ao proletariado.<sup>13</sup> O golpe é uma farsa, porque deixa clara a traição da burguesia, e deixa em evidência a luta de classes, ao mostrar que os burgueses são inimigos do proletariado. As revoltas populares de 1848 rompem definitivamente com a união sagrada entre a burguesia e o povo parisiense, que tiveram tanto sucesso trabalhando em conjunto anteriormente, principalmente na revolução de 1789.

O crescimento do poder econômico da burguesia após 1848 se expande para a política: a burguesia se torna classe dominante política através do domínio econômico. O trabalho vai atrás do capital, e ocorre um fluxo migratório do campo para cidade. Isto é uma lógica capitalista onde a sociedade se transforma em volta do valor das mercadorias.

---

<sup>12</sup> A "Primavera dos Povos" foi um período de agitação política e revoluções que ocorreu em grande parte da Europa em 1848. Também conhecida como "Revolução de 1848" ou "Ano das Revoluções", esse período foi caracterizado por uma série de protestos, revoltas e movimentos revolucionários que eclodiram em muitos países europeus.

<sup>13</sup> MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 13.

Hobsbawm sintetiza essa junção entre explosão tecnológica e desenvolvimento econômico no texto “A grande expansão” quando fala que as raízes para este progresso são a ferrovia, o barco à vapor e a comunicação. Esse progresso demorou para acontecer porque antes tinha muito capital acumulado, e não tinha onde investir, não existia tecnologia suficiente para absorver o capital, não existia o trem, por exemplo. O que muda na segunda metade do século XIX é o desenvolvimento da tecnologia, que propicia um investimento enorme de capital. Além disso, as locomotivas vão provocar o desenvolvimento de muitas outras coisas que, no decorrer do tempo, também vão absorver capital. Isto integra o capitalismo na Europa e depois se expande para o mundo todo. Um processo que não tem retorno.<sup>14</sup>

No texto de Asa Briggs e Peter Burke “Processos e padrões”<sup>15</sup>, os pesquisadores relatam as inovações nos transportes e nas comunicações. Podemos entender a lógica da modernidade através das inovações tecnológicas. O desenvolvimento tecnológico sempre existiu, como o fogo e a roda por exemplo, mas o desenvolvimento associado ao capitalismo é o que interessa, é uma ideia de progresso destinada a uma parte específica da humanidade.

O progresso transforma o funcionamento de uma sociedade, muda a lógica, porém não traz benefícios para todos, serve para acumular capital. A iluminação foi uma nova tecnologia que teve um impacto muito grande na vida cotidiana. Houve um grande desenvolvimento na ciência na primeira metade do século XIX e que se consolida na segunda metade. A ciência está ligada ao capital. Tomas Edison, por exemplo, foi um empresário que desenvolveu equipamentos de grande interesse industrial, e ele aplicava princípios da produção maciça ao processo de invenção para aumentar o capital. Há uma diferença fundamental entre o humanista Iluminista que acredita na ciência desvinculada do saber religioso e o cientista vinculado ao capitalismo.

Paradoxalmente, o mundo ficou menor e maior ao mesmo tempo, sob o ponto de vista eurocêntrico. Ao mesmo tempo em que mais cantos do mundo são explorados pelos europeus, o mundo se torna menor pelo desenvolvimento de tecnologias que permitem a comunicação e o transporte a lugares mais distantes em menos tempo; o telégrafo e a ferrovia são exemplos dessa mudança de percepção do tamanho do mundo.

---

<sup>14</sup> HOBBSAWM, Eric “A grande expansão”, in **A Era do Capital**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982

<sup>15</sup> BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma História social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

Este processo causa uma representação literária, surge um tipo de literatura ferroviária: livros são escritos para os leitores que pegam os trens, e estes romances baratos se tornam um tipo de lazer. Esse aumento do leitorado impacta as redes escolares, pois acontece um crescimento da alfabetização. As escolas vão crescer em números, e consequentemente aumenta o consumo de livros, revistas e jornais. As viagens se tornam mais acessíveis, o turismo se desenvolve. Linhas ferroviárias permitem o desenvolvimento de um turismo inovador. Começa a surgir um novo setor do capitalismo, que é o lazer<sup>16</sup>.

Jules Verne faz uma representação do futuro e do progresso em suas obras. As terras a serem conquistadas não estão na Europa, o navio à vapor é importante para esta conquista, e o tempo das comunicações diminui. Antes, o barco a vela demorava um ano para levar uma troca de mensagens. Em 1841 é inaugurada a primeira linha de navio à vapor, a Bombaim-Londres, que demorava um mês para completar viagem.

Por outro lado, havia uma exploração absurda do trabalho, grandes jornadas, falta de segurança nas fabricas, mulheres e crianças trabalhando por menos que os homens, esgotos a céu aberto e gente coberta de fuligem nas cidades fabris. É este o mundo que os socialistas rejeitam, e é este mundo que eles querem transformar.

#### 1.4.3. O socialismo revolucionário

No manifesto comunista, publicado precisamente em 1848, Marx e Engels fazem uma análise da revolução industrial, e determinam propostas para a sociedade de um socialismo revolucionário e científico. Por isso Marx diz no livro *O 18 Brumário de Luis Bonaparte* que “a revolução só é possível por causa do golpe e derrota a falsa ideia que a burguesia se alia ao proletariado”.<sup>17</sup> Ele propõe as bases de um socialismo revolucionário, porque a classe oprimida dos proletários derrubaria a classe dominante dos burgueses por vias violentas. Ele seria também científico, porque eles achavam que os outros socialistas eram utópicos, uma vez que suas propostas não partiam de uma análise rigorosa da realidade, mas de ideais. Na época, havia uma massa cada vez maior de trabalhadores que tinham interesses opostos da burguesia e viviam de forma precária, assim a luta de classes se agravava. Para Marx, esta classe iria fazer uma revolução socialista.

---

<sup>16</sup> BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. “A era da mídia em massa: 1850-1900 “ e “Os primeiros tempos do cinema e do rádio: 1900-1945” in **Uma História social da mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

<sup>17</sup> MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 13.

Como mencionado, o socialismo nasce internacionalista, ele quer que toda a humanidade se livre das ideias capitalistas. De modo que os socialistas fundaram a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), a primeira internacional, surgida em 1864, em Londres. A AIT era formada por ingleses, alemães, suíços, poloneses, franceses e italianos. Marx escreveu o texto inaugural. Queriam, grosso modo, o aumento de salário, a diminuição de horas de trabalho, e melhores condições de trabalho.

#### 1.4.4. A cidade moderna

Além das ideias socialistas, abordo no meu trabalho a multidão que se formou em Paris na primeira metade do século XIX, e como isto culminou na Comuna. Stella Bresciani, no artigo *Metrópoles: as faces do monstro urbano*, trata da pobreza, fruto do capitalismo, a partir da cidade industrial do século XIX. Trata da pobreza e lutas de classe e do aparecimento da multidão. Nesta questão urbana, ela busca, nos autores conservadores do século XIX, saber como eles constroem a teoria da cidade, lugar onde se desenvolve a luta de classe e o capitalismo. Ela trata as metáforas como o monstro urbano, aborda questões da cidade e seu desenvolvimento, este texto marcou época sobre a questão urbana no século XIX. Logo na epígrafe a escritora coloca um poema que fala de Londres no começo do século XIX, onde ela mostra o formigueiro de homens em um mundo atarefado e em movimento. Esta diversidade de estranhos provoca um fascínio sublime e terror. A experiência de viver em uma nova cidade em uma nova era, mas com uma estrutura urbana que não acompanha o novo mundo, faz com que os homens cultos se sintam desenraizados porque não se sentem no mundo do maquinismo<sup>18</sup>.

Uma nova percepção de espaço é criada: o vapor estende as cidades e a nova iluminação artificial não é mais orientada pelo nascer e pôr do sol. O mundo fica constantemente em movimento, e os homens perdem a noção de tempo. Esta mudança provoca um domínio técnico sobre o espaço e a natureza, separado do mundo natural, logo a técnica domina a natureza e a máquina domina o homem. O homem que criou a máquina, e agora ela a domina. A máquina tira o homem da submissão da natureza, ela supera o reino da necessidade, ela muda o homem.

---

<sup>18</sup> BRESCIANI, Maria Stella. “Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX) *In: Da cidade e do urbano*: experiências, sensibilidades, projetos. São Paulo: Alameda, 2018, p. 87 – 129.

Máquinas, multidão e cidade estão no mesmo ambiente; são três monstros que assombram o homem e geram nele um estranhamento em um mundo novo no qual ele passa a viver. O homem submete sua vida a um imperativo superior: ele depende da máquina, não só de sua inteligência. Esta criação vai além do homem, escapa de seu domínio. A vida do criador passa a depender da criatura.

Notam-se várias perdas neste mundo novo. Primeiro, o fim do tempo regido pela natureza, como bem descreveu Thompson e já citado anteriormente. Segundo a perda da identidade do homem em relação a suas produções: ocorre uma separação do homem dos meios de produção. O trabalhador vira mera força de trabalho, e há uma substituição da produção pelas mãos humanas pela produção feita pela máquina. Terceiro, a perda da formação entre mestre e aprendiz: a partir de agora, a formação do trabalho será definida pelo contrato entre empresário e trabalhador miserável, uma relação contratual que em junto com a destruição das corporações e sindicatos. Por fim, há o fim da definição de quem estava capacitado ou não; os patrões passam a definir esta capacidade e a mão de obra se torna não qualificada e mais barata. A quarta perda seria do habitat tradicional: o trabalhador passa a trabalhar em um espaço que não pertence a ele e sim ao patrão, a fábrica, o tempo neste ambiente pertence ao patrão, e não mais ao operário.

Estas perdas definem o medo em relação à cidade, que será modificada pelo progresso, e conseqüentemente novas condições de vida das pessoas são impostas. A cidade é vista como observatório e como um laboratório onde se encontram instrumentos de dominação que são as fábricas. Além disso, toda cidade é um espaço de diversos laboratórios onde se definem estratégias de punição e intervenção, como escolas, hospitais e prisões. Os bairros operários são objeto de observação, e são considerados insalubres e perigosos, A higienização do Barão Hausmann em Paris, tema a ser desenvolvido no segundo capítulo de minha dissertação, distingue duas nações: uma pobre e outra rica, e considera que a pobreza barbariza os homens.

Bresciani, no seu texto<sup>19</sup>, cita o pensador Thomas Carlyle, que mostra em seus textos o fascínio e o medo diante do mundo das máquinas, e a destruição do antigo edifício

---

<sup>19</sup> BRESCIANI, Maria Stella. “Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)””; “A cidade das multidões, a idade atemorizada; “Sanitarismo e a configuração do espaço urbano” *In: Da cidade e do urbano: experiências, sensibilidades, projetos.* São Paulo: Alameda, 2018, p. 87 – 129

social, além de tratar da consciência do tempo. Viver na nova era é decifrar os sinais ameaçadores dos novos tempos, e a máquina destrói o edifício social, assim como a revolução industrial o fez. Cria-se um tempo novo dominado pelo caos que define a sensibilidade do homem moderno, e Carlyle amedronta o leitor, ao descrever como este novo mundo caminha em direção ao terror e ao sublime a partir do nascimento da técnica mecânica e científica, que vão dominar as atividades humanas e culminar na destruição da humanidade. Mesmo os intelectuais estão sendo dominados pela máquina. O sublime ajuda Carlyle a explicar que estas máquinas vão destruir o homem. Diante das grandes obras de Hausmann, existe uma imagem sublime. O homem é dominado por esta linguagem das máquinas. A burguesia francesa é consciente de que um novo tempo começa através dos grandes bulevares, novos edifícios e novas tecnologias, esgoto, iluminação. Ao mesmo tempo existe a consciência de que tudo isto pode ser uma ameaça, porque o homem pode se tornar súdito deste maquinismo.

O operário fica reduzido a uma engrenagem, como vemos no filme *Tempos modernos*, de Charlie Chaplin. Logo o mundo dos homens fica aprisionado nas próprias armadilhas de suas criações. A máquina substitui o homem como processo criativo e processo criador. A máquina cria a multidão e cria um corpo incapaz de criar, o intelectual é anulado. Há um retrocesso do cérebro humano, retira-se do homem a capacidade reflexiva e criativa, o impede de resolver a miséria e o mal desempenho fruto da mecanização. Há uma tirania de opinião pública, não existe mais uma elite democrática e sim uma nova tirania de opinião pública, uma limitação de pensamento, não existe mais uma profundidade do pensamento. As máquinas geram homens embrutecidos que vivem na miséria. A única solução para esta situação é o poder do intelecto que não pode ser controlado por este novo mundo caracterizado por máquinas e divisão do trabalho que divide a sociedade em dois grupos, o perigo deste processo está no embrutecimento da classe operária. As massas querem ser ouvidas e as soluções para questões sociais deles são barradas como o impedimento do voto universal por exemplo, uma visão pessimista onde não há confiança nas decisões do povo, da classe operária.

A cidade se opõe à natureza, é artificial, uma figura que representa o mundo dominado pelo maquinismo. A cidade tem uma nova vigilância policial que não é direcionada para o inimigo estrangeiro da idade média, a muralha neste caso é conceitual, os bárbaros são os pobres designados como as classes perigosas, aqueles que resistem são bárbaros, são corpos doentes que precisam ser medicados, um monstro que ameaça a

sociedade, como animais por isto Hausmann fez a higienização em Paris e causou depois de alguns anos uma insurreição por parte da classe dos trabalhadores: A Comuna de Paris. Segundo Carlyle esta luta de classes entre pobres e ricos produz medo e fascínio. Ele é conservador, faz críticas, acha que as pessoas foram longe demais, abandonaram a capacidade intelectual para solucionar problemas, criaram o problema da miséria, resultado da confiança de máquinas que domina as pessoas. A elite confia no progresso, o povo dúvida assim como Carlyle, ele não compactua com esta confiança da máquina. O povo é atraído pelas máquinas, se transformam na multidão, eles vêm do campo ao encontro das máquinas. Carlyle acredita que este mundo dominado pelas máquinas só produz miséria, barbárie e imoralidade e se expressa pela revolta, uma massa perigosa que culmina na rebelião, exemplo disto foi a Comuna de Paris. Esta revolta para Carlyle é um grito na multidão, pedido de socorro dizendo “ Guiem-me, governem-me! Sou louca e miserável, não posso guiar a mim mesma”<sup>20</sup>, preciso de sábios para olharem por mim, déspotas esclarecidos.

Segundo Bresciani , para estes conservadores a multidão provoca terror e fascínio, revolta, miséria e pobreza. Quanto mais aumenta a população mais aumenta o preconceito, perda da identidade étnica provoca um desequilíbrio cultural. Vários trabalhadores com diferentes culturas no mesmo espaço evitam perda de identidade com isolamento, assim se evita contaminação entre grupos diferentes porque a convivência muitas vezes é violenta, ocorre conflitos entre burguesia e trabalhadores, as chamadas lutas de classe.<sup>21</sup>

Tudo isso culmina na Comuna de Paris, que revela a fragilidade do homem e potencialidade destrutiva da massa, o medo da violência se materializa na Comuna e prova que o indivíduo sábio pode abandonar a violência e se civilizar, a educação civiliza o homem. Para os conservadores, a falta de educação gera violência.

Baseado no texto de Bresciani já citado acima acredito que para estes conservadores, entender a Comuna de Paris é preciso uma base teórica para o estudo das multidões. É necessário colocar a multidão como protagonista e responsável pela

---

<sup>20</sup> BRESCIANI, Maria Stella. “Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)” ; “A cidade das multidões, a idade atemorizada; “Sanitarismo e a configuração do espaço urbano” *In: Da cidade e do urbano: experiências, sensibilidades, projetos.* São Paulo: Alameda, 2018, p. 125

<sup>21</sup> BRESCIANI, Maria Stella. “Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)” ; “A cidade das multidões, a idade atemorizada; “Sanitarismo e a configuração do espaço urbano” *In: Da cidade e do urbano: experiências, sensibilidades, projetos.* São Paulo: Alameda, 2018, p. 177 – 181

destruição de tantos governos franceses, a partir da entrada das multidões que a autoridade é destruída. Segundo esses conservadores, a solução para isto é o sanitarismo, como bem fez Hausmann, casas populares, educação moral para os pobres pelos missionários e assim a população pobre se afasta cada vez mais<sup>22</sup>, esta é a grande crítica de Zola, ele denuncia esta questão no livro *La Curée* e no livro *L'Assomoir* que veremos a seguir ao longo de minha pesquisa.

---

<sup>22</sup> BRESCIANI, Maria Stella. "Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)"; "A cidade das multidões, a idade atemorizada"; "Sanitarismo e a configuração do espaço urbano" In: **Da cidade e do urbano**: experiências, sensibilidades, projetos. São Paulo: Alameda, 2018, p. 208

## 2. RAZÕES E RESULTADOS DA COMUNA

### 2.1. O caminho para a Comuna

Ainda enquanto ocupava a presidência da República, Luíz Bonaparte já tinha planos para revitalizar Paris. Após o golpe de estado de 1851, em que se tornou o imperador Napoleão III, ele iniciou o mais arrojado projeto de renovação urbana da história do Ocidente. Esse projeto perdurou até a queda do Segundo Império, em 1870. Já em, 1853, o ano seguinte após sua coroação, o Imperador designou o Barão Haussmann como chefe do departamento do Sena, encarregando-o de liderar a reurbanização de Paris. O projeto tinha como objetivo principal melhorar as condições de segurança, circulação e salubridade da capital francesa.

Naquele período, Paris ainda conservava características típicas de uma cidade medieval europeia<sup>23</sup>, com ruas estreitas, insalubres e desordenadas, prejudicando a higiene, a segurança, a fluidez do tráfego e a moralidade pública. Entre 1853 e 1869, vinte e cinco mil edifícios foram demolidos e setenta mil novos foram erguidos, além da instalação de uma rede de esgoto de aproximadamente seiscentos quilômetros. Essas transformações só se tornaram possíveis pelas novas regulamentações do regime

---

<sup>23</sup> Assegurar que Paris era medieval antes da reforma de Haussmann seria um discurso oficial, porém alguns historiadores, como Françoise Choay, no seu livro *A regra e o modelo*, afirmam que, na Europa medieval, paralelamente ao direito consuetudinário (conjunto de costumes e práticas sociais que são aceitos como norma jurídica), que assegurava a perpetuação de uma ordem urbana tradicional, existiam textos elaborados no seio das comunas que contribuíram para uma edificação racional do quadro urbano e para produção de soluções arquitetônicas inéditas. A geometria de Euclides fazia parte da formação dos arquitetos já na alta Idade Média. Os registros de Siena na Itália mostram que existia uma preocupação quanto às necessidades dos habitantes e o favorecimento da realização e desenvolvimento das atividades urbanas contribuindo para o embelezamento da cidade. Nestes registros é possível ver a preocupação com redes de distribuição de água e alargamento das vias para melhor condição sanitária. Proibição da altura das casas e construção de jardim público e hospitais faziam parte da normalização e regularização do tecido das cidades. Portanto, na Idade Média existia um planejamento urbanístico. Em Paris os textos que organizam o espaço urbano racionalizando-o ficavam nas mãos do poder real e político com o nome primeiramente de polícia e depois de administração. Ficava reservado à polícia vigiar a regularidade e a forma das construções, prescrever o alinhamento, a construção e altura das casas, conservar a largura e a liberdade da via pública (*Traité de la Police*, N. de Lamare). Haussmann justifica e racionaliza todas suas decisões nas suas Memórias, ele estava a serviço do poder executivo de Napoleão III e justificava sua arbitrariedade imposta na reforma urbanística de Paris. Pierre Patte, arquiteto de Luís XV, publicou, em 1769, a obra *Memoire sur les objets les plus importants de l'architecture*, segundo ele para a beleza de uma cidade, não é necessário que ela seja feita com exata simetria, convém evitar a monotonia, é necessário variedade e contraste das formas, a fria uniformidade faz lamentar a desordem das cidades (p. 11). Ele critica o “conserto” dos inconvenientes a que a cidade está sujeita como a desordem e a falta de higiene. Patte critica a realização de um projeto urbanístico brutal que seria um trauma para os habitantes, ele prefere um processo lento e contínuo (p. 65), isto será visto um século depois na reforma de Haussmann.

CHOAY, Françoise. *A regra e o modelo: sobre a teoria da arquitetura e urbanismo*-2ed.-São Paulo: Perspectiva, 1010 p.26-31

LAMARE, E.N. de. *Traité de la Police*. Paris, 1705-1738 p.10

PATTE, P. *Memoires sur les objets les plus importants de l'architecture*. Paris, 1769 p.11, p.65

HAUSSMANN, G. *Mémoires*. Paris, Harvard, 1890-1893

autoritário de Napoleão III, que autorizavam a expropriação de propriedades para fins de utilidade pública e a compra compulsória de imóveis adjacentes às novas vias e bulevares. As antigas edificações eram vendidas a preços baixos para empreendedores urbanos, que as substituíam por propriedades mais atraentes, permitindo a acumulação de capital para novos investimentos.

O processo resultou em uma Paris com novos limites, nova configuração e, em certa medida, uma nova identidade: tonava-se o paradigma da Cidade Moderna. No entanto, a população mais pobre foi forçada a deixar o centro, onde os aluguéis se tornaram proibitivos, e a se estabelecer na periferia, onde não raro faltava água corrente e gás para iluminação. Assim, a capital foi dividida em duas cidades, uma rica e outra pobre. Esse "embelezamento"<sup>24</sup> de Paris também funcionou como um mecanismo preventivo contra revoltas, pois a largura dos novos bulevares, muito maiores que das ruas que até então existiam, impedia a construção de barricadas, e permitia que a cavalaria atuasse de forma mais eficiente<sup>25</sup>.

Em 1870, Napoleão III declarou guerra contra a Prússia de Bismarck, contando com o apoio da elite financeira, da Igreja Católica e da burguesia rentista. No entanto, sua popularidade em Paris sempre foi baixa, devido tanto ao golpe de Estado de 10 de dezembro de 1851, que suprimiu a oposição trabalhista, quanto ao *boom* imobiliário promovido por Haussmann, com aluguéis exorbitantes e uma crise habitacional iminente.

Em setembro de 1870, há a rendição aos prussianos no cerco de Sedan, na qual Napoleão III foi capturado, humilhado e exilado. Com a chegada dos prussianos à capital, Paris entrou em um estado de agitação ainda maior. O cerco prussiano levou os parisienses à fome extrema, forçando-os a comer animais do zoológico, ratos, cães e gatos. Essa situação provocou uma insurreição popular que derrubou o império e instaurou a Terceira República.

O governo provisório da Terceira República eventualmente se rendeu, encerrando a resistência de Paris. O rei Guilherme II da Prússia foi proclamado imperador da Alemanha no Salão dos Espelhos do Palácio de Versalhes de Luís XIV. Como resultado, a Alsácia e a Lorena foram cedidas à Alemanha através do tratado de paz assinado por Thiers, chefe do poder executivo, o que causou grande revolta e um aumento na

---

<sup>24</sup> Hoje, poderíamos talvez falar em "gentrificação".

<sup>25</sup> JONES, Colins. Paris. **Biografia de uma cidade**. Tradução de José Carlos Volcato e Henrique Guerra. 6. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017, p. 323 a 342.

impopularidade do governo. Em Montmartre, um batalhão da Guarda Nacional se recusou a entregar as armas e se insurgiu contra o governo de Thiers, estabelecendo um governo provisório conhecido como a Comuna.

## 2.2. *A Comuna: Causas e Consequências*

### 2.2.1. A Revolução de 1848

De acordo com Karl Marx, em seu clássico *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, a Revolução de 1848 representa uma revolução proletária que remonta à Revolução Francesa. O Estado reagiu a esse inesperado levante popular restaurando uma forma de poder antiga: o domínio monárquico com o apoio da igreja e dos militares. Esse retrocesso ocorreu em duas fases distintas.

Inicialmente, em 1848, a abdicação de Luís Felipe pôs fim à Monarquia de Julho e posteriormente deu início à Segunda República. A combinação de crise política causada pelos adversários do regime, dificuldades econômicas devido a quebras de safra e a diminuição dos negócios levou à revolta de fevereiro de 1848. O rei Luís Filipe abdicou rapidamente e fugiu para a Inglaterra, tornando-se o último rei dos franceses. Luís Filipe havia introduzido uma constituição mais liberal e cultivado uma imagem pessoal popular, distanciando-se da restauração e rejeitando a união "Trono e Altar". Suas cerimônias eram laicas e populistas. Essas mudanças, no entanto, não foram suficientes para aplacar a insatisfação popular com seu reinado.

No Hôtel de Ville, prefeitura de Paris, foi estabelecida uma República que imediatamente introduziu uma legislação liberal e humanista, adotando o sufrágio universal masculino, abolindo a escravatura nas colônias francesas, fixando a jornada de trabalho em dez horas e criando oficinas nacionais<sup>26</sup> para empregar os famintos e desempregados.

No entanto, a burguesia logo se afastou do movimento popular e fechou as oficinas nacionais. Em junho de 1848, o regime reprimiu brutalmente a oposição radical. Em seguida, entre junho de 1848 e 1849, estabeleceu-se a República burguesa, momento em que os líderes proletários foram afastados. A burguesia formou um grupo contrarrevolucionário, em oposição aos operários. Embora parecesse promover a

---

<sup>26</sup> As oficinas nacionais organizadas pelo decreto de 27 de fevereiro de 1848, para os operários sem trabalho, que recebiam um salário cotidiano de dois francos. Essa organização custava mais de 150.000 francos por dia ao Estado. Além disso, as oficinas nacionais eram o centro de uma grande agitação socialista, que paralisava o comércio e atemorizava a burguesia.

liberdade, na prática, restringiu-a, buscando a restauração de um período napoleônico, militarizado e imperial.

Em 1849, ocorreu a dissolução da Assembleia Constituinte e a aliança dos monarquistas com Luís Bonaparte. O príncipe foi eleito presidente da Segunda República, resultando na traição do partido proletário pela burguesia. Nessa Segunda República, os monarquistas, que incluíam os Bourbons, os latifundiários e os Orleans, os especuladores financeiros, obtiveram um poder mais amplo. Uniram-se, em última instância, para dominar o proletariado. O partido da ordem, composto por burgueses e nobres, tinha como objetivo controlar o que via como a anarquia promovida pelas lutas proletárias, permitindo que a burguesia governasse sem o veto do Executivo.

Durante a Monarquia de Julho (1830-1848), a burguesia estava no poder, mas agora governava sem as restrições das leis que protegiam a sociedade contra a tirania. Bonaparte identificou-se com essa causa, afastou-se do partido e preparou um golpe de estado. As classes exploradas, compostas por proletários, vagabundos, presidiários e marginais, era vista como algo que demandava controle. As classes trabalhadoras eram vistas como "perigosas", e o crime e o vício dos pobres eram retratados como doenças sociais que impediam o progresso das cidades rumo à modernidade.

O regime reprimiu brutalmente a oposição radical nas ruas de Paris, causando uma divisão no coração da nova república. As instituições perderam o controle, abrindo caminho para um golpe que se legitimava com base em um discurso que ressaltava a necessidade de neutralizar as classes consideradas marginais. Napoleão deu um golpe no próprio partido. A crise econômica serviu de pretexto para controlar a imprensa, reforçar o ensino clerical e acabar com as instituições. Em 2 de dezembro de 1851, Napoleão dissolveu a Assembleia e, em 20 do mesmo mês, ratificou o golpe de estado. Ele se apresentou como garantia da ordem e assumiu um poder ditatorial por dez anos, transformando-se em cônsul, como seu tio.

### 2.2.2. O Segundo Império: Sociedade burguesa e cidade moderna

Em 1852, um plebiscito restaurou o império e formou o Segundo Império, movimento que pode ser lido como uma usurpação imperial contra a República. O regime republicano, burguês, formado por uma burguesia agrária e industrial que governava o proletariado, foi substituído por um Império militarista. Bonaparte identificou-se com o

partido da ordem, que promovia a união entre monarquia e burguesia, mas que não resolveu o problema da anarquia. Por ter vindo do partido da ordem, Bonaparte foi aceito pela burguesia do partido, que aplaudiu o golpe de estado. Segundo Marx no seu já mencionado trabalho *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*, publicado em 1852, a revolução só se tornou possível por causa do golpe, desmascarando a falsa ideia de aliança entre burguesia e proletariado. O golpe foi uma farsa que evidenciou a traição da burguesia na luta de classes, mostrando que os burgueses são inimigos do proletariado e agem contra suas próprias ideias em favor de seus interesses.

O Estado separou-se da sociedade civil, e Bonaparte tornou-se o representante e a própria lei da classe dominante, ignorando as forças civis autônomas. Sem consciência de classe, essa camada social no poder não tinha força, necessitando ser representada por Napoleão, que se afastou dos partidos políticos com suas próprias representações. O Imperador se valia de uma espécie de sebastianismo dos camponeses franceses, que acreditavam em Napoleão e esperavam dele uma salvação. Além disso, com muitas dívidas, o campesinato tornara-se uma massa manipulável pelo Imperador.

Marx, no texto referenciado acima, considera o golpe uma farsa porque imita o imaginário napoleônico, mas de forma muito mais limitada. Ele comparava Napoleão a um ilusionista, que criava uma estrutura semelhante àquela de seu tio, governando por meio de confusão, gerando uma sensação de anarquia e desordem que, por sua vez, criava a demanda de alguém para aplacar essas mazelas. Napoleão produzia a desordem para então oferecer uma solução em nome da ordem, convencendo a todos que era necessário desinstitucionalizar a sociedade, desta forma se tornando indispensável.

Embora a elite política tendesse a subestimar o novo Bonaparte, ele acabou mesmo assim tomando o poder. O Segundo Império colocou Paris novamente no centro de seus projetos. No entanto, não seria a Paris da modernidade revolucionária, mas sim uma cidade de transformação urbana e novos estilos de vida, processo que culminaria na Comuna de Paris.

Walter Benjamin analisou em sua obra *Paris, capital do século XIX* (1935) essa sociedade burguesa parisiense através de Baudelaire. O filósofo alemão dedicou sua vida a investigar o fenômeno que via como um substrato vestigial do alto capitalismo, no qual estavam incrustadas as fantasias e desejos populares. Segundo Benjamin, Paris no século XIX tornou-se o local onde o capitalismo mais se desenvolveu, servindo como vitrine

para esse novo aspecto do capitalismo. Após a reforma de Haussmann, Paris tornou-se uma vitrine para a fetichização das mercadorias, representando uma nova forma de capitalismo. As passagens, gêneses das galerias comerciais do século XX, surgiram como resultado desse desenvolvimento, transformando-se em centros de comércio de luxo focados na visibilidade das mercadorias. Essas passagens atendiam à necessidade de espaços onde uma sociedade baseada em classes pudesse socializar e se envolver em hábitos consumistas de inveja e competição.

Benjamin, ainda na sua obra *Paris, capital do século XIX* (1935), via Paris como o epicentro da arquitetura de ferro, que se tornou um símbolo da identidade da cidade, projetando uma imagem de um futuro construído pelo capitalismo. O culto à mercadoria nessas passagens era visto como uma utopia social. A Passagem dos Panoramas, localizada no Boulevard Montmartre, surgiu junto com a fotografia, apresentando uma montagem de várias fotos na entrada. Isso produziu uma literatura sensível, transformando a cidade em uma paisagem que expressava a superioridade do homem urbano em relação ao rural, do homem moderno em relação aos seus antepassados.

A produção de uma literatura que partia e se centrava sobre essas relações, sensível à sociedade e suas mudanças, transformava a própria cidade em uma paisagem. Outro processo foi a substituição da pintura pela fotografia para representar o mundo. Benjamin também discutiu o caricaturista Grandville, que criou imagens satíricas da sociedade, relacionando-as com Exposições Universais, que serviam como vitrines para exibir a tecnologia e produção de cada país. As Exposições eram locais de culto às mercadorias, onde os trabalhadores se transformavam em consumidores atraídos pelos fetiches do comércio.

Nelas, glorificava-se o valor de troca das mercadorias, uma ilusão que atraía o proletariado para o capitalismo. Essa atração era facilitada pela distração, fazendo com que os trabalhadores consumissem o fetiche do capitalismo, marcando o nascimento da indústria do entretenimento. As vitrines, a arquitetura de ferro e as passagens alienavam os homens de si mesmos e dos outros, retirando-lhes a capacidade de construir uma consciência de classe e de se situar como indivíduos em relação aos outros e a si mesmos, resultando em uma alienação total.

A moda cria elementos para serem adorados e rapidamente substituídos, mantendo assim a contínua adoração dos consumidores. Grandville ilustra a alienação da vida

cotidiana através de suas imagens, que circulavam na grande imprensa. A moda estabelece um ritual que coloca mercadorias em um pedestal, transformando-as em objetos de desejo. É um culto compartilhado por todos, no qual um determinado objeto adquire mais valor por estar na moda e carregar consigo a aura do fetiche, um valor ilusório, da mercadoria. Paris se confunde com a capital de luxo e da moda, sendo o espaço onde se constrói o fetichismo da mercadoria. É em Paris que o capitalismo do século XIX se reforça, diferentemente da Londres da época, suja e cheia de fumaça, ainda repleta de vielas e problemas urbanísticos.

Luís Filipe (1830-1848), o rei burguês, que inaugura as monarquias do século XIX na França, também participou desse processo na criação de uma sociedade burguesa moderna parisiense. Ele não foi um rei aristocrata e taumaturgo, mas um monarca escolhido pelos cidadãos, representando o homem comum que valoriza sua vida privada. Ele resguarda sua vida familiar, e diferencia o espaço público do privado, com a sala de visita sendo pública e o quarto, privado. A arquitetura de seu reinado reflete essa dinâmica.

Junto com esse homem privado, surge o estilo *art nouveau*, um estilo decorativo para casas que glorifica a alma solitária e a interioridade das pessoas. Esse estilo, produzido quase artesanalmente, destaca elementos como flores e natureza, simbolizando uma resistência da artesanaria à técnica. Surge também a figura do colecionador, que glorifica os objetos que possui, retirando-os da circulação capitalista e atribuindo-lhes valor pessoal<sup>27</sup>.

Benjamin analisa Baudelaire e as ruas de Paris, nas quais o poeta, com seu olhar de *flâneur*, transforma Paris em objeto de poesia lírica. O *flâneur*, uma figura do século XIX, aproveitava o anonimato da multidão urbana, experimentando um espaço social democrático e não-hierárquico. Ele compreendia as contradições desse mundo e o papel da turba na cidade contemporânea, sendo o primeiro a se desdobrar sobre essa novidade das cidades modernas.

O *flâneur* frequentava o mercado e observava as mercadorias, consciente do mercado de sua própria obra. Ele pertencia à boemia, um grupo social e cultural indefinido com um papel político também indefinido, que poderia ou não ser proletário.

---

<sup>27</sup> BENJAMIN, Walter. **Paris, capital de siglo XIX** (1935). In: El París de Baudelaire. Trad. Mariana Dimópulos. S.l.: Titivillus, s.d. Item 4, Louis-Phillippe o el interior.

Essa boemia, sem consciência de classe, gerava muitos conspiradores, mas poucos revolucionários, e era movida pelo *spleen*, um estado de tristeza e melancolia pouco afeita à organização política.

Segundo Benjamin, as passagens cobertas são como casas, mas também se assemelham a ruas onde se pode caminhar, formando uma imagem ambígua que mescla interioridade e exterioridade. Comparável à prostituta, que é tanto vendedora quanto mercadoria, essas passagens definem o capitalismo representado nas ruas de Paris e na poética de Baudelaire. Benjamin relaciona isso à moda e à arte, que se rendem ao mercado pela busca do novo e da novidade. Tanto a arte capitalista quanto a arte pela arte acabam por ser alienadas, ainda que de formas distintas.

Com a reforma de Haussmann, surgem longas ruas alargadas que impedem a construção de barricadas, criando espaços para a circulação de mercadorias e a expressão da burguesia. Isso abstrai a existência humana, enobrece necessidades técnicas e a estética urbana para glorificar o capitalismo, transformando Paris em uma cidade alienada e burguesa. Haussmann manifesta ódio pela população proletária, e se autodenomina um artista demolidor. Ele cria sua obra de arte destruindo as moradias dos pobres e alienando os parisienses da sua própria cidade. Paris se torna uma cidade bela e burguesa e alienada, uma realidade da qual os *communards* têm plena consciência desta alienação, e pretendem mudar.

A Comuna de Paris elimina a esperança de um acordo com a burguesia e se torna uma verdadeira revolução proletária e antiburguesa. A burguesia, que sempre praticou a luta de classes, recupera o ideal revolucionário, mas fracassa nessa aliança. Passagens, pavilhões e Exposições Universais são ilusões criadas pelo capitalismo, exigindo astúcia para desfazê-las na Paris de Baudelaire, e perceber as contradições do capitalismo como uma ruína civilizatória. A glorificação do capitalismo produz precisamente essa ruína. A Paris de Haussmann é uma obra de arte do capitalismo e, portanto, uma forma de alienação. Nesse contexto, juntamente com a ascensão da ideologia e o desenvolvimento político dos ideais socialistas entre o proletariado europeu, expressos pela expansão da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), o regime bonapartista começa a declinar, culminando na eclosão da Comuna de Paris em 1871.

### 2.2.3. A Comuna

Em 4 de setembro de 1870, após a derrota da França na Batalha de Sedan, os deputados republicanos de Paris tomaram o poder, estabelecendo um governo provisório de defesa nacional. O armistício assinado com Bismarck, primeiro chanceler da Alemanha, estipulava a eleição de uma Assembleia Nacional para decidir entre continuar a guerra ou fazer a paz. A maioria dos eleitores queria a paz, exceto em Paris, principalmente no leste da cidade. Os resultados das eleições foram: quatrocentos monarquistas, duzentos republicanos e trinta bonapartistas. A Assembleia Nacional se reuniu em Bordeaux em 12 de fevereiro de 1871, elegendo Thiers como chefe do poder executivo da República Francesa. Duas tarefas foram impostas ao governo e à Assembleia: liberar o território e reorganizar a França. Nesse momento, começou uma terrível guerra civil, a Comuna, cuja insurreição durou de março a maio de 1871, deixando de lado essas decisões.

Essa crise foi provocada pela situação em Paris, especialmente pela existência de grupos revolucionários na capital e pelas provocações da Assembleia, ao menos a partir do olhar dos parisienses. A população de Paris, especialmente nos bairros operários do centro e do Leste, estava em um estado de profundo desequilíbrio físico e moral no final do cerco prussiano. Além disso, a miséria era enorme devido ao desemprego; alguns sobreviviam com apenas 1,50 franco por dia, o equivalente ao salário da Guarda Nacional, uma pequena ajuda financeira do governo. O povo estava desesperado com a presença dos prussianos em Paris<sup>28</sup>.

Nos últimos anos do Segundo Império, Paris abrigava grupos revolucionários, como os jacobinos e os socialistas-internacionalistas, que buscavam mudanças sociais. A influência desses grupos sobre os trabalhadores aumentou durante o cerco e após o armistício. Para defender a cidade, formou-se uma Federação Republicana da Guarda Nacional. Os revolucionários estabeleceram um Comitê Central, que criou Comitês vinculados aos vinte distritos parisienses, com o objetivo de "vigiar" e garantir a consolidação de um regime democrático.

A maioria monarquista votou pela eliminação do apoio financeiro aos membros da Guarda Nacional, agravando a situação dos trabalhadores. Além disso, em 10 de março, decretaram a retomada dos pagamentos de dívidas e aluguéis suspensos durante o cerco, levando mais de 150 mil parisienses à falência em apenas quatro dias. No mesmo

---

<sup>28</sup> MALET ET ISAAC. **La naissance du monde moderne** 1848-1914 – Histoire 4 - Librairie Hachette, 1961 Collection fondée Georges Liébert et dirigée par Joel Roman.p. 135.

dia, a Assembleia decidiu transferir sua sede para Versalhes, um gesto considerado insultuoso pelos parisienses, que viam Paris como a capital da França e a sede do governo.

Pelo acordo de armistício, a Guarda Nacional parisiense manteve suas armas, incluindo 500 mil fuzis e 210 canhões. Na manhã de 18 de março, um regimento marchou até Montmartre e apreendeu as armas. Uma multidão de guardas, mulheres e crianças incentivou os soldados a se unirem ao povo. A insurreição se espalhou rapidamente pelo centro e leste de Paris. Apesar da oposição dos ministros, Thiers decidiu não resistir, executando um plano que havia proposto em 1848 a Luís Filipe: deixar os insurgentes livres para fazerem uma guerra regular, a fim de esmagá-los mais facilmente.

Com a ida do governo para Versalhes, o Comitê Central assumiu o controle de Paris e organizou a eleição de um conselho de *communards*, majoritariamente revolucionário, nomeado de Comuna de Paris. Alguns membros buscavam reformas, outros uma revolução, mas a Comuna não teve tempo para transformar o regime político ou social. A Comuna contava com 200 mil homens, mas apenas 30 mil formavam a Guarda Nacional Federada, seu exército. O governo de Thiers tinha 100 mil homens bem treinados e Bismarck acelerou o repatriamento dos prisioneiros para lutar contra a Comuna.

A guerra civil durou dois meses, de abril a maio de 1871, representando um segundo cerco a Paris, desta vez com os alemães como espectadores. Após a entrada do exército de Versalhes em Paris, a guerra civil transformou-se em combates e escaramuças de rua. Durante a "Semana Sangrenta", de 22 a 28 de maio daquele ano, o exército reprimiu as forças da Comuna no leste da cidade. A luta foi intensa, com execuções sumárias de ambos os lados e incêndios provocados pelos *communards* agravando ainda mais a atmosfera hostil.

Durante essa semana, as tropas invadiram Paris, resultando em uma violência extrema. Ao final, os rebeldes foram empurrados para Montmartre, Belleville e Ménilmontant, destacando que o radicalismo trabalhista, anteriormente deslocado do centro pela haussmannização, agora estava nos bairros periféricos. Nesse sentido, a Comuna foi a vingança dos expulsos de suas casas e bairros. Várias partes de Paris foram incendiadas pelos *communards* e *communardes*, incluindo alvos como o Palácio das Tulherias e o Hôtel de Ville. Desde os tempos dos vikings, Paris não via tanta destruição.

As mulheres, conhecidas como *petroleuses*<sup>29</sup>, foram amplamente culpadas por lançar bombas incendiárias, embora tais acusações fossem alimentadas principalmente por um pânico misógino.

As mulheres desempenharam um papel significativo durante a Comuna, com algumas delas lutando incansavelmente ao lado dos *communards* e outras cuidando dos feridos. Louise Michel (29/05/1830 - 22/01/1905) se destacou na insurreição, sendo chamada de "incendiária" pelos opositores, e de "boa Louise" pelos amigos. Mulher de letras, professora e autora de uma vasta obra de textos políticos e poemas, Louise nasceu como filha ilegítima de uma família rica, e teve uma educação incomum para sua época, influenciada por autores iluministas como Voltaire e Rousseau. Correspondia-se com Victor Hugo, o que a sensibilizou para os problemas sociais, tornando-se defensora da liberdade, igualdade e fraternidade<sup>30</sup>.

Louise Michel era uma fervorosa republicana, e se opunha ao império de Napoleão III, que Victor Hugo apelidou de "nanico". Em suas memórias sobre a Comuna, ela se descreve como presidente do Comitê de Montmartre. Durante a Comuna, lutou com o uniforme da Guarda Nacional no forte de Issy e integrou o Sexagésimo Primeiro Batalhão. Entre a tomada de Paris e a Semana Sangrenta, Louise continuou dedicada à educação, enfatizando o ensino laico, algo raro na época, e mantendo seu trabalho no Comitê.

As organizações femininas da época batalharam para que as mulheres obtivessem o direito ao divórcio, o reconhecimento das uniões livres e a legalização do registro de filhos nascidos fora do casamento. Em 3 de abril de 1871, a Comuna implementou a separação entre Igreja e Estado, e estabeleceu a educação gratuita, laica, universal e obrigatória, tanto para meninos quanto para meninas, causas defendidas por Louise. Naquele mesmo dia, quinhentas mulheres se reuniram na Praça da Concórdia para marchar até Versalhes, e no trajeto foram acompanhadas por mais outras setenta. No entanto, os líderes da Comuna impediram a marcha para fora de Paris. Em resposta, foi criada em 11 de abril a União das Mulheres para a Defesa de Paris. Entre suas integrantes

---

<sup>29</sup> As *communards*, mulheres que participaram da Comuna de Paris de 1871, foram chamadas de "petroleuses" devido à acusação de que estavam envolvidas em incêndios criminosos durante o levante. O termo "petroleuses" significa "mulheres que usavam petróleo" ou, mais especificamente, "mulheres incendiárias."

<sup>30</sup> LODI, Samantha. **Louise Michel**: Pertencem à Revolução Social. São Paulo: Entremares, 2022.

estavam Nathalie Le Mel<sup>31</sup>, Elisabeth Dmitrieff, Marcelina Leloup, Aline Jacquier, Thérèse Colin, Aglaé Jarry e Branche Lefevre, que foi morta em uma barricada em 23 de maio. Durante a Semana Sangrenta, Louise Michel se entregou às tropas de Versalhes em troca da liberdade de sua mãe, que havia sido capturada. Ela foi presa, julgada e exilada na Nova Caledônia, na Polinésia Francesa. Michel retornou a Paris em 1880 como militante anarquista, foi presa diversas vezes e se tornou um símbolo da luta feminina na França.

Ao final da Semana Sangrenta, as tropas de Versalhes, com a permissão dos prussianos, dominaram quase toda Paris. Aproximadamente vinte mil pessoas morreram durante a semana, trinta e cinco mil parisienses foram presos, dez mil foram julgados e cinco mil foram condenados ao exílio na Nova Caledônia. Cem mil pessoas fugiram da cidade. Paris estava profundamente dividida. Flaubert observou que metade da população estrangulava a outra com satisfação<sup>32</sup>. A Assembleia Nacional aprovou uma lei para a construção da Basílica do Sacré-Cœur em Montmartre como expiação pelos crimes da Comuna, uma decisão que, em vez de pacificar, exacerbava ainda mais as divisões. Os partidários da esquerda nutriam um intenso ódio pelo monumento, reverenciando seus próprios locais de memória, especialmente o Mur des Fédérés no cemitério Père-Lachaise, onde mais de mil *communards* foram enterrados após serem fuzilados. A Comuna foi violentamente destruída, e sua derrota impediu a formação de comunas em outras cidades e regiões da França. Em agosto de 1871, Thiers se tornou presidente da República Francesa, permanecendo como chefe de governo apesar da crise recente.

#### 2.2.4. Pós-Comuna

A Comuna encenou um episódio de radicalismo urbano cheio de coragem e gestos simbólicos. Um dos atos mais marcantes foi a derrubada da Coluna Vendôme, erguida por Napoleão. O historiador americano Matt K. Matsuda, em seu livro *The Memory of the*

---

<sup>31</sup> Nathalie Perrine Duval, participante da AIT, participou de uma greve pedindo salários iguais para homens e mulheres, uma das fundadoras da União das Mulheres, destacou-se na barricada da Praça Pigalle dirigindo um grupo de mulheres. Condenada pelo conselho de guerra, vai para Nova Caledônia na mesma embarcação que Louise Michel, com a anistia volta para França e continua a lutar pelos direitos das mulheres, morre no hospício d'Ivry-sur-Seine. Elizaveta Loukinitcha Koucheleva, nascida em família nobre, recebeu boa educação e falava várias línguas, era amiga da família de Marx e pode ter sido enviada por ele à Comuna para trazer informações. Dirigiu a União das Mulheres. Foi condenada à deportação fortificada pelo conselho de guerra em outubro de 1872, e anistiada em 1879.

<sup>32</sup> Carta 13 escrita para George Sand 7/4/1871. Esta frase reflete o desespero e o cinismo de Flaubert em relação ao caos e à violência da comuna em Paris, onde ele acreditava que a brutalidade estava profundamente enraizada na sociedade.

*Modern*,<sup>33</sup> comenta a derrubada desse monumento imperial em 16 de maio de 1871, durante a Comuna. A coluna, feita de canhões fundidos usados na batalha de Austerlitz, homenageava os soldados e a pátria, e estava diretamente associada a Napoleão. Foi encomendada pelo próprio Napoleão Bonaparte em 1806, e representava uma estátua sua, vestido como imperador romano, servindo como símbolo da identidade imperialista. Em 1814, após a ocupação de Paris pelas tropas aliadas, a estátua foi substituída por uma bandeira branca com lírios durante a Restauração. Em 1833, uma nova estátua de Napoleão foi colocada no topo da coluna, sob os olhos de Luís Felipe, que buscava se apropriar da glória do Império. Antes da coluna, havia ali uma estátua equestre de Luís XIV, derrubada durante a Revolução Francesa, demonstrando que, em cem anos, a Praça Vendôme foi palco da destruição de símbolos de poder. A derrubada da coluna foi um dos últimos atos da Comuna.

A queda desse monumento foi um ato de anticomemoração, uma ruptura com o passado imperial e napoleônico, e um protesto em relação à traição aos princípios revolucionários. Napoleão III utilizou a coluna para legitimar seu governo. Em 1840, o corpo de Napoleão foi trazido de Santa Helena para o Palácio dos Inválidos, onde está até hoje. A estátua no topo da coluna simbolizava um dublê do corpo de Napoleão. O processo de derrubada foi liderado pelos *communards*, com Gustave Courbet, então presidente da Federação dos Artistas e aluno de Jacques-Louis David, sugerindo em 1870 a derrubada do monumento. Em 1871, a Comuna adotou as ideias de Courbet, considerando a estátua um ataque aos princípios revolucionários por agregar valores contrarrevolucionários, e decidiu substituí-la. Courbet convenceu a justiça a autorizar a derrubada, argumentando a falta de valor artístico da estátua, embora ele acreditasse que o monumento insultava por exaltar vitórias militares. A Comuna durou pouco, e Courbet foi forçado a se exilar na Suíça. O caso de Courbet representava uma disputa de memória, prevista por Marx em seu já citado *18 Brumário*. Marx escreveu que "Quando o manto imperial finalmente cair sobre os ombros de Luís Bonaparte, a estátua de bronze de Napoleão despencará do alto da coluna de Vendôme"<sup>34</sup>, frase escrita vinte anos antes da derrubada do monumento, e que possivelmente inspirou Courbet. Jules Vallès, um representante eleito da Comuna, via na derrubada da coluna uma tentativa de estabelecer uma nova memória histórica. Ele acreditava na necessidade de eliminar tanto o corpo de Napoleão quanto sua estátua, pois

---

<sup>33</sup> MATSUDA , Matt K. **The Memory of the Modern**. Oxford University Press, 1996, p. 19 – 59.

<sup>34</sup> MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Napoleão**, São Paulo, Boitempo, 2019, p. 154

não eram apenas patrimônios públicos, mas também relíquias que pertenciam à nação e tinham valor sagrado e espiritual.

Após a Comuna, durante a restauração de Thiers, ele ordenou a exumação e embalsamento do Arcebispo de Paris, assassinado pelos *communards*, marcando o fim da política iconoclasta e a restauração da memória antiga. A destruição da coluna não foi apenas uma demonstração antimilitarista e uma ruptura com Napoleão e com o neoclassicismo, mas também um ataque à cultura nacional e ao exército, ameaçando a herança cultural da França.

Frédéric Passy, político francês laureado com o Nobel da Paz, defendia que a derrubada violenta da coluna Vendôme não era justificável. Para ele, a remoção deveria simbolizar a França como uma nação, e não uma ação destrutiva e divisionista. Segundo Passy, se a Comuna substituísse o Império pela pátria, o monumento, que havia se tornado um patrimônio nacional, não deveria ser destruído. Ele via a tentativa de destruição como uma forma de apagamento da memória nacional e uma ruptura com a história.

Já o romancista francês Barbey d'Aurevilly, com uma visão mais conservadora, argumentava que o bronze da coluna simbolizava o sangue dos heróis que morreram pela nação. Para ele, a coluna era quase viva, representando a santidade construída com o sacrifício dos soldados franceses. Tanto Passy quanto d'Aurevilly condenaram a destruição do monumento e defenderam sua reconstrução, acreditando que a construção tinha um caráter sagrado como relíquia nacional. Em 1875, a coluna foi reconstruída.

A Comuna de Paris foi uma das mais marcantes rebeliões europeias do século XIX. Os parisienses, representando a classe trabalhadora da época, mostraram-se destemidos e determinados. A singularidade da Comuna residia em ser um governo formado e dirigido por trabalhadores. Dos oitenta membros eleitos, a maioria eram assalariados: operários, artesãos, comerciantes, advogados e artistas, sem a presença de latifundiários ou grandes empresários.

A Comuna, que durou apenas setenta e dois dias (18/03/1871 - 28/05/1871), instaurou o primeiro autogoverno proletário da história em meio à ascensão do capitalismo e ao florescimento das ideias socialistas. Ela restabeleceu o calendário revolucionário de 1793, separou a Igreja do Estado, confiscou espólios sem herdeiros, aboliu a pena de morte e o serviço militar obrigatório, dissolveu o exército regular, instituiu a igualdade de gênero e eliminou o trabalho noturno.

Residências vazias foram desapropriadas e redistribuídas, com comitês organizando a ocupação dessas moradias. A Comuna também reorganizou as finanças públicas, incluindo correios, assistência pública e telégrafos, e promoveu a educação gratuita, laica e compulsória, revitalizando o ensino noturno, instituindo turmas mistas e aumentando o salário dos professores.

No campo trabalhista, a Comuna reformulou as leis, reduzindo a jornada de trabalho, abolindo descontos salariais, legalizando sindicatos e eliminando taxas para casamentos, testamentos, adoções e contratação de advogados. Qualquer estrangeiro podia integrar a Comuna, desfrutando dos mesmos direitos dos cidadãos franceses.

O regime da Comuna não prosperou devido à inexperiência dos *communards*, que não tiveram tempo suficiente para expandi-lo e testá-lo no restante da França. Além disso, cometeram erros estratégicos na defesa da cidade contra as tropas de Adolf Thiers, que foram posteriormente reforçadas por pelotões prussianos. A Comuna hesitou em romper com a legalidade republicana e em abolir a propriedade burguesa, o que teria sido necessário para eliminar a escravidão assalariada. Um dos erros críticos foi não usar os canhões para tomar o Banco da França, uma ação que teria fornecido os recursos financeiros necessários para a sobrevivência da Comuna<sup>35</sup>.

Coggiola afirma que segundo Karl Marx,<sup>36</sup> a derrota da Comuna também se deve ao fato de que, desde o início, a Guarda Nacional deveria ter marchado sobre Versalhes, que estava indefesa. No final, as tropas de Versalhes reconquistaram Paris bairro a bairro. Outro erro foi permitir que o exército regular deixasse Paris.

Apesar da sua curta duração, a Comuna influenciou o desenvolvimento das correntes revolucionárias e reformistas dentro do movimento operário francês e europeu até 1914. Nas eleições francesas de 1876, os republicanos venceram os monarquistas. Eles se uniram para combater o clero e retirar das congregações o controle do ensino, promovendo uma educação laica, gratuita e obrigatória como base do regime político.

---

<sup>35</sup> COGGIOLA, Osvaldo. **A derrota da Comuna de Paris e suas consequências**. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-derrota-da-comuna-de-paris/>.

<sup>36</sup> COGGIOLA, Osvaldo. **A derrota da Comuna de Paris e suas consequências**. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-derrota-da-comuna-de-paris/>.

Mario Sergio Conti, em seu artigo sobre a Comuna de Paris, *Comuna de Paris, ocorrida há 150 anos, muda de sentido a cada efeméride*,<sup>37</sup> menciona que suas decisões foram claras e refletiam aspirações razoáveis que, no entanto, continuam negadas até hoje, tanto no Brasil quanto na França. Recentemente, por exemplo, Jean-Luc Mélenchon, líder da oposição, destacou que os "gilets jaunes" exigiram exatamente essas reformas. Em resposta, Macron, então presidente da República Francesa e defensor dos ideais de Versalhes, respondeu com repressão, incluindo balas de borracha, cacetadas, processos judiciais e oitocentas de penas de prisão.

---

<sup>37</sup> CONTI, Mario Sergio. **Comuna de Paris, ocorrida há 150 anos, muda de sentido a cada efeméride**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mariosergioconti/2021/05/comuna-de-paris-ocorrida-ha-150-anos-muda-de-sentido-a-cada-efemeride.shtml>

### 3. A COMUNA DE PARIS NA PERSPECTIVA DE ZOLA E FLAUBERT

#### 3.1. *Émile Zola*

Émile Zola foi um importante escritor francês do século XIX, conhecido por ser um dos principais representantes do movimento literário naturalista. Ele nasceu em 2 de abril de 1840 em Paris, França, e morreu em 29 de setembro de 1902. Zola desempenhou um papel fundamental na literatura francesa e teve uma influência duradoura no desenvolvimento do romance moderno.

Zola nasceu em Paris, mas passou parte de sua infância em Aix-en-Provence. Depois da morte de seu pai, a família enfrentou dificuldades financeiras. Mudou-se então para Paris em 1858, onde trabalhou em vários empregos antes de se dedicar à escrita. Ele começou sua carreira literária como jornalista e crítico de arte. Seus primeiros romances, *La Confession de Claude* (1865) e *Thérèse Raquin* (1867), estabeleceram sua reputação como escritor.

Zola é mais conhecido por sua série de vinte romances intitulada *Les Rougon-Macquar*". Essa série, publicada entre 1871 e 1893, explora a história de duas famílias durante o Segundo Império. A obra oferece uma análise detalhada da sociedade francesa, abordando temas como a hereditariedade, o meio ambiente, e a influência social e econômica nas pessoas e em seu comportamento. Alguns dos livros mais famosos do ciclo incluem *Germinal* (1885), que trata das condições de trabalho dos mineiros, e *L'Assommoir* (1877), que aborda o alcoolismo entre os trabalhadores urbanos.

Além de sua contribuição literária, Zola desempenhou um papel crucial na defesa de Alfred Dreyfus, um oficial do exército francês injustamente condenado por traição. Em 1898, Zola publicou uma carta aberta intitulada "*J'accuse...!*", denunciando a injustiça cometida contra Dreyfus, e a corrupção no sistema judicial e militar francês. Este ato corajoso levou o autor a ser processado por difamação, e ele teve que se exilar temporariamente na Inglaterra.

Zola continuou a escrever até sua morte em 1902. Ele morreu de envenenamento por monóxido de carbono em sua casa em Paris, em circunstâncias que alguns acreditam terem sido suspeitas.

Zola é lembrado como um dos grandes mestres do romance naturalista, um movimento que buscava retratar a vida com precisão científica e sem idealização. Seus trabalhos influenciaram gerações de escritores e continuam a ser estudados e admirados por sua profundidade, realismo e compromisso com a verdade social. Além de suas contribuições literárias, sua defesa de Dreyfus destacou seu papel como um intelectual público comprometido com a justiça e os direitos humanos.

### 3.1.1. *La curée*

O romance *La curée*, traduzido como *O regabofe*, foi escrito durante o período em que aconteceu a comuna de Paris, e publicado ainda em 1871. Nesta obra, Zola denuncia a especulação imobiliária e financeira que aconteceu durante o Segundo Império, fruto da reforma de Paris sob o comando do barão Hausmann, e retrata a sociedade francesa durante aquela época.

O romance conta a história de Saccard, um homem pobre do interior que vai para Paris e enriquece rapidamente. Ele consegue um emprego no Hôtel *de Ville*, a prefeitura de Paris, e com o dote de sua esposa vai enriquecendo ao mesmo tempo em que se endividando de maneira corrupta. Ele é a imagem do especulador da época. Saccard constrói uma mansão ao lado do parque Monceau, região dos novos ricos, e lá recebe a elite da cidade, uma sociedade corrompida pelo luxo e pela prevaricação. Além de denunciar a corrupção do império, ele denuncia a podridão da sociedade da época, que fazia questão de exibir seu luxo, sobretudo nos passeios de carruagem pelo Bois de Boulogne. A Paris da época se transformara em uma sociedade do espetáculo, que só pensava no luxo e na exibição da aparência da riqueza. De um lado, tudo era belo, e de outro, a mais violenta miséria: as mansões de um lado e de outro lado os cabarés e a massa popular, que trabalhava como louca sem nenhum direito. Saccard tinha informações privilegiadas por trabalhar no Hotel de Ville, e, portanto, sabia qual rua iria ser desapropriada. Comprava então os imóveis a preços baixos e depois os vendia para o Império a preços exorbitantes. Para esse personagem, o importante era ganhar dinheiro, não importa por quais meios: intrigas, chantagem ou complô. Zola detestava Napoleão III, que via como ladrão de trono, usurpador de um poder roubado do povo, a quem como contrapartida trai, tornando o país uma nação podre e desonrada. Zola fala no livro que o Império fez de Paris o pior lugar da Europa<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> SALLES, Jean-Paul. SALLES, Marina. **La curée**: Parcours de lecture. Paris: Bertrand-Lacoste, 2000.

O título do livro é uma metáfora. “La curée” significa as vísceras e as entranhas de uma caça: os caçadores guardam as partes nobres, para consumo, e jogam para os cães estas entranhas, Paris é a caça, e são os especuladores, os cachorros, que devoram a cidade, ávidos pelo dinheiro. O protagonista do romance arranca o que pode daqueles que não tem, enriquece facilmente assim, e faz questão de mostrar essa riqueza no seu palácio. Havia uma degradação do ponto de vista humano durante o Segundo Império, época em que o capitalismo selvagem aflorou na sociedade francesa, e Zola denuncia isto na sua obra, que parte de um questionamento do autor: será que valeria a pena tanta riqueza, apenas para culminar na decadência?

Zola, segundo o livro já citado de Jean-Paul e Marina Salles, acredita que a humanidade estava em decadência, e não vê progresso em projetos como a reforma urbana de Haussmann, apesar da chegada de inovações tecnológicas como o trem, o vapor, o aumento da malha de esgotos e a instalação de uma iluminação pública. Zola acreditava que a humanidade estaria pagando um preço muito alto por esse progresso, e isso causava sua degenerescência. O romancista buscava então nas ideias socialistas as medidas necessárias para humanizar, controlar e frear o capitalismo. Napoleão III, por sua vez, favorecia as indústrias, os bancos, e fornecia financiamento para França entrar de vez na Revolução Industrial. Os projetos de urbanismo são paralelos a este empenho industrial: ele encorajava esse novo urbanismo justamente para mostrar seu esforço de modernização. No entanto, isso gerou um desequilíbrio nas contas públicas: o governo gastava mais do que ganhava, assim como Saccard; ele se endividava, e quem pagaria esta dívida enorme seria a próxima geração, precisamente a geração dos *communards*. Zola, no livro, mostra uma Paris cheia de lama por conta das obras, mas isto é uma metáfora que o romancista usa para mostrar que Paris estava decadente, moralmente, na lama da corrupção financeira e moral. A cidade se tornava a capital da dívida. Os especuladores construíam fortunas em cima de crédito, uma fachada dourada sustentada por um capital ausente.

Zola denuncia as dificuldades financeiras de Paris ao mostrar os sinais do enorme déficit que se abate sobre a cidade, fruto da grande reforma. Na página 196 da edição usada<sup>39</sup>, temos:

---

<sup>39</sup> ZOLA, Émile. **La curée**. Paris: Le livre de Poche, Librairie Générale Française, 1996.

“A especulação atravessava então uma hora má. Saccard era um digno filho da prefeitura. Tivera a rapidez de transformação, a febre de prazer, a cegueira de esbanjamento que abalava Paris. Naquele momento encontrava-se, tal qual como o município, enfrentando um formidável déficit que tratava de ir vencendo secretamente; porque não queria ouvir falar em prudência, em economia, em existência calma e burguesa. Preferia manter o luxo inútil e a miséria real das novas ruas, de onde todas as manhãs tirava sua colossal fortuna, para a gastar a noite. De aventura em aventura apenas lhe ficara a fachada dourada de um capital ausente. Aquela hora de ardente desvairamento, a própria Paris não comprometia com mais empenho o seu futuro nem corria com maior fúria ao encontro de todas as asneiras e de todas as trapaças financeiras. A liquidação ameaçava ser terrível.” (tradução da autora)

Ainda, retirado da página 78 da mesma edição:

“Naquela altura, Paris oferecia, para um homem como Aristide Saccard, o mais interessante dos espetáculos. Acabava de ser proclamado o Império, depois daquela famosa viagem, durante a qual o príncipe-presidente conseguira aquecer o entusiasmo de alguns departamentos bonapartistas. Fizera-se silêncio na tribuna e nos jornais. A sociedade, salva uma vez, felicitava-se, repousava, dormia as manhãs na cama, agora que um governo forte a protegia e lhe tirava até o cuidado de pensar e de regular os seus negócios. A grande preocupação da sociedade era saber em que divertimento iria matar o tempo. Segundo a feliz expressão de Eugenio Rougon, Paris sentava-se à mesa e gracejava à sobremesa. A política assustava como uma droga perigosa. Os espíritos cansados voltaram-se para os negócios e para os prazeres. Os que tinham, procuravam pelos cantos os tesouros esquecidos. Havia no fundo da multidão, um frêmito surdo, um ruído nascente de peças de cem soldos, risos claros de mulheres, um tilintar ainda enfraquecido de baixelas e beijos. No grande silêncio da ordem, na paz aplastada do novo reinado, subiam todas as espécies de rumores agradáveis, de promessas douradas e voluptuosas. Parecia que se passava diante de uma dessas casinhas cujas cortinas cuidadosamente corridas não deixavam ver senão sombras de mulheres e em que se ouve soar o

ouro em cima do mármore das lareiras. O império ia fazer de Paris o pior lugar da Europa. Aquele punhado de aventureiros que acabava de roubar um trono, precisava de um reinado de aventuras, de negócios duvidosos, de consciências vendidas, de mulheres compradas, de bebedeira furiosa e universal. E na cidade, onde mal acabava de ser lavado o sangue de dezembro ( 4/12/1851- oponentes do golpe foram fuzilados no Boulevard Montmatre) , crescia, tímida ainda, aquela loucura de gôzo que devia atirar a pátria para o monte de lixo das nações apodrecidas e desonradas. Aristides Saccard, desde os primeiros dias, sentia subir a maré montante da especulação, cuja espuma ia cobrir Paris inteiro. Acompanhou-lhe os progressos com uma profunda atenção. Encontrava-se justamente no meio da chuva cálida de escudos, que caíam com violência sobre os telhados da cidade. Nas suas contínuas travessias pela Prefeitura, surpreender o vasto projeto da transformação de Paris, o plano das demolições, das suas avenidas novas e dos seus bairros improvisados, do ágio formidável sobre a venda dos terrenos e dos imóveis, que acendia, nos quatro cantos da cidade, a batalha dos interesses e as resplandecências do luxo desmesurado.” (tradução da autora)

Zola escreve que, quando os germes, os especuladores, os corruptos e os desonestos entram na sociedade, a sociedade cai como poeira, como uma velha estrutura, cheia de buracos imperceptíveis, ruída<sup>40</sup>.

No livro, Zola denuncia uma degradação enorme da moral, uma falta de pudor da sociedade da época. Renée, a esposa de Saccard, mantém relações amorosas com o filho do marido, cometendo, portanto, incesto. Zola mostra a vulgaridade da elite que se enriqueceu sem escrúpulo, uma casta inculta, que desvalorizava a cultura. No capítulo seis, há uma cena em que os convidados de Saccard se jogam na mesa de comida em uma festa, um espetáculo grotesco, refletindo a maneira pela qual os especuladores avançam sobre Paris. Zola tem um olhar realista ao mostrar uma visão crítica do sistema econômico e político. Ele denuncia esta exibição dos ricos nas ruas de Paris, assim como a reforma que expulsa os pobres para os ricos se exibirem.

---

<sup>40</sup> ZOLA, Émile. **La curée**. Paris: Le livre de Poche, Libraire Générale Française, 1996, p. 412.

O pai de Renée é republicano, um burguês que não gosta de Napoleão III, e que fora contra o golpe. Ele se opõe aos privilégios, quer igualdade material e formal, e é a favor de valores republicanos. Napoleão III representava o oposto destes valores. Renée fora educada dentro de uma moral, mas fica fascinada pelo luxo, e deixa se contaminar pelo furor da especulação. Zola a apresenta linda, cheia de babados e rendas, com vestidos luxuosos, mas por dentro toda ruída e corrompida. O pai detesta o genro, e sua filha acaba se endividando tanto que seu marido esgota o dote recebido no abatimento de suas dívidas.

A desigualdade havia aumentado no Segundo Império. Os trabalhadores da reforma parisiense e das fábricas viviam em condições deploráveis: eram explorados, mal pagos, e não existia uma preocupação social por parte de Napoleão III. É isso que leva à Comuna, e Zola, no último capítulo do livro<sup>41</sup>, deixa esta questão muito clara. O personagem principal vai visitar as ruínas das casas destruídas para abrir espaço para um novo boulevard, e faz um paralelo com as casas incendiadas durante a Comuna. Os dois quadros se sobrepõem, embora com aproximadamente dez anos de diferença. Uma destruição é ligada à outra, apesar de as intenções serem diferentes. Neste paralelo de Zola, os *communards* pegam as mesmas picaretas de Hausmann para destruir Paris, mas por razões diferentes: a picareta da reforma é utilizada para obter dinheiro ilícitamente, e a picareta da Comuna destrói para lutar contra a exploração e desigualdade. Duas épocas distantes, que Zola aproxima. Assim, no último capítulo, quando ele mostra a destruição da reforma, Zola mostra claramente que ela foi uma das causas da Comuna.

### 3.1.2. *L'assommoir*

*L'assommoir* é o sétimo romance da série *Les Rougon-Macquart*, publicado em 1877, e traduzido como *O abatedouro*. O livro é um marco do naturalismo, e retrata a vida dos trabalhadores urbanos na Paris do Segundo Império. A intriga se passa entre 1851 e 1867. Gervaise Macquart é a personagem central do romance, uma lavadeira que enfrenta inúmeras dificuldades na vida. A história começa com Gervaise, que é abandonada em Paris pelo seu amante, Lantier. Sozinha, ela trabalha arduamente para sustentar seus filhos. Mais tarde, ela casa-se com Coupeau, um operário de telhados, esperando uma vida melhor. Gervaise e Coupeau inicialmente experimentam um período de

---

<sup>41</sup> ZOLA, Émile. **La curée**. Paris: Le livre de Poche, Librairie Générale Française, 1996. Aqui, trata-se do posfácio, escrito por Philippe Bonnefis, que organiza a edição junto com Brigitte Bercoff.

prosperidade. Ela abre uma lavanderia com os seus próprios esforços, tornando-se respeitada na comunidade.

A felicidade e a estabilidade são de curta duração. Coupeau sofre um acidente, cai de um telhado e fica incapacitado de trabalhar. Ele passa a beber excessivamente, um vício que se espalha pela família. Gervaise, sobrecarregada, também começa a beber. A família entra em rápido declínio. Gervaise perde a lavanderia, afunda-se em dívidas e cai na miséria. Lantier, o antigo amante, reaparece e passa a viver às custas de Gervaise e Coupeau. A degradação moral e física continua culminando na morte de Coupeau devido ao alcoolismo, e na degradação total de Gervaise, que termina a sua vida na pobreza extrema e na desolação.

Zola utiliza a obra para mostrar como o ambiente e a hereditariedade influenciam o comportamento humano. Gervaise e Coupeau são vítimas das suas circunstâncias sociais. O alcoolismo pesa, mas se eles tivessem outra condição de vida, isso não teria acontecido. Nesse meio pobre, não há perspectiva: o alcoolismo vence, única escapatória de uma vida marcada pela dificuldade. O título *L'assommoir* refere-se a um bar onde as pessoas se afundam no alcoolismo, um dos temas centrais do romance.

*L'Assommoir* é celebrado pela sua representação realista e crua da vida dos pobres na Paris do século XIX. O romance destaca o estilo naturalista de Zola, que se preocupa em retratar a vida com precisão científica, sem idealizações. Esta obra foi inovadora na sua época e provocou polémica devido ao seu retrato vívido e muitas vezes chocante da miséria e do vício, consolidando Zola como um dos grandes mestres do naturalismo na literatura.

Zola recebeu vários ataques depois da publicação deste livro, inicialmente publicado em formato de folhetim, no jornal *Le bien public*. Posteriormente, o romance também foi publicado em *La république des lettres*, antes de ser lançado como livro em 1877. Como a mãe da protagonista era alcoólatra, Zola fala de um determinismo biológico científico: Gervaise quer fugir deste destino, deste determinismo, quer escapar do meio social, mas as condições biológicas acabando dominando-a. Mario Sergio Conti, no artigo *O abatedouro, a forma artística e o lugar de fala da literatura de Zola*, publicado na Folha de São Paulo em 21 de agosto de 2020, escreve:

“Ao contrário de seu modelo, o Balzac da “Comédia Humana”, Zola quis fazer uma obra “menos social e mais científica”,

mostrando como uma família, “uma raça”, é modificada pelo meio em que vive. Determinismo, pois, embasado na ciência e no positivismo da época. Daí o empenho de Zola em perambular, de caderno em punho, pelos bairros pobres de Paris, anotando modos de falar e morar para mostrar a vida operária em “O Abatedouro”. Seus cadernos foram preservados e são tidos por compêndios etnográficos. Queria fazer literatura documental... Restrições a “O Abatedouro” o acompanham desde a sua publicação. Sua linguagem foi acusada de imunda por beletistas e diletantes da elite. Oriane, a duquesa de Guermantes de Proust, personagem maior da aristocracia em “À Procura do Tempo Perdido”, diz que Zola era “o Homero dos esgotos”.<sup>42</sup>

Zola mostra a miséria, a injustiça, a promiscuidade do povo, e faz questão de mostrar essa visão social a partir de uma ótica científica. Os personagens do livro vêm do povo, são pobres, e mesmo assim podem chegar a postos importantes pelo próprio talento, como é o caso de Gervaise, ou ainda por desonestidade, como no caso de seu amante. Após o acidente do seu marido, quando o casal se endivida, Zola denuncia a falta de seguro de trabalho, a falta de leis trabalhistas: o casal perde tudo o que conseguiram construir, o governo não dá nenhuma ajuda, não existia assistência social, e eles começam a beber e se afundam em dívidas. Uma das reivindicações da Comuna era a anulação das dívidas das pessoas que não podiam pagar. A Comuna lutava contra essa situação de precariedade sem ajuda social de doença, lutava contra a falta de solidariedade com a sociedade pela parte do governo.

Zola mostra neste livro que os trabalhadores começam a tomar consciência das ideias socialistas e da relação entre capital e trabalho. Para isso, antes de começar a escrever, ele faz uma pesquisa no meio do povo, e estuda a vida das lavadeiras, a vida dos encanadores, dos bêbados, dos floristas; enfim, gente da periferia. Ele estuda não só as pessoas que trabalhavam nas fábricas, mas a vida dos pedreiros, ambulantes de rua, pintores. Ele aprende a maneira de falar dessas pessoas. Esses trabalhadores são submetidos aos patrões, que não tinham noção de responsabilidade social. Ele tomava nota de tudo, inclusive do movimento das pessoas em um cabaré, e tomava nota com método sempre preocupado com o lado social, bem diferente de Flaubert, que se concentra mais na questão psicológica dos personagens.

A mulher pelos olhos de Zola, representada nessa obra por Gervaise, era vítima do sistema misógino: ela não era respeitada, mas um objeto de prazer, sem direito a

---

<sup>42</sup> CONTI, Mario Sergio. “O abatedouro, a forma artística e o lugar de fala da literatura de Zola” in Folha de São Paulo Publicado em 21/08/2020

sonhos. A personagem era espancada pelo pai, sendo inclusive manca em função destas surras, e por fim abandonada pelo companheiro. Zola denuncia a exploração dessas mulheres pelos homens. O grande sonho de Gervaise era ter o que comer e uma cama limpa. Sua mãe morreu por causa do álcool, e ela segue na mesma linha.

Segundo Marie Payet, na sua tese *Place et rôle de la figure féminine chez Émile Zola à travers l'étude de trois euvre, L'Assommoir, Germinal et La Bete Humaine*<sup>43</sup>, Flaubert, no livro *Madame Bovary*<sup>44</sup> analisa o lado psicológico de Emma; já Zola não faz este tipo de análise: ele mostra a destruição gradual de Gervaise, sem mostrar propriamente o que ela pensa. Flaubert escreve sobre Emma no livro: “Ela se deixava levar pelas lembranças como uma água que corre agitada”<sup>45</sup>, lembrança do luxo, do baile, de Leon e de Rodolphe. Gervaise não é analisada por Zola dessa maneira, mas elas têm algo em comum: Emma e Gervaise tem ambições. Gervaise luta contra a miséria e o alcoolismo, e Emma não quer viver na vida simples no interior. Gervaise não consegue escapar da miséria, da inveja do alcoolismo, e sobretudo da condição da mulher no século XIX, e sua decadência foi total no fim da vida, quando enfim enlouquece. Emma também não consegue escapar, e comete suicídio. Zola mostra a existência da trabalhadora que não aceita essa condição de vida, e conseqüentemente fica agressiva: ela quer mudar, mas os obstáculos são tão grandes que elas agredem a si mesmas, ficam em um permanente estado de revolta e ódio para não sucumbirem aos obstáculos. Pode -se fazer um paralelo às *petroleuses* da Comuna, que colocam para fora essa agressão sufocada. Elas também

---

<sup>43</sup> PAYET, Marie. “Place et rôle de la figure féminine chez Émile Zola à travers l'étude de trois euvre, l'Assommoir, Germinal e La Bete Humaine” in Verbum-Anacleta Neolatina, edição n.4, 2022

<sup>44</sup> O livro *Madame Bovary* conta a história de Emma Bovary, esposa do médico Charles Bovary, um homem fracassado e medíocre que desperta na mulher um profundo desprezo. Ao casar-se, a moça sente que ascenderá socialmente, que viverá a vida dos salões, em contato com nobres, mas logo entra num estado entediante ao perceber que o casamento nada mais é do que uma vida monótona, cercada de afazeres domésticos. Ela não encontra no casamento a felicidade mostrada nos livros que lera enquanto estudava no convento. Nem mesmo o nascimento de sua filha a faz mais feliz, embora tenha todo o tempo do mundo para dedicar à maternidade, ela prefere se afastar da menina e entregá-la aos cuidados de uma outra pessoa. O livro foi escrito por Gustave Flaubert em 1857, em uma época em que as mulheres ainda estavam proibidas de expressar sentimentos e desejos, desconheciam a participação política e eram criadas e educadas para serem apenas esposas, mães e donas de casa. Emma segue na contramão, ela escapa de sua triste realidade pelo adultério, ela trai seu marido em busca da própria felicidade, atitude inadmissível para os rígidos padrões do Sec. XIX, por isso o livro foi considerado imoral e subversivo. Emma é uma grande consumista e ela acaba gastando mais do que pode, gasta ainda mais depois de uma desilusão amorosa. Este consumo excessivo de bens materiais é uma espécie de compensação para seu tédio e para seu desejo sexual insatisfeito. As traições de Emma são amorais, mas não seu principal erro, porque ela não tinha outra saída para escapar de seu casamento fracassado, a separação era algo impossível naquela época, seu maior erro é sua vontade de ser quem não é, fenômeno hoje designado pela psiquiatria como Boverismo, por isso ela se torna uma verdadeira consumista, afunda Charles em dívidas homéricas e finalmente acaba se matando.

<sup>45</sup> FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. Tradução de Sérgio Duarte. São Paulo: Nova Fronteira e Saraiva de Bolso, 2011, p. 140.

tinham vidas submissas, e a Comuna foi a oportunidade de escaparem dessa condição inferior. O próprio nome *petroleuse* é um adjetivo pejorativo. No primeiro capítulo do romance de Zola, Gervasie mostra uma agressividade quando briga com Virginie, e o autor mostra como essas operárias podem ser agressivas por tanta humilhação. Gervaise aceita tudo, mas uma hora explode. Zola mostra a desmoralização da mulher na sociedade do século XIX, e como elas são consideradas monstros por se abandonarem, não terem forças para lutar contra a miséria. Por meio do romance, ele sensibiliza o leitor da condição da mulher do século XIX, em Paris.

Segundo Colette Becker, no livro *Zola*<sup>46</sup>, o autor recebeu várias críticas, e a publicação foi cancelada. O jornal *Le Figaro* o acusou de socialista, mas esse escândalo provocou um sucesso do livro: a burguesia o criticava, e mesmo assim comprava seu livro, porque o estilo novo e naturalista era atraente para o leitorado. Ele, através de sua obra, quis mostrar a decadência de um meio imundo, material e moral, e denuncia o problema da bebida, da ociosidade, da promiscuidade, e a consequência final desse ambiente, que são os incestos. Zola mostra o esquecimento dos sentimentos honestos. Ele reuniu e moldou a língua do povo, deu um tratamento literário à vida do povo, à miséria, ao abandono, ao incesto e ao alcoolismo. Na época, isso não era tema para a arte, e este foi seu grande crime, e razão de várias críticas. Sua obra, além de obra de arte, é um trabalho histórico e social, em que reproduz as expressões do povo. Zola se diferencia de seus predecessores por mostrar o lado sórdido da pobreza, enquanto, por exemplo, Vitor Hugo mostra seu lado idealizado, romântico. Zola responde às críticas dizendo que mostra esta decadência moral e material para provar que o povo não é ruim: eles são estragados pelo meio difícil em que vivem, pela miséria, e acabam agindo de uma maneira ruim em função das dificuldades que vivem, Zola se justifica dizendo que quer mostrar, através de seu livro, que estas pessoas são vítimas sociais.

Zola também foi criticado por não ter mostrado as classes trabalhadoras das fabricas, mas ele mostra trabalhadores urbanos no geral. O romancista não mostra um lado revolucionário dos trabalhadores neste livro, mas um ceticismo destas pessoas no seu espaço geográfico e social. No romance de Zola, não havia luta de classes; ele entra neste tema somente na obra *O Germinal*, em 1885, na qual aborda a classe trabalhadora raivosa. No bairro onde se passa *L'assommoir*, as pessoas não liam, e estavam cansadas

---

<sup>46</sup> BECKER, Colette. **Zola, auteur**. Collection Profil d'une oeuvre, Maison d'édition: Hatier, 1972, pp. 65- 72

dos dias revolucionários de 1848. Elas continuavam a pagar impostos, e nada havia mudado.

“Primeiro é necessário ler meus romances para depois fazer críticas, eu trabalho e público, eu conto com o tempo, vou ser reconhecido mais tarde”<sup>47</sup>

A história do romance se passa logo após o golpe de Napoleão III, e Zola descreve o lugar onde os pobres moravam. Os personagens vivem em um cortiço, um espaço de trabalho muito duro, uma descrição diferente de *La curée*, onde é exposta a vida da alta sociedade. Nesse livro, ele mostra a multidão que vinha da periferia e ia para o centro trabalhar para fazer a cidade funcionar. Com o aparecimento do transporte ferroviário, o movimento das pessoas aumenta, e o espaço físico se torna menor nas cidades. Zola observa as desigualdades, a concentração de pobres em um lugar e a de ricos em outro. Na época, a noção de rico e pobre existia, mas a noção de classe trabalhadora explorada e classe que explorava começa a se desenvolver, e as pessoas iam tomando consciência desta desigualdade e do capitalismo que surgia pelas ideias socialistas que se formavam.

Zola mostra o lado animal do homem quando descreve o sangue nos aventais dos açougueiros, assim como narra uma multidão que se desloca como um gado, se alimenta mal, vive mal, dorme mal; enfim, que tem uma condição de vida que transforma os seres humanos em animais. Tudo isso desumaniza e provoca uma agonia profunda que vai terminar na Comuna, realizada justamente por essa classe explorada. No prefácio que consta na edição *Livre de poche*, de 1979, escrito em 1877, Zola mostra a preocupação em esclarecer, através de seu livro, que não se pode confundir pobres com bandidos: os pobres eram associados ao mal, a uma classe perigosa, diferentemente dos simplesmente pobres, e ele não quer esta confusão:

“Havia lá uma marcha de rebanho, uma massa que em paradas bruscas se esparramava em poças sobre a via, um desfile sem fim de operários indo para o trabalho, suas ferramentas nas costas, seu pão sob o braço; a turba se engolfava em Paris, onde submergia, continuamente.”<sup>48</sup>

---

<sup>47</sup> ZOLA, Émile. “Preface” in *L’assommoir*, Paris: Le livre de poche, 1979.

<sup>48</sup> ZOLA, idem, 1979.

Segundo Henry Troya na bibliografia sobre Zola publicada em 1992, Zola se mostra sensível às desigualdades sociais e às questões humanas, e quer mostrar a miséria e o luxo, o contraste existente na sociedade da época. Zola é republicano, de esquerda, frequentava o meio de esquerda e denunciava estas desigualdades sociais. Ele considerava que era necessário mostrar isso para evitar uma revolução. Não era, portanto, radical, mas queria uma reforma social; ele não era favorável a mudança brusca. Zola acreditava na importância da mudança da estrutura da sociedade, e lutava para isto, pois queria evitar as injustiças sociais. Esta mudança poderia ser pela Comuna. Zola tomou muito dos traços e posições do personagem Lantier, como ele manifesta no oitavo capítulo do romance, das aspirações da Comuna.

“Quero a supressão do militarismo, a fraternidade dos povos... Quero a abolição dos privilégios, dos títulos e dos monopólios... Quero a igualdade dos salários, a repartição dos benefícios, a glorificação do proletariado... Todas as liberdades, estão me ouvindo? Todas! E o divórcio!”<sup>49</sup>

No terceiro capítulo, Zola mostra uma transgressão social que ocorre no dia do casamento de Gervaise. Os personagens saem de seu bairro proletário o Goutte-d’Or, bem distante do centro econômico e político de Paris, e vão visitar o Louvre. Nesse episódio, eles ultrapassam um muro social, inclusive literalmente: havia mesmo esse muro separando centro e subúrbio na Paris medieval. Zola descreve uma cena carnavalesca: os personagens usam roupas diferentes, eles estavam arrumados para o casamento, mas suas vestimentas eram bem diferentes daquelas que a burguesia usava para visitar o Louvre. Por esse motivo, eles chamam a atenção do público. Todos emperiquitados, embasbacados e alvoroçados, assustam a fina flor parisiense. Zola mostra uma dupla transgressão cultural e social: eles não entendiam nada sobre a cultura das obras expostas no Louvre, e Zola mostra sua maneira de falar e de se vestir. Eles não conhecem as regras e códigos daquele meio, e assim Zola mostra a exclusão social e cultural das classes trabalhadoras. Eles foram ao Louvre para passar o tempo antes do jantar de comemoração do casamento. O noivo é analfabeto, então faz um X na certidão de casamento.

Zola lutava para que as classes trabalhadoras tivessem acesso à cultura, ao conhecimento, e à educação. Ele escreveu em uma carta endereçada ao diretor do jornal *Bien public*, no dia 13 de fevereiro de 1877: “fechem os bares e abram escolas”. Uma das aspirações da Comuna, e que se tornou seu legado, foi a educação gratuita laica para

---

<sup>49</sup> ZOLA, Émile. **O abatedouro**. Londrina: Eduel, 2020, pg.294

todos, meninos e meninas. Zola lutava para isso acontecer. Através da literatura, o escritor mostra a realidade, a hipocrisia, a arrogância e a perversão, e faz o leitor refletir. Ele mostra a ignorância do povo e seu jeito de falar, o lado considerado feio pela burguesia, que o atacava como imundo e imoral. Zola, nesse terceiro capítulo, mostra a ignorância de Gervaise para tentar entender o quadro *As Bodas de Caná*,<sup>50</sup> pintada por Paolo Veronese em 1563, exposto no Louvre, e dessa forma denuncia o abandono do povo na cultura, e mostra que o povo quer entender a arte. Gervaise olha para o quadro e se pergunta do que ele trata; ela exprime uma curiosidade, e Zola acredita que a cultura deve chegar até o povo. A população deveria compreender um outro momento histórico, de modo que seria necessário dar aos pobres um saber histórico. O Louvre para eles é ilegível, eles não o compreendem. E o museu não pode ser um símbolo somente para uma camada da elite, mas deveria ser um símbolo para todos, Zola passa uma mensagem clara neste capítulo, o Louvre faz parte da identidade dos franceses, e todos precisam ter o saber para poder compreender as obras; uma reivindicação que tanto Zola como a Comuna faziam. Através da literatura Zola mostra a realidade para transformar a sociedade.

No sexto capítulo, Zola faz uma denúncia às máquinas que surgem durante o século XIX como consequência da Revolução Industrial. Nele, o autor defende que essas máquinas vão substituir os homens, e que os trabalhadores seriam prejudicados. Ele

---

50



mostra que o custo da produção diminui e os produtos podem ser acessíveis a todos, mas com um custo social muito alto. Gervaise prefere as peças feitas pelas mãos, e não pelas máquinas. Zola antecede a ideias da Bresciani no seu texto já citado aqui, *Metrópole: As faces do monstro urbano*, no qual ela comenta que a técnica domina a natureza e a máquina domina o homem, Bresciani explica o pensador Thomas Carlyle, contemporâneo de Zola, que afirmava que a máquina destrói o edifício social : ele acreditava que esta técnica mecânica domina as atividades humanas e culmina na destruição da humanidade. Vejamos um trecho de Zola, sobre isso:

“Entrementes, Goujet tinha parado diante de uma das máquinas de rebites. Ele ficava lá, pensativo, cabeça baixa, olhos fixos. A máquina forjava rebites de quarenta milímetros com uma destreza tranquila de gigante. E, na verdade, nada era mais simples. O forneiro pegava o pedaço de ferro no forno; o batedor o colocava na pregueira, que era regada continuamente por um filete de água para evitar que o aço se destemperasse; estava feito, a prensa abaixava, a cavilha saltava no chão com sua cabeça redonda, como se tivesse sido vazada em um molde. Em doze horas, aquela santa fabricava centenas de quilos. Goujet não tinha maldade, mas, em alguns momentos, teria pegado Fifine tranquilamente para bater em toda a aquela ferragem, de raiva de lhe ver braços mais sólidos que os seus. Aquilo lhe causava um grande desgosto, mesmo quando racionalizava, dizendo que a carne não podia lutar contra o ferro. Um dia, claro, a máquina mataria o operário; suas diárias já tinham caído de doze para nove francos, e falava-se em diminuí-las ainda mais; enfim, essas grandes bestas não tinham nada de alegres, elas faziam rebites e cavilhas como teriam feitos salsichas. Ele olhou aquela ali durante três bons minutos sem nada dizer; suas sobrancelhas se franziam, sua bela barba amarela ficava eriçada em um gesto de ameaça. Depois, expressando doçura e resignação, amoleceu pouco a pouco seus traços. Voltou-se para Gervaise, que se estreitava contra ele, e lhe disse com um sorriso triste:

“Ela nos coloca no bolso facilmente, hein? Mas talvez mais tarde servirá à alegria de todos”.

Gervaise ria da felicidade de todos. Ela achou as cavilhas da máquina malfeitas.

“O senhor me compreende, exclamou ela com ardor, são bem-feitas demais da conta... prefiro as suas. Sente-se a mão do artista, no mínimo”<sup>51</sup>.

Zola, nesse livro, também comenta o projeto urbanístico e arquitetônico do Barão Hausmann (1809-1891), como o fez em *La Curée*, projeto encarregado por Napoleão III de remodelar Paris entre 1852 e 1870. Esta reforma consistia na abertura de imensos

---

<sup>51</sup> ZOLA, Émile. *L'assommoir*, Paris: Gallimard, 1978, pp. 211 -212.

bulevares arborizados onde antes havia pequenas ruelas; obras que foram responsáveis por modernizar Paris e dar-lhe as feições que a cidade tem atualmente, mas que provocaram a expulsão dos operários, cuja revolta culminou na Comuna, como foi exposto anteriormente. Zola coloca a opinião distinta de dois personagens, Lantier, republicano, contra o governo, e Poisson, a favor das ideias de Napoleão III:

“Então, quando esses pensamentos a tomavam, Gervaise olhava as ruas com olhos de gendarme. Ah!, se tivesse percebido sua sujeira, como a teria acompanhado até o prédio! Colocavam o bairro de pernas para o ar naquele ano. Abriam o bulevar Magenta e o bulevar Ornano, que levavam até a antiga barreira Poissonnière, atravessando o bulevar exterior. Não dava mais para reconhecer. Todo lado da rua dos Poissonniers estava no chão. Agora, da rua da Goutte-D’Or, via-se um imenso descampado, era um banho de sol e ar; e no lugar dos pardieiros que tapavam a vista deste lado, elevava-se no bulevar Ornano um verdadeiro monumento, um prédio de seis andares, esculpido como uma igreja, cujas janelas claras, com cortinas bordadas estendidas, cheiravam a riqueza. Aquele prédio, todo branco, colocado bem na frente da rua, parecia iluminá-la com uma enfiada de luzes. Aquilo chegava a fazer com que todo dia Lantier e Poisson brigassem. O chapeleiro não sossegava acerca das demolições de Paris; acusava o imperador de colocar palácios por toda a parte para mandar os operários para o interior; e o guarda municipal, pálido em com uma cólera fria, respondia que, ao contrário, o imperador pensava primeiro nos operários, que arrasaria Paris, se fosse preciso, com o único objetivo de lhes dar trabalho. Gervaise também se mostrava aborrecida com esses embelezamentos que perturbavam o canto escuro do arrabalde a que estava acostumada...morria de raiva por ter que pular entulhos, patinar ao longo das calçadas em construção, topara com tapumes. A bela alveraria do bulevar Ornano a fazia perder as estribeiras. Alvenarias como aquelas eram para caterinas como Nana.”<sup>52</sup>

“O bairro, onde ela se envergonhava, de tanto que ele se embelezava, agora se tornava chique por todos os lados. O bulevar Magenta, que subia do coração de Paris, e o bulevar Ornano, que ia na direção do campo, o tinham atravessado na antiga barreira, que agora era um belo monte de entulhos de prédios; duas vastas avenidas ainda brancas de gesso, que guardavam em seus flancos as ruas faubourg-Poissonnière e dos Poissonniers, e que em alguns trechos se afundavam, descornadas, mutiladas, torcidas como tripas escuras. Já fazia tempo que a demolição do muro da outorga tinha alargado os bulevares exteriores com calçadas laterais para os pedestres e um canteiro central, que ganhara quatro fileiras de pequenos plátanos. Era uma imensa encruzilhada, que dava ao longe, no horizonte, em vias sem fim que formigavam de gente e submergiam no caos perdido das construções. Mas, em meio aos altos prédios novos, muitos pardieiros trêmulos continuavam de pé; entre as fachadas esculpidas, crateras negras eram cavadas em suas janelas. Sob o luxo

---

<sup>52</sup> ZOLA, Idem, 1978, p. 447

que subia de Paris, a miséria do arrabalde irrompia e sujava o canteiro de uma cidade nova, tão açodadamente batida”<sup>53</sup>.

No belo prefácio ao romance, Zola afirma que sua vontade era fazer um trabalho puramente filológico, ou, mais precisamente, escrever um romance na língua do povo, com suas próprias palavras e expressões. Para falar tal idioma, que não era o seu, o escritor valeu-se, além das reminiscências do tempo em que morou nos bairros populares, e de duas fontes principais: o *Dictionnaire de la langue verte. Argots parisiens comparés*, de Alfred Delvau (Paris:Dentu, 1866,2.ed.,1867), e *Question sociale. Le Sublime ou Le travailleur comme il est em 1870 et ce qui il peut être*, de denis Poulot. ( Paris: Libraire Intenacionale, Lacroix et Verboeckhoven, 1870).

“É fato que *L’assommoir* não é um livro fácil, mas um livro poderoso. Nele a vida é apresentada de maneira imediata e direta... Os personagens, bastante numerosos, falam a linguagem dos subúrbios. Quando o autor, sem dar-lhes a palavra, conclui seus pensamentos ou descreve seu estado de espírito, utiliza ele próprio a linguagem deles. Condenaram-no ( a Zola) por isto. Eu o louvo. Não se pode traduzir fielmente os pensamentos e sensações de um ser senão em sua língua”<sup>54</sup>.

Segundo posfácio da edição utilizada de *O abatedouro*<sup>55</sup>, comentada por Dilson Ferreira da Cruz, as críticas foram duras até mesmo pelos seus amigos. Vitor Hugo teria declarado que o livro era “ruim porque se deleitava em mostrar as hediondas chagas da miséria e da abjeção à qual o pobre se vê reduzido”, e que Zola agia com indiferença ou como um curioso diante da infelicidade. Os Goncourt, de quem Zola era admirador, desdenharam do romance e do autor, a quem chamaram de novo rico da literatura; até mesmo Flaubert, a quem o livro é dedicado, mostrou-se pouco simpático. Em uma carta a Turguêniev<sup>56</sup>, também muito amigo de Zola, Flaubert afirma que não gostou do livro e que o escritor havia se tornado uma *precieuse* (no sentido que Molière deu ao termo) às avessas; portanto, grosseiro, vulgar. É verdade que posteriormente Flaubert reviu seu ponto de vista, e reconheceu que Zola era muito superior aos Goncourt.

Ao ler os primeiros capítulos, Flaubert pronuncia a palavra “ignóbil”. Ele critica Zola pela escolha deliberada de usar a linguagem dos marginais. O amigo Turguêniev acha que Zola demonstra 'muito talento', mas que, em seu livro, 'se mexe demais o penico'<sup>57</sup>. No entanto, após a publicação do livro, o efeito geral leva Flaubert a mudar de opinião: 'Seria lamentável, escreve ele à sua amiga Edma Roger, fazer muitos livros como esse; mas há partes magníficas, uma narrativa de grande estilo e verdades incontestáveis. É longo demais na mesma nota, mas Zola é um sujeito de grande força e vocês verão o sucesso que ele terá.'<sup>58</sup> Para ele, trata-se de uma obra importante, e, a partir de então, ele a defende contra todos os que se mostram hostis a ela." Flaubert gostava muito de Zola,

---

<sup>53</sup> ZOLA, Idem, 1978, p. 478/479

<sup>54</sup> FRANCE, Anatole. *Le temps*, de 27 de junho 1877.

<sup>55</sup> ZOLA, Émile. **O abatedouro**. Londrina: Eduel, 2020.

<sup>56</sup> Ivan Turguêniev (1818–1883) foi um dos mais importantes escritores e dramaturgos russos do século XIX. Ele é conhecido principalmente por seus romances e contos, que abordam temas sociais e psicológicos, refletindo as mudanças e o esforço da sociedade russa na época.

<sup>57</sup> FLAUBERT, Gustave. Correspondance. Tome V. Paris: Editions Gallimard, 2007, p. 141.

<sup>58</sup> FLAUBERT, idem, p. 126.

o acha um rapaz guloso, eloquente, cheio de audácia, que faz os moralistas gritarem. Flaubert se esforçou para que Zola recebesse a insígnia da Legião de Honra, Zola considerava Flaubert seu mestre<sup>59</sup>.

Como se vê, não foram apenas a gíria e as expressões que incomodaram em *L'assommoir*. Os operários bêbados, abatidos como gado pelo grande alambique, desagradaram. As baixezas das mais variadas espécies constrangeram. A Paris pouco glamorosa e muito sórdida não agradou. O pior era o narrador, que falava como um deles. Zola se defende; esclarece que sua arte está fundada na ciência. Em uma carta de 13 de fevereiro de 1877, endereçada ao diretor do jornal *Bien public*, o escritor afirma que “não há nada de sólido neste século senão o que esteja firmado na ciência”. Coerente com sua posição positivista, ele parte em busca do que a ciência tinha a dizer sobre o alcoolismo, sobre o operário, sobre a condição moral e intelectual dos trabalhadores, sobre a situação da mulher operária, sobre a saúde pública., sobre o valor dos salários e os preços dos alugueis; todas as questões pelas quais a Comuna lutou bravamente. Além disso, pesquisou os danos que o álcool produz no organismo, a degradação física e moral provocada, e as quase inexistentes opções de tratamento. Visitou os bairros e ruas citadas no romance, muitas das quais ainda existem; anotou nomes de bares, e restaurantes, vários frequentados por ele; registrou o dia a dia dos operários, como trabalhavam lavadeiras, passadeiras, funileiros, ferreiros, ourives, floristas. Acima de tudo, mostrou a dignidade e o lirismo que há nessa labuta. Não ficou indiferente ao ato de que a Paris que então abria largos bulevares, praças arborizadas e edifícios elegantes se erguia sobre a miséria e a expulsão de milhares de operários. Zola pretendia registrar, documentar, explicar. Não queria julgar. É o que conta, ao se defender das críticas, em outro trecho da carta citada há pouco:

“Afirmo que fiz uma obra útil ao analisar certo canto do povo em *L'assommoir*. Nele estudei a decadência de uma família operária, o pai e a mãe descambando para o mal, a filha se perdendo pelo mau exemplo, pela influência fatal da educação e do meio. Fiz o que tinha que fazer: mostrei as chagas, iluminei violentamente os sofrimentos e os vícios que se pode curar... Sou apenas um escrivão e proíbo-me de concluir. Mas deixo aos moralistas e aos legisladores o cuidado de refletir e encontrar os remédios....Se quiserem me forçar absolutamente a concluir, eu diria que todo l'Assommoir pode-se resumir nesta frase: fechem os bares, abram escolas. A embriaguez devora o povo. Consultem as estatísticas, dirijam-se aos hospitais, façam uma pesquisa, verão se minto. O homem que matasse a embriaguez faria mais pela França que Carlos Magno e Napoleão. Acrescento ainda: saneiem as periferias e aumentem os salários. A questão da moradia é capital; os fedores da rua, a escadaria sórdida, o quarto apertado onde dormem misturados pais e filhas, irmãos e irmãs, são a grande causa da depravação das periferias. O trabalho esmagador que aproxima o homem da besta, o salário insuficiente que desencoraja e faz procurar o esquecimento acaba por encher os bares e as casas de tolerância. Sim, o povo é assim, mas porque a sociedade bem o quer”

---

<sup>59</sup> WINOCK, Michel. Flaubert. Paris: Editions Gallimard, 2015, p. 540.

### 3.2. *Gustave Flaubert*

O escritor francês Gustave Flaubert nasceu em Rouen, em 12 de dezembro de 1821, e faleceu em Croisset, em 8 de maio de 1880. Prosador importante, Flaubert marcou a literatura francesa pela profundidade de suas análises psicológicas, pelo senso de realidade, pela lucidez sobre o comportamento social, e pela força de seu estilo em grandes romances, tais como: *Madame Bovary* (1857), *A Educação sentimental* (1869), *Salammbô* (1862), e seus contos, nomeados como *Trois contes* (1877). Neste trabalho são analisados o romance *A educação sentimental* e as cartas que Flaubert escreveu durante o ano de 1871.

O século XIX foi o triunfo de uma burguesia ávida, presunçosa e sentenciosa e foi alvo constante de Flaubert, que a definiu como uma fórmula célebre, um pouco sociológica, mas puramente moral “ chamo de burguês qualquer um que pense de forma mesquinha”. Flaubert apesar de ter nascido em uma família burguesa, uma vez que seu pai era um renomado médico, criticava a burguesia, e a condição confortável de seus pais não o impedia de um certo inconformismo em relação à sociedade da época<sup>60</sup>.

Aos doze anos, declarou-se resolutamente republicano. Quando Luís Filipe, em setembro de 1833, veio visitar com a família a "cidade onde nasceu Corneille", ele ficou comovido com todos os custos da visita, e zombou da indiferença dos *Rouennais*, que vinham correndo e passavam horas esperando. Para quem? para um rei! Oh!! que o mundo é estúpido. Não vi nada, nem reví, nem chegada do rei, nem das princesas, nem dos príncipes”<sup>61</sup>. Flaubert sentia uma descrença pela sociedade da época, de modo que escreveu muito jovem: "Nos manchamos com tinta, já que o néctar dos deuses nos falta”.<sup>62</sup>

A antítese entre o desgosto pela vida e a exaltação da escrita se estrutura muito cedo. De um lado, o mundo que o enche de tédio, a monótona repetição dos dias, o espetáculo lamentável dos tolos que fingem ser pessoas honestas, adornados com medalhas e gravatas brancas; já do outro, a alegria ao escrever.

Seu pessimismo vem da sua época da adolescência<sup>63</sup>. Flaubert não tinha nem dezessete anos, mas já parecia ter visto de tudo: "A vida do homem é como uma maldição lançada do peito de um gigante, que vai se despedaçando de rocha em rocha, morrendo a

---

<sup>60</sup> WINOCK, idem, p. 8.

<sup>61</sup> WINOCK, idem, p. 21.

<sup>62</sup> FLAUBERT, Gustave. Correspondance. Tome I. Paris: Editions Gallimard, 1973, p.254.

<sup>63</sup> WINOCK, op. cit., p. 32.

cada vibração que ressoa no ar”.<sup>64</sup> Sua vivência no hospital onde seu pai trabalhava o fez confrontar a morte muito cedo<sup>65</sup>.

Ele já anunciava aos 17 anos seu programa de vida: “Se algum dia eu participar ativamente do mundo, será como pensador e como desmoralizador”<sup>66</sup> Esse tipo de citação já revela seu temperamento sensível, machucado, mutilado nos seus sonhos inacessíveis. Ele tinha tudo para ser feliz, uma vida confortável, uma irmã amorosa, pais dedicados, mesmo assim o *spleen* o invadia<sup>67</sup>.

Por conta de crises nervosas constantes, Flaubert acaba por abandonar o direito e se consagrar a escrita, optando assim por uma vida mais solitária<sup>68</sup>. Flaubert explicou sua doença a Louise Colet: “Se eu tivesse tido um cérebro mais sólido, não teria ficado doente ao estudar Direito e me aborrecer. Teria tirado proveito disso, em vez de mal. A tristeza, em vez de ficar na minha cabeça, escorreu para meus membros e os retorceu em convulsões”<sup>69</sup>. Mas foi só após a morte de seu pai em 1846 que ele decide realmente mergulhar no mundo da escrita. Seu pai não apoiava esta ideia.

Segundo Winock:

“Em Flaubert, a contradição é manifesta. Ele detesta o poder; o melhor dos governos, para ele, é aquele que 'agoniza'. Ao mesmo tempo, o pouco caso que faz da humanidade em geral, seu desprezo pelos revolucionários igualando-se ao nojo que inspira os ricos e poderosos, o inclina a aceitar a restauração do Império. Se ele é anarquista, é um anarquista de direita.”<sup>70</sup>(tradução da autora)

Flaubert não tinha motivos para gostar de Napoleão III: “Eu agradeço a Badinguet [apelido de Napoleão]. Bendito seja! Ele me trouxe de volta ao desprezo pela massa e ao ódio pelo povo.”<sup>71</sup> Flaubert se fechava na sua solidão para escrever, e não gostava nem mesmo de ler os jornais. O autoritarismo do governo de Napoleão III o pegou em cheio. Seu livro *Madame Bovary* foi censurado e ele foi acusado de escrever contra a moral e a religião, dois pilares defendidos por Napoleão. A partir deste acontecimento Flaubert se preocupa com o futuro:”O que escrever?”, disse ele a Louise Pradier,”que seja mais inofensivo do que minha pobre Bovary, arrastada pelos cabelos como uma prostituta pela polícia correcional?”. Ele se tornou um “autor suspeito”<sup>72</sup>. Ele não aceitou apagar as passagens do seu romance incriminadas pela acusação. No final o livro, graça à sua boa

---

<sup>64</sup> FLAUBERT, Gustave. Œuvres complètes. Tome I: Œuvres de jeunesse. Paris: Editions Gallimard, 2001, p. 399.

<sup>65</sup> WINOCK, op. cit., p.46.

<sup>66</sup> FLAUBERT, op. cit., 1973, p. 37.

<sup>67</sup> WINOCK, op. cit., p.46.

<sup>68</sup> WINOCK, idem, p. 82.

<sup>69</sup> FLAUBERT, Gustave. Correspondance. Tome II. Paris: Editions Gallimard, 1980, p.127.

<sup>70</sup> WINOCK, op. cit., p. 144.

<sup>71</sup> FLAUBERT, op. cit, 1980, p. 529.

<sup>72</sup> WINOCK, op. cit., p. 240

defesa, aparece nas livrarias dia 18 de abril de 1857, e torna-se um sucesso colossal<sup>73</sup>, tornando-o célebre. A partir deste sucesso o ermitão pode se tornar mundano.

Em relação ao golpe de Napoleão III Flaubert comentou pela boca do personagem Pecuchet no livro *Bouvard et Pécuchet* uma opinião própria: "Quer saber minha opinião? Como os burgueses são ferozes, os operários invejosos, os padres servis, e como o povo, afinal, aceita todos os tiranos, contanto que o deixem com o focinho na sua gamela, Napoleão fez muito bem! Que ele amordace este povo, que o esmague e que o extermine! Nada será demais diante da sua aversão à justiça, sua covardia, sua inépcia e sua cegueira"<sup>74</sup>. Segundo Barbey d'Aurevilly na sua crítica ao romance *Bouvard et Pécuchet*, o romance gira em torno de uma ideia central: Flaubert detestava a burguesia, e o burguês era para ele uma obsessão<sup>75</sup>. Mesmo assim, ele vivia uma vida burguesa tanto em Paris como em Croisset, Sartre escreveu que a frase de Flaubert "chamo de burguês tudo o que pensa de forma mesquinha" define o burguês em termos psicológicos e idealistas: ele vê o burguês não apenas como uma classe social, mas como um estado de espírito, uma forma de pensar que Flaubert considera limitada e vulgar e que ele rejeita<sup>76</sup>.

Do ponto de vista da luta de classes, Sartre não está errado: o antiburguesismo de Flaubert deriva de uma crítica moral e cultural<sup>77</sup>, mas, ainda que fosse uma crítica de dentro, sem causar qualquer dano à posição dominante conquistada pela burguesia, os ataques contínuos de Flaubert contra a pobreza intelectual e espiritual dos abastados mantêm o caráter de um ato de civilização contra sua arrogância inculta. Flaubert assume uma contradição entre seu status social e sua liberdade como artista: "É preciso fazer em sua vida duas partes: viver como burguês e pensar como um semideus"<sup>78</sup>.

A partir desta análise se compreende que "não é a burguesia que ele detesta, é a besteira"<sup>79</sup>. Mas ele não ataca só a burguesia: ele critica os socialistas, ataca tanto os profetas da ordem proletária quanto os membros do partido da ordem burguesa, e só tem desconfiança em relação à democracia. Manifesta sua hostilidade por meio da denúncia do sufrágio universal, que, segundo ele, anuncia a tirania das massas e da maioria<sup>80</sup>.

Flaubert parece mesmo contraditório: ele não poupa críticas a burguesia, mas quando sua querida sobrinha lhe pede conselhos, ele se comporta como um verdadeiro burguês e não vai contra suas origens. Flaubert, que dedicou anos a descrever a lenta agonia de Emma Bovary, presa na armadilha do casamento burguês e consumida pela

---

<sup>73</sup> CAMP, Maxime du. **Souvenirs littéraires**. Paris: Gallimard, 2002, p. 150.

<sup>74</sup> WINOCK, idem, p. 560.

<sup>75</sup> WINOCK, idem, p. 560.

<sup>76</sup> SARTRE, Jean-Paul. "Que'est-ce que la litterature?" in **Situations**. Tome II. Paris: Editions Gallimard, 1948, p. 167.

<sup>77</sup> FLAUBERT, op. cit., 2007, p. 282.

<sup>78</sup> FLAUBERT, idem, p. 402.

<sup>79</sup> WINOCK, op. cit., p. 582.

<sup>80</sup> WINOCK, idem, p. 590.

solidão em meio a pessoas que lhe são intelectualmente inferiores, reage nesse caso como qualquer um desses burgueses que ele tanto despreza<sup>81</sup>. Em Carta escrita para Carolina no dia 23 de dezembro de 1863, ele diz:

"Bem, minha pobre Caro, você ainda está na mesma incerteza, e talvez agora, depois de uma terceira conversa, não tenha avançado em nada? É uma decisão tão grave a ser tomada que eu estaria exatamente no mesmo estado se estivesse em sua pele bonita. Veja, reflita, sinta bem sua pessoa por inteiro (coração e alma), para ver se o senhor em questão carrega em si chances de felicidade. A vida humana se alimenta de mais do que ideias políticas e sentimentos exaltados. Mas, por outro lado, se a existência burguesa te faz morrer de tédio, a que se resolver? Sua pobre avó deseja te casar, por medo de te deixar sozinha, e eu também, minha querida Caro, gostaria de te ver unida a um bom rapaz que te faça o mais feliz possível! Quando te vi, na outra noite, chorar tão abundantemente, sua desolação me partiu o coração. Nós te amamos muito, minha querida, e o dia do seu casamento não será um dia alegre para seus dois velhos companheiros. Embora eu naturalmente seja pouco ciumento, o sujeito que se tornar seu marido, seja quem for, me desagradará de início. Mas isso não é o que importa. Eu o perderei mais tarde e o amarei, o estimarei, se ele te fizer feliz. O que se fala a favor do Sr. Commanville é a maneira como ele agiu. Além disso, conhecemos seu caráter, suas origens e seus vínculos, coisas quase impossíveis de saber em um ambiente parisiense. Você poderia, talvez, aqui, encontrar pessoas mais brilhantes? Mas o espírito, o charme, é quase exclusivamente o domínio dos boêmios! Ó, minha pobre sobrinha casada com um homem pobre é uma ideia tão atroz que nem sequer me detenho nela por um minuto. Sim, minha querida, declaro que preferiria te ver casada com um merceeiro milionário do que com um grande homem indigente. Pois o grande homem, além de sua miséria, teria brutalidades e tiranias que te fariam enlouquecer ou te tornariam idiota de tanto sofrimento."(tradução da autora)

No final, o casamento de sua sobrinha não deu certo, e Flaubert não permitiu que ela se separasse. O crítico feroz da burguesia se mostrou, nesse caso, perfeitamente alinhado com os preconceitos dessa classe que ele abominava e à qual pertencia.

O estado de espírito de Flaubert mudou, no entanto, desde o início da guerra Franco-Prussiana. Aquele que antes professava indiferença em relação ao patriotismo agora sente-se com a alma de um defensor do território<sup>82</sup>.

A guerra franco-prussiana foi para Flaubert uma fonte de desespero, atenuada por ilusões intermitentes sobre um despertar nacional, que não ocorreu. No entanto, ele descobriu em si algo que acreditava estar para sempre ausente: um fervor patriótico. Tanto ele foi hostil no início aos excessos de paixão militarista, quanto, uma vez que as fronteiras foram invadidas pelo inimigo, sentiu -se movido pelo desejo de resistência. O

---

<sup>81</sup> WINOCK, idem, p. 299.

<sup>82</sup> WINOCK, op. cit., p. 426.

artista, tão pouco inclinado a dar grande importância ao patriotismo, teve de repente a revelação de que a França estava ameaçada em seu ser, em sua civilização, em seu modo de vida. Ele sentiu, com ainda mais sofrimento, os reveses dos militares, a negligência dos líderes e, finalmente, o armistício que causou a derrota. Antes da guerra, ele já havia experimentado a frustração de ser um autor incompreendido, o infortúnio de ter perdido seu amigo mais querido e a angústia dos lutos que o sobrecarregavam.

Louis Bouilhet era seu melhor amigo e *alter ego*<sup>83</sup>. Após sua morte, Flaubert escreveu: "Tenho a sensação de uma amputação específica. Uma grande parte de mim desaparecida."<sup>84</sup> Desta vez, durante a guerra, ele foi tomado por um sentimento que conhecia mal e do qual não via esperança de consolo: uma dor pela França que o oprimia. Desde o início do conflito, ele manifestou seu temor em relação ao pós-guerra, e, em particular, previu a iminência de uma guerra civil, à qual se seguiria uma ocorrência violenta. Ele poderia se orgulhar de ter sido lúcido: em 18 de março de 1871, a insurreição popular eclodiu, e a Comuna de Paris começou sua história<sup>85</sup>. Flaubert chega a compará-la com a Idade Média na carta 7 enviada a George Sand em 31 de março de 1871.

Flaubert não se conformou com a entrada triunfante dos prussianos em Paris, e acredita que logo virá uma revanche face a humilhação dos franceses pela sua derrota. Ele confessa a Sand que nunca sentiu tamanha tristeza, e que pensa que a semente do nacionalismo foi plantada na França<sup>86</sup>.

### 3.2.1. A Educação sentimental

*A Educação sentimental* (título original: *L'Éducation sentimentale*), de Gustave Flaubert, é um romance publicado em 1869. A obra é uma reflexão sobre a juventude e as aspirações fracassadas de uma geração, focando particularmente no protagonista, Frédéric Moreau. É uma obra complexa e multifacetada, que explora as aspirações e desilusões da juventude, oferecendo um retrato profundo da sociedade e das relações humanas no século XIX.

O romance começa em 1840, quando Frédéric Moreau, um jovem de 18 anos, retorna à sua cidade natal, Nogent-sur-Seine, depois de estudar em Paris. Durante uma viagem de barco de volta para casa, ele se apaixona por Madame Arnoux, uma mulher mais velha, casada e mãe de família. Esse encontro marca o início de uma obsessão que moldará sua vida.

De volta a Paris, Frédéric se envolve com várias pessoas e reencontra Charles Deslauriers, um amigo de infância com ambições revolucionárias. Frédéric tenta se

---

<sup>83</sup> WINOCK, idem, p. 329

<sup>84</sup> FLAUBERT, Gustave. Correspondance. Tome IV. Paris: Editions Gallimard, 1998, p7.

<sup>85</sup> WINOCK, op. cit., p. 436.

<sup>86</sup> WINOCK, op. cit., p. 440.

aproximar de Madame Arnoux, frequentando a casa de seu marido, Jacques Arnoux, um comerciante de arte, mas seu amor não é correspondido.

Ao longo do romance, Frédéric passa por diversas relações amorosas, incluindo um caso com Rosanette, uma amante de Jacques Arnoux, e uma ligação com Louise Roque, uma jovem rica. Apesar dessas relações, seu amor por Madame Arnoux permanece uma constante, ainda que platônico e inatingível.

O romance também apresenta um retrato detalhado da sociedade parisiense do século XIX, incluindo as revoluções de 1848. Frédéric e seus amigos se envolvem em atividades políticas, mas seus esforços são marcados pela desilusão e pelo fracasso.

Eventualmente, Frédéric herda uma fortuna de um tio, mas não consegue alcançar seus ideais ou realizar suas ambições. No final, ele se reconcilia com o fato de que a vida é cheia de sonhos não realizados e amores não correspondidos. O livro termina com Frédéric e Deslauriers, agora mais velhos, lembrando com nostalgia dos seus sonhos de juventude, reconhecendo a banalidade de suas vidas e as ilusões que alimentaram.

*Educação sentimental* é um romance de aprendizado, de iniciação e de formação. O personagem principal Frederic vai aprender a viver através de seus sentimentos, ambição e amor. O romance tem como pano de fundo a revolução de 1848, na qual os revolucionários acabaram com a monarquia, fizeram uma república e depois Napoleão III deu o golpe; nada valeu na sua luta, a Assembleia e as oficinas nacionais foram fechadas, houve redução da jornada, e acabou-se com sufrágio universal para os homens. Toda uma legislação liberal e humanista imposta na república terminou com o golpe de Napoleão III por isto segundo Michel Winock, houve um sentimento de desilusão nessa geração<sup>87</sup>.

Frederic é um típico herói romântico, um dândi que ama viajar e as artes. Ele faz Direito e se dedica à oratória para dar prazer à sua amada, típico estudante romântico do XIX que sonha com a glória amorosa. O fracasso dele é o fracasso de uma geração, que perde a esperança política e social. Essa geração era neta dos revolucionários da Revolução francesa, e filhos da geração que viu as glórias de Napoleão.

O livro foi publicado em 1869, ano de muitas manifestações contra Napoleão III. Flaubert faz um testemunho sobre 1848, é uma ficção de caráter histórico; ele descreve com detalhes a revolução de 48, e para tanto fez uma grande pesquisa, leu vários jornais

---

<sup>87</sup> WINOCK, idem, p.363

da época, e escreveu a George Sand dizendo que ele fez o livro se baseando nos próprios sentimentos da época. Ele repudia os conservadores, sustentados pelos seus privilégios, tanto que escreve nas cartas que os reacionários não vão perdoá-lo por esse livro. Flaubert acreditava em uma aristocracia governamental composta de gente esclarecida. Ele rejeita os conservadores e os socialistas utópicos, e acredita que o povo não é capaz de escolher um governador. O personagem amigo de Frederic é um estudante idealista sensível e romântico, utópico, que sonha com a fraternidade dentro de um ideal: a fraternidade entre burgueses e proletariado. Ele defende a república contra a monarquia, e acredita que esse regime era um inimigo que a burguesia e o proletariado tinham em comum. Frederic é um típico herói romântico que se perde nas emoções, encarna a geração de 48, com um ideal de sociedade igualitária, justa, com ideias socialistas; mas com o golpe ele se decepciona, assim como ficaram decepcionados os escritores Flaubert, Zola e Sand. Essa geração não teve êxito como seus avós durante a Revolução Francesa, ou como os pais nas aventuras grandiosas de Napoleão Bonaparte. Eles se perdem nos sonhos, tentam ir às barricadas, mas não mudam nada; dão a vida em 48, junto com as outras quatro mil pessoas que morreram na revolução de 1848, por uma sociedade que se recusava a mudar. A classe burguesa enriquecia cada vez mais e a desigualdade social aumentava. Vitor Hugo conta isto bem em seu romance *Os miseráveis*. O fracasso de Frederic é o fracasso da sua geração.

O povo é usado como massa de manobra pela maioria dos pequenos burgueses, que tinham interesses pessoais e não se importavam para a revolução social. Flaubert consultou os jornais de 1847 e 1848 na biblioteca nacional para escrever o livro, e leu em seis semanas 26 livros sobre 48. O romancista critica o golpe no livro porque ele restringiu direito de voto, dissolveu a Assembleia Nacional, declarou estado de sítio, instituiu a censura, colocou ensino nas mãos dos padres, e aumentou o número de policiais nas ruas. Frederic tinha um ideal: a burguesia e o proletariado unidos; mas a realidade confronta seus ideais:

“- Como! Então não se vai lutar? - disse Frederic a um operário. O homem de avental respondeu:

- Só se fôssemos loucos é que nós íamos fazer matar por amor aos burgueses! Eles que se arranjem!

E um respeitável cavalheiro resmungou, olhando de revés para o homem do subúrbio:

- Esse canalha dos socialistas! Se ao menos desta vez se pudesse dar cabo deles!

Frédéric não podia entender tanto rancor e estupidez. Ainda ficou mais enojado de Paris, e dois dias depois, partiu para Nogent pelo primeiro trem.<sup>88</sup>”

Este balanço das ilusões perdidas e dos grandes sonhos desfeitos constitui a grande lição moral de *A Educação sentimental*. George Sand censurava em Flaubert a amargura e o pessimismo do desenlace da obra:

“Agora estão matando a nossa república, tal como deram cabo da outra, da romana! E a pobre Veneza, a pobre Polônia, a pobre Hungria! Que coisas abomináveis! Para começar, deitaram-se abaixo as árvores da liberdade, depois restringiram o direito de voto, fecharam os clubes, restabeleceram a censura e entregaram o ensino aos padres, enquanto não vinham a Inquisição. Por que não? Pois não há conservadores que pedem a vinda dos Cossacos? Condena-se os jornais quando falam contra a pena de morte, Paris está cheio de baionetas, dezesseis departamentos acham-se em estado de sítio; e a anistia foi mais uma vez negada”<sup>89</sup>.

Pode -se argumentar que a desilusão experimentada pelo “herói romântico” durante os eventos de 1848, como retratado na obra, pode ter refletido em certa medida, as circunstâncias que levaram à Comuna de Paris em 1871. Durante a Revolução de 1848, muitas pessoas tinham esperanças e aspirações de mudança social e política, buscando ideais como liberdade, igualdade e fraternidade. No entanto as expectativas desses idealistas muitas vezes entraram em conflito com a realidade política e econômica pós – revolucionária. Os confrontos entre facções políticas, a restauração de um governo conservador e a continuidade das desigualdades sociais contribuíram para uma sensação generalizada de desilusão entre aqueles que haviam esperados por mudanças significativas. Essa desilusão e frustração persistiam ao longo das décadas seguintes, em 1871, durante a Comuna de Paris, emergiram novamente. Os participantes da Comuna, em grande parte membros da classe trabalhadora parisiense, lutaram por uma série de reformas radicais, incluindo o estabelecimento de um governo proletário, a secularização

---

<sup>88</sup> FLAUBERT, Gustave. *L'Éducation sentimentale*. Paris: Editions Gallimard, 1965 et 1972, p. 544

<sup>89</sup> FLAUBERT, Gustave. *A educação sentimental*. São Paulo: Conrad, p. 622.

das instituições e a defesa dos direitos dos trabalhadores. A comuna de Paris foi em muitos aspectos, uma manifestação das frustrações acumuladas ao longo das décadas desde a revolução de 1848. Assim, pode-se dizer que a desilusão do “herói romântico” de 1848, simbolizada na obra de Flaubert contribuiu para o contexto social e político que levou à eclosão da Comuna de Paris em 1871.

Para driblar a proibição de reuniões públicas durante o reinado de Luís Filipe Philippe, vários banquetes foram organizados para discutir possíveis reformas das leis eleitorais. A oposição queria maior poder de voto, e Flaubert decide participar de um desses banquetes em Rouen, somente por curiosidade, face sua oposição ao voto universal. Ele vai para Paris e observa toda a movimentação com olhar crítico, e assiste a proclamação do governo provisório no Hotel de Ville. Essa imagem do povo “em revolução” ficou marcada em sua memória e servira de inspiração na descrição desse movimento no livro *Educação Sentimental*<sup>90</sup>.

A política o entediava, e Flaubert não se deu ao trabalho de votar quando Napoleão III foi eleito em dezembro de 1848. Paris poderia queimar, poderia passar dos Orleans a Bonaparte, e o espírito de Flaubert, segundo Winock, seguiria na literatura, na escrita de seus romances, nas artes<sup>91</sup>.

A aparente indiferença de Flaubert em relação aos dias agitados que se sucedem entre a Revolução de Fevereiro e o golpe de Estado contrasta fortemente com a atenção que o autor de *Educação sentimental*, livro no qual ele mesmo se valeu de sua posição enquanto testemunha, além de ter feito uma grande pesquisa sobre a época em que o romance se passa, produzindo uma documentação abundante que vai refletir nos seus personagens. Publicado em 1869, *Educação sentimental* é a forma que Flaubert encontrou, vinte anos depois, para participar de uma revolução que ele “perdeu” quando tinha idade suficiente para a participar de semelhante movimento. O ano de 1848 foi, sem dúvida, o acontecimento histórico que mais o impactou, ainda que, naquele momento, lhe parecesse desinteressante.<sup>92</sup>

Entre fevereiro de 1848, quando aconteceu a Revolução, e 2 de dezembro de 1851, o dia do golpe de Napoleão, a história da França que Flaubert relata no seu romance retrata

---

<sup>90</sup> WINOCK, Michel. Flaubert. Paris: Editions Gallimard, 2015, p. 128.

<sup>91</sup> WINOCK, idem, p. 132,

<sup>92</sup> WINOCK, idem, p. 139.

um caminho inatingível: a revolução foi inútil. Luís Filipe caiu, isto é certo, mais a sociedade não mudou: os ricos continuam ricos e os pobres, pobres, quando não morreram nas barricadas como o personagem Dussardier. A grande burguesia, que no começo ficou aterrorizada por uma revolução que a surpreendeu, soube pouco a pouco tomar distância em relação ao regime republicano e trabalhar para sua queda. Os personagens do livro, Dussardier, Deslauriers e Senecal, cada um à sua maneira, ilustram a derrota das esperanças republicanas e socialistas. Senecal ilustra o lado escondido do socialismo, o autoritarismo. De um lado ao outro da sociedade, os homens estão de joelhos. Todos servis, todos rastejantes! Quanto aos outros, aqueles que aplaudiram a revolução, eles retornaram ao serviço de seus interesses pessoais<sup>93</sup>.

Flaubert, através dos personagens do livro, quis fazer a história moral dos homens de sua geração<sup>94</sup>. O personagem Deslauriers queria conquistar a hierarquia social, tinha ambição assim como Rastignac na *Comédia humana* de Balzac, do qual Flaubert era um admirador. A personagem participava das reuniões socialistas, mas na verdade, Deslauriers é menos revolucionário do que oportunista<sup>95</sup>. Ele decide fundar um jornal sem ter opinião específica de cada partido, porque achava que todos eram uma perda de tempo e que todos concordavam com a idolatria imbecil da autoridade, ideias que Flaubert repetia: “Republicanos, reacionários, vermelhos, azuis, tricolores, tudo isso contribui para a inépcia.”<sup>96</sup>.

Flaubert retratou, com Dambreuse, um dos tipos mais puros de sociedade burguesa sob Luís Filipe. Não era culto, mas inteligente; era monarquista, possuía indústrias e acreditava no Capital, mas depois da revolução de 48 se torna republicano. Flaubert retrata a burguesia no personagem de Dambreuse, ao desenhar de maneira saborosa e feroz o retrato histórico terrivelmente real de uma classe dominante que triunfou em 1830, foi contestada em 1848, antes de se recuperar sob Napoleão III.

Assim, *Educação sentimental* é um documento do mais alto valor: o sentido da observação alimenta a investigação realizada pelo autor sobre as realidades do seu tempo, que ele abomina. O culto à verdade, que, segundo ele, exige generalização e exagero, sempre compete com sua obsessão pelo estilo: ele se vinga com a alegria de um Daumier

---

<sup>93</sup> WINOCK, idem, p. 143.

<sup>94</sup> WINOCK, idem, p. 348.

<sup>95</sup> WINOCK, idem, p. 370

<sup>96</sup> WINOCK, idem, p. 370.

(caricaturista, chargista, pintor e ilustrador francês)<sup>97</sup>. Mesmo destilando seu ódio aos burgueses, Flaubert não poupa seus personagens revolucionários e socialistas.

Através do personagem Dussardier, Flaubert retrata a esperança ingênua e generosa de uma república ideal que libertará os oprimidos e consagrará a felicidade universal. Os dias de junho serão para ele o mais cruel dos dilemas. Por amor à república, defendeu o governo contra os trabalhadores das insurgentes Oficinas Nacionais, mas com que consciência pesada quando percebeu que os vencedores “odiavam a república”, ele morre pelas mãos de um socialista autoritário. Na história comovente deste personagem de grande coração reside a revolução de 1848: o júbilo de fevereiro, onde todas as ilusões são permitidas; a tragédia de junho, onde republicanos sinceros como ele ficaram divididos entre a sua lealdade à república e a sua compaixão pelos condenados das suprimidas Oficinas Nacionais; finalmente o drama de 2 de dezembro de 1851, que enterrou com golpes de sabre as esperanças de ontem. Dussardier teve que morrer porque a república estava morrendo<sup>98</sup>.

Flaubert não esqueceu do papel das mulheres no seu livro: ele retrata este feminismo pela personagem secundária de senhorita Vatnaz que pensava que a mulher e o proletário precisavam de emancipação, e que a emancipação do proletário só seria possível através da emancipação das mulheres<sup>99</sup>.

Gustave Flaubert viveu, como seus personagens, durante essa transição econômica, política e social, da qual ele tomou consciência de forma, não é exagero dizer, desesperada. O sufrágio universal, reivindicado e conquistado pela revolução de 1848, ele rejeita, pois desconfia das massas. O socialismo nascente, que privilegia o coletivo em detrimento do indivíduo, o exaspera. A cultura está se diluindo em pequenos romances, folhetins de jornais e teatro de boulevard: há agora uma "indústria literária", assim como existe uma "arte industrial".

O romance de amor era uma negação do amor; o romance de geração termina em fracasso. *A Educação sentimental* não foi feita para agradar o seu tempo.

---

<sup>97</sup> WINOCK, idem, p. 374.

<sup>98</sup> WINOCK, idem, p. 381.

<sup>99</sup> WINOCK, idem, p. 385.

### 3.2.2. Cartas de Flaubert escritas em 1871

Flaubert se correspondeu com George Sand, pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, baronesa de Dudevant, que nasceu em Paris no dia 1 de julho de 1804 e faleceu em Nohant no dia 8 de junho de 1876. Foi uma aclamada romancista e memorialista francesa, considerada a maior escritora francesa. Passou a usar o pseudônimo de George Sand em 1832, quando escreveu sozinha o romance *Indiana*, seu primeiro livro, seu primeiro sucesso. Foi obrigada a usar um pseudônimo masculino, para ser aceita no meio literário.

Correspondeu-se também com Edma Roger des Genettes, geralmente conhecida por Mme. Roger des Genettes, atriz francesa do século XIX e que assim permaneceu em função de sua extensa correspondência com Flaubert.

Além disso, Flaubert trocou cartas com os escritores franceses Ernest Feydeau e Edmond Huot de Goncourt, fundador da Académie Goncourt que concede o prêmio homônimo a cada ano. Parte da obra de Goncourt foi escrita em colaboração com seu irmão, Jules de Goncourt. Entre todos os seus amigos parisienses, Jules e Edmond de Goncourt foram, entre 1860 e 1865, os mais íntimos de Gustave Flaubert. Edmond, o mais velho, nasceu em 1822, tinha quase a mesma idade que ele; Jules, por sua vez, nasceu em 1830. Até a morte deste último, em 1870, os dois irmãos eram inseparáveis, assinando suas obras com os dois nomes, escrevendo um diário a quatro mãos, vivendo juntos, saindo juntos e até compartilhando a mesma amante: uma gemelidade rara na literatura francesa. Eles conheceram Flaubert em 1857. Rapidamente, eles se tornaram próximos, pois os três eram adeptos de um mesmo culto: o da literatura. A partir de 1860, os três ficam inseparáveis, pelo menos quando Flaubert estivesse em Paris.

Por fim, comunicou-se com a princesa francesa Matilde Leticia Guilhermina Bonaparte, a qual, durante o Segundo Império e a Terceira República, mantinha em Paris um importante salão literário onde recebia escritores, entre eles os irmãos Goncourt e Flaubert. Princesa Matilde, que se orgulhava de ser conhecedora de arte e literatura, se coloca como protetora dos escritores, que ela convida para sua casa, na rua de Courcelles ou em Saint-Gratien, sua residência de verão perto do lago de Enghien. Mulher livre, cheia de curiosidades, ela sabe deixar seus convidados à vontade, faz perguntas sobre seus

trabalhos e compartilha suas opiniões sobre a atualidade artística e literária<sup>100</sup>. Algumas vezes o próprio Napoleão III participava destes encontros.

Em junho de 1867, Flaubert foi convidado para uma grande festa oferecida nas Tulherias por Napoleão III, por ocasião da Exposição Universal: "Os soberanos", escreve ele à sua sobrinha, "desejando-me ver como uma das mais esplêndidas curiosidades da França, fui convidado a passar a noite com eles na próxima segunda-feira." A ironia não esconde o sentimento de vaidade<sup>101</sup>. Aliás, é principalmente por meio da princesa que Flaubert adentra o círculo napoleônico. O que aconteceu com Flaubert, o feroz, o intransigente, que rasgou com todas as forças os burgueses, os solenes, os importantes, os submissos, os pequenos funcionários do poder? Ele acaba sucumbindo à glória, mas não se torna servil ao regime<sup>102</sup>.

Nas cartas, é possível constatar que Flaubert conta, entre outros assuntos, sobre Paris e a sua destruição, o perigo prussiano, a desesperança com a França, o perigo da democracia em relação ao sufrágio universal, faz crítica à república e ao legado da Revolução de 1789. Para cada destinatário, Flaubert se dirige de maneira específica. Com sua amiga George Sand, por exemplo, ele aprofunda mais os temas políticos, como descrevo a seguir.

Na Carta 1, Flaubert se corresponde com sua sobrinha Caroline. Ele escreveu que as novidades eram terríveis em relação aos prussianos, pobre Paris que não resistiria por muito tempo ao bombardeamento a que estava sendo submetida. Ele se perguntava onde estavam o direito e a justiça. Considerava a Guerra Franco-Prussiana um escárnio da humanidade e da moral. Comparava os acontecimentos com o fim do mundo, irritava-se com quem falasse de esperança, futuro e providência.

Um mês depois, na Carta 2, ele faz um desabafo com muita raiva. Esperando a rendição, ele gostaria que Paris inteira queimasse porque a França estava desonrada, baixa e degradada. Ele teria que votar para eleger os deputados, mas ele não queria fazê-lo. Ele não gostava mais da França, estava desanimado com os políticos, ele não entendia como Paris havia chegado no ponto de se render. Ele não queria usar sua medalha da legião de honra francesa porque não se considerava um francês, queria ser russo. Flaubert relatou que desde domingo não havia nenhum prussiano em Croisset, cidade perto de Rouen,

---

<sup>100</sup> WINOCK, op. cit., p. 318.

<sup>101</sup> WINOCK, op. cit., 323.

<sup>102</sup> WINCOK, idem, p. 320.

onde ele estava. Por isso ele queria voltar para casa que, no momento estava invadida pelos prussianos, e ele não aceitava esta invasão. Com muito ódio, queria demolir a casa depois da invasão.

Flaubert, na Carta 3, conta à princesa Mathilde que teve que sair de Croisset porque havia quatro prussianos na sua casa, tendo se dirigido a Rouen, que, como uma cidade sitiada, continuava bloqueada pelos prussianos que saqueavam as casas. Era necessário enterrar os objetos preciosos para salvá-los. Mesmo com o armistício as coisas continuavam iguais. Ele queria voltar a trabalhar, mas não tinha cabeça para tal. Imaginava que a paz seria assinada em cinco dias. Thiers decidiria.

Na Carta 4, Flaubert contou a Goncourt que ter prussianos morando em sua própria casa acabava com a moral, sua moral estava atacada e ele sentia ódio e tristeza.

No final de março, poucos dias após o começo da insurreição, Flaubert relatou à Madame des Genettes, na Carta 5, que ele soube que Paris estava inabitada, considerava que a tarefa do general era pesada e tinha dúvidas se ele seria obedecido (mencionava Thiers provavelmente). Ele pensava que aquele era o problema porque a internacional estava só começando e teria sucesso, não como esperava ou como temia a burguesia. O futuro estava daquele lado, a menos que triunfasse uma forte reação clerical e monárquica. Aqueles desgraçados emanavam o ódio, acabariam não pensando mais nos prussianos, mas sim amando-os. Ele sentia muita vergonha.

No dia 31 de março, na Carta 6, Flaubert estava em dúvida se a mensagem seria entregue porque os senhores do Hotel de Ville haviam tomado posse do correio. Muito estúpidos, seu reinado não seria longo. Falou dos *communards* que haviam proclamado as eleições no Hôtel de Ville no dia 28/03/1871.

No mesmo dia, escreveu a George Sand, na Carta 7, na qual ele começou a se mostrar contra a Comuna. Afirmava que a Revolução Francesa deveria deixar de ser um dogma, mas pertencer à ciência como o resto dos assuntos humanos. Se a Revolução Francesa tivesse sido mais bem estudada, naquele momento, não se acreditaria que só a palavra “república” pudesse derrotar um milhão de homens bem disciplinados, referindo-se aos prussianos. Ele acreditava que os franceses deveriam ter deixado Napoleão no trono para fazer as pazes com a Prússia para depois colocá-lo na cadeia. A história deveria

ter sido mais bem estudada em relação aos voluntários de 1792<sup>103</sup> e a retirada de Brunswick<sup>104</sup>. A Comuna de Paris retornava para pura Idade Média. O governo estava interferindo nos contratos entre particulares. A Comuna postulava o que se deveria e o que não se deveria, e que um serviço não poderia ser pago por outro serviço, o que constituía inépcia e injustiça! “Muitos conservadores que, por amor à ordem, queriam preservar a República, lamentarão Napoleão III e clamarão em seus corações pelos prussianos. As pessoas do Hôtel de Ville deslocaram o ódio. É por isso que os culpo. Parece-me que nunca estivemos mais baixos”. Os socialistas imitavam os procedimentos de Napoleão III, fazendo requisições, supressão de jornais, execuções capitais sem julgamento etc. Ele considerava a multidão uma besta imoral. Em uma ocorrência tipicamente burguesa, Flaubert defende um liberalismo que ignora a situação que os parisienses suportaram durante quatro meses de bloqueio: o desemprego e a miséria resultante, e a necessidade de uma transição para o retorno à normalidade<sup>105</sup>.

Na Carta 8, Flaubert escreveu a George Sand, contando que ele não era como um burguês, depois da invasão prussiana não haveria mais importunos e a insurreição de Paris seria muito simples e clara. Tudo isto seria um retrocesso, uma selvageria, a França nunca se libertaria da Idade Média, a Comuna parecia um município romano. Depois de tudo, os eclesiásticos floresceriam novamente. Compara os *comunards* aos *maillotins*, peessoas que se revoltaram contra os impostos no século XIV no governo de Charles VI.

No dia 27 de abril, na Carta 9, ele fez a premonição da destruição da coluna da Place Vendôme. Se isto acontecesse, segundo ele, poderia ser a causa de um suposto Terceiro Império que mais tarde floresceria nas mãos de algum parente de Napoleão. Quanto ao socialismo, julgava-o morto há muito tempo e ter perdido uma oportunidade única. Para Flaubert a invasão prussiana teria sido a pior coisa enfrentada. Para escapar a este momento, trabalhava desesperadamente no livro *A tentação de Santo Antônio*.

---

<sup>103</sup> Em 20 de setembro de 1792, o exército revolucionário, comandado pelo general Dumouriez, venceu a Batalha de Valmy, travada contra a nobreza francesa e seus aliados austríacos e prussianos, que tentavam derrubar o regime instaurado em 1789. Na ocasião, Servan de Gerbey, ministro da Guerra da França, escreveu a Dumouriez: “O hino conhecido pelo nome de La Marseillaise é o Te Deum da República”.

<sup>104</sup> O Manifesto de Brunswick, ou, na sua forma portuguesa, de Brunsvique, foi uma proclamação emitida por Carlos Guilherme Fernando, Duque de Brunsvique-Volfembutel, comandante do Exército Aliado (principalmente austríaco e prussiano), em 25 de julho de 1792, para a população de Paris, França, durante a Guerra da Primeira Coalizão. O Manifesto de Brunswick ameaçou que, se a família real francesa fosse prejudicada, os civis franceses também o seriam. Foi dito que foi uma medida destinada a intimidar Paris, mas, em vez disso, ajudou a impulsionar a Revolução Francesa cada vez mais radical e finalmente levou à guerra entre a França revolucionária e as monarquias contrarrevolucionárias.

<sup>105</sup> WINOCK, Michel. Flaubert. Paris: Editions Gallimard p. 443.

Na Carta 10, Flaubert relatou a George Sand que os prussianos não saquearam sua casa, somente roubaram alguns objetos pequenos. Como ele havia enterrado uma caixa cheia de cartas e as volumosas notas sobre o livro *As tentações de Santo Antônio*, encontrou tudo intacto. Ele continuava a trabalhar no livro. Ele achava mais tolerável a guerra que acontecia em Paris do que a invasão prussiana. Acreditava que a Comuna seria a última manifestação da Idade Média. Pensava que a Comuna seria mais tolerável do que a invasão prussiana, afinal reivindicava uma mudança e os prussianos queriam a Alsácia e a Lorena. Criticava o grito universal da burguesia que, sendo contra a Comuna, preferia os prussianos porque eles poderiam acabar com os *communards*. Nesta carta, afirmava que queria colocar todos os trabalhadores em um saco e os jogar no rio. Mostrava-se cansado, sem esperança, desiludido com a política, afinal ele havia vivido a Restauração, a Monarquia de Julho e o império de Napoleão III. Ele citava o desaparecimento de Paris como centro do governo, tudo teria ido embora com o governo, a França passava a não ter mais coração nem vida intelectual porque, naquele momento, o governo provisório estava em Bordeaux, fora de Paris. Comparava a Comuna com a Idade Média, selvagem e desorganizada. Detestava a democracia constituída na França pela proposição dos socialistas que perdoavam em vez de fazer justiça: naquela democracia existia uma negação do direito, não se poderia viver sem justiça e lei, demonstrava, assim, que, na visão socialista, a sociedade seria responsável pelos crimes. A Comuna perdoava os assassinos como Jesus aos ladrões, eles roubavam os ricos porque eles eram simplesmente ricos e não porque eles exploravam aos demais. Independentemente se aqueles ricos trabalhassem honestamente ou não, os *communards* colocavam todos no mesmo saco. Declarou que a República apresentava falhas e não poderia ser idolatrada.

Considerava os membros do governo de Adolf Thiers “assassinos de Versalhes”, eleitos pelo sufrágio universal, que, naquele caso, era uma farsa. A Comuna decidiu que todas as pessoas contra os *communards* seriam fuziladas para prevenir traição a partir de 5/4/1871, e Flaubert questionava em quem deveriam acreditar. Considerava razoável um governo de elite, de mandarins, que saberiam mais que o povo incapaz. Seria necessário ouvir filósofos como Ernest Renan<sup>106</sup> e Littré<sup>107</sup>, pois era favorável a uma aristocracia

---

<sup>106</sup> Joseph Ernest Renan (Tréguier, 28 de fevereiro de 1823 – Paris, 2 de outubro de 1892) foi um escritor, filósofo, teólogo, filólogo e historiador francês.

<sup>107</sup> Émile Maximilien Paul Littré (Paris, 1 de fevereiro de 1801 - Paris, 2 de junho de 1881) foi um lexicógrafo e filósofo francês, famoso pela autoria do Dictionnaire de la langue française, mais conhecido como o Littré. Formado em medicina, Littré dominava o inglês, alemão, grego, latim e sânscrito. Era um fervoroso democrata que participou da insurreição contra o rei Carlos X em 1830.

culta que soubesse mais que cifras e dinheiro, e que tivesse outras preocupações além do dinheiro. Escreveu que, se fossem mais cultos, não aceitariam Gambetta<sup>108</sup>, nem a invasão da Prússia, e nem a Comuna na França. Ironizava que os católicos se benziavam para afastar o perigo e os cultos davam vivas à república, lembrando 1792, não duvidando da vitória. Teria sido muito melhor manter Napoleão III e depois enviá-lo à prisão após a paz selada. Julgava que os franceses se apressariam ao fazer uma guerra civil antes mesmo de acabar com a guerra contra a Prússia: nem a Áustria, nem Itália e nem a Rússia fizeram suas próprias revoluções depois das batalhas de Sadowa, Novare e Sepastopol.

Reiterava, nesta carta, que a destruição da coluna Vendôme poderia provocar um Terceiro Império, talvez um irmão mais novo de Napoleão, Jerome, fosse o imperador da França. Como já citado, Marx previu esta derrubada no seu texto *O 18 brumário de Napoleão*, ambos Marx e Flaubert tiveram a mesma maneira de ver os fatos. Paris estava epilética por conta do cerco prussiano. Enaltecia o jornal satírico semanal *A lanterna*<sup>109</sup> e *Troppmann*<sup>110</sup>, julgava tudo uma loucura, e que os franceses haviam perdido a noção do bem e do mal, do bonito e do feio.

Neste último parágrafo, Flaubert avaliava que tudo era falso, realismo, crédito e até prostitutas. Esta falsidade talvez fosse fruto de um romantismo, da predominância da paixão sobre a forma e da inspiração sobre a regra. Esta falsidade se aplicava no modo de julgar. Eles se gabavam de Sophie Arnould<sup>111</sup> por ser boa mãe. A arte foi solicitada para ser moral, a filosofia para ser clara, o vício para ser decente e a ciência para estar ao alcance das pessoas.

Na Carta 11, no dia seguinte, escrevia a Ernest Feydeau. Criticava que o cristianismo sucedeu ao paganismo e que entraram no *muflismo*. Flaubert, nesta carta, imagina três estágios da história, o paganismo, o cristianismo e, finalmente, o *muflismo*. Ele acreditava em uma deterioração da civilização ocidental. Considerava os

---

<sup>108</sup> Léon Gambetta (Cahors, 2 de abril de 1838 - Sèvres, 31 de dezembro de 1882) foi um político francês. Ocupou o cargo de primeiro-ministro da França, de 14 de novembro de 1881 a 30 de janeiro de 1882. Quando jovem, estudou na escola de ensino básico em Cahors, depois renomeada, em sua homenagem, *College Gambetta*. Membro do governo de Defesa Nacional em 1870, então líder da oposição, foi uma das figuras políticas mais importantes dos primeiros anos da Terceira República e desempenhou um papel fundamental na sustentabilidade do regime republicano na França após a queda do Segundo Império. Em particular ele é quem, em 4 de setembro de 1870, proclama o regresso da República.

<sup>109</sup> O jornal *A Lanterna* fazia muita crítica à Napoleão III, era vendido clandestinamente por conta da censura do Segundo Império.

<sup>110</sup> Troppmann era um assassino que foi executado na mesma época em que um parente de Napoleão III, Pierre Bonaparte, cometeu um crime, mas foi liberado.

<sup>111</sup> Sophie Arnould (1740-1802), cantora de ópera soprano francesa, teve uma carreira tumultuada, criticada pela falta de disciplina na vida pessoal e profissional, mãe de quatro filhos.

*communards* como *mufles*<sup>112</sup>, medíocres e ignorantes. Paris estava uma desordem, por isso ele a caracterizava como uma babilônia cheia de carniça contemporânea, havendo muitas mortes na cidade.

Flaubert escreve a Carta 12 para princesa Mathilde, no começo de junho, quando a Comuna estava praticamente terminada. Pensava que a Comuna não se estenderia por toda a França, já estando em suas convulsões finais. Assim, retornaria a Paris. Ele fazia previsões de que a França se tornaria antiliberal, porque o peso do socialismo jogaria a França em um regime conservador de estupidez intensificada. Ele gostou que Rochefort<sup>113</sup> havia sido preso. Flaubert não acreditava nas ideias de Rochefort.

No dia 11 de junho, ele escreve à George Sand, Carta 13. Flaubert acabava de voltar a Paris, o cheiro dos cadáveres nas ruas parisienses o enojava, Paris estava em ruínas. Nesta carta, Flaubert escreveu sua famosa frase “metade da população quer estrangular a outra metade, que tem o mesmo interesse. Isso é claramente visível aos olhos dos transeuntes”. Os prussianos haviam desaparecido e havia pessoas que os desculpavam e os admiravam, como pessoas racionais que desejavam se naturalizar alemães. Flaubert se desesperava com esta ideia sobre os prussianos. Ele culpava os prussianos e o povo de Napoleão III pela Comuna. Afirmava não existir prova escrita contra o império e que Haussmann se apresentaria com ousadia nas eleições de Paris. Considerava que a direita provocava medo por seus excessos, o voto a favor dos Orleans havia tido como objetivo acalmar a direita e preparar com calma uma ação contra ela.

Na Carta 14, para sua sobrinha Caroline, Flaubert insistia que Paris havia passado por uma selvageria e um retrocesso. Ele chorou muito pela guerra da Prússia e julgava que o pior crime dos miseráveis responsáveis pela Comuna havia sido terem deslocado o ódio. A França não pensava mais nos prussianos, não tinha a remota ideia de uma futura vingança, tornando-se os franceses estúpidos e covardes, pobre país! Ele continuava trabalhando no livro *Santo Antônio*.

Na Carta 15, para sua sobrinha, no começo de agosto ele estava em Paris. Contou que sua casa tinha vista para o encantador Parque Monceau, permitindo que ele contemplasse a paisagem quando lia na beirada da janela. Ele continuava a trabalhar no

---

<sup>112</sup> Mufle em francês significa “o finalzinho do focinho de um animal” e pode caracterizar uma pessoa mal-educada, grossa, sem nenhuma sensibilidade, egoísta e individualista.

<sup>113</sup> Henri Rochefort era um jornalista e deputado francês de extrema esquerda, anticlerical, que escrevia para o jornal *La Lanterne*, favorável à Comuna.

seu livro *Santo Antônio*. Ele andava muito a pé e encontrava muita gente. Nesta passagem, podemos o considerar um *flâneur*, um caminhante do espaço urbano que vivencia uma experiência muito democrática, segundo Baudelaire, já citado neste texto.

No dia 6 de setembro, ele escreve a George Sand. Carta 16. Flaubert pergunta à George Sand sobre a senhorita Papavoine, uma *petroleuse*<sup>114</sup> que foi atacada por dezoito cidadãos no meio de uma barricada. Pode ser entendido na carta que ela foi violentada por dezoito camaradas, isto lembra o fim do livro *Educação sentimental*, em que os homens se limitavam a oferecer flores às mulheres. Flaubert faz um paralelo do herói de 1848 que, em vez de violar as mulheres, oferece-lhes flores, isto para mostrar a degradação da Comuna em comparação ao movimento de 1848.

Flaubert continuou a carta dizendo que o partido conservador não mais votaria e não pararia de tremer, os parisienses achavam que a Comuna seria restabelecida, é o gemido universal. Ele achava que a Internacional<sup>115</sup> poderia triunfar. Ele estava cansado do operário desprezível, do burguês inepto, do camponês estúpido e do eclesiástico odioso. Por isto ele se perdia na Antiguidade, trabalhando no seu livro *Santo Antônio* diferentes deuses, ele escrevia literatura só para ele porque ninguém se importava com a arte naquele momento, ele não sabia como ser útil, como ser ouvido.

A Carta 17, destinada à princesa Mathilde, foi escrita no mesmo dia que a anterior. Nesta carta, Flaubert insistia no caso da *petroleuse* Papavoine, ele salientava que ela havia sido violentada por dezoito camaradas em um só dia, durante a barricada, isto é violento, difícil de aceitar e ultrapassa o fim do livro *Educação sentimental* época em que os homens ofereciam flores às mulheres, passagem do livro dita como cínica.

Flaubert provou quando escreveu *Madame Bovary*, em 1857, que ele conhecia a natureza humana e sobretudo a natureza feminina, porém ele pensava que as *petrouleuses*

---

<sup>114</sup> As *petroleuses* foram acusadas de colocar fogo em Paris na semana sangrenta, durante a Comuna, entre 21 e 28 de maio de 1871, elas lutavam contra o exército de Versalhes. Eulalie Papavoine, costureira, tinha 25 anos em 1871, e foi acusada de lutar contra o exército de Versalhes, durante a Comuna ela ajudava a cuidar dos feridos. Ela foi condenada e deportada em 4 de setembro de 1871, dois dias antes desta carta. Papavoine é relacionada com o mito da prostituta revolucionária e é assim que Flaubert a vê, ele recorre a este mito que compara as mulheres que lutaram durante a Revolução de 1848 com as mulheres que lutaram na Comuna de Paris em 1871. As mulheres que lutaram em 1848 representavam uma alegoria viva de uma luta grandiosa pela liberdade, nesta época o ideal nobre era mudar o sistema, o que foi uma grande frustração porque o Segundo Império foi instalado. Já na Comuna, esta luta não tem mais um ideal nobre, estas mulheres que lutam pela Comuna são como prostitutas, sem ideal grandioso, são símbolos de mulher pública. Flaubert demonstra nesta carta que acredita neste mito e para ele a Revolução se degradou.

<sup>115</sup> Internacional é a Associação Internacional dos Trabalhadores, ou AIT, fundada em Londres em 1864.

eram vulgares pela maneira como elas agiam na Comuna, sem um ideal e com a selvageria da Idade Média, como ele escreveu várias vezes nas cartas.

Na Carta 18, escrita para George Sand, Flaubert se mostrava desacreditado com a humanidade, desde sua juventude a humanidade o enchia de amarguras, por isso já não mais se decepcionava. Ele acreditava que a multidão e o rebanho sempre seriam odiosos. O que importava seria curvarem-se a um pequeno grupo de mentes cultas, os mandarins. Enquanto a Academia de Ciência não fosse substituta do Papa, toda a política e a sociedade seriam piadas doentias. Essencialmente cristã, a ideia de igualdade se opõe à justiça. A graça predominava porque os incendiários de Paris não seriam menos punidos que os caluniadores do senhor Favre<sup>116</sup>.

Para que a França se levantasse, seria necessário que ela se afastasse da religião e de especulações filosóficas e entrasse na ciência. Flaubert colocava no mesmo patamar a república e a monarquia constitucional, ele não via diferença entre os dois regimes porque os considerava idênticos, a constituição controlava os dois poderes, tanto na república, quanto na monarquia constitucional.

Flaubert, neste trecho, fez uma crítica ao ensino gratuito e obrigatório e à imprensa. Quando todos pudessem ler o *Petit Journal*<sup>117</sup> e o *Figaro*<sup>118</sup>, não seria lida outra coisa porque os burgueses, os senhores ricos só leriam aquilo. A imprensa era uma escola sem instrução, dispensando o pensamento. Deste modo Flaubert, demonstrava que as pessoas não liam mais livros, só aqueles jornais, portanto todos passariam a ter os mesmos valores burgueses. O povo aprenderia a ler só para isto e formaria uma sociedade medíocre com valores burgueses. A instrução gratuita e obrigatória fazia da população uma massa medíocre que só lia coisas superficiais de interesse burguês. O povo saberia ler e isto seria tudo, a imprensa emburrecia porque impedia a reflexão.

Flaubert também era contra o sufrágio universal, o descrevia como a vergonha do espírito humano. Se houvesse um sufrágio universal, o que valeria será somente o número de votos. A sabedoria, a instrução, a origem, a inteligência e mesmo o dinheiro não seriam

---

<sup>116</sup> Favre foi um estadista que se opôs à guerra contra a Prússia em 1870 e exigiu a deposição do imperador depois de sua derrota, alegando que não cederia nunca à Alemanha nenhum território.

<sup>117</sup> Le petit Journal foi um jornal parisiense diário publicado de 1863 a 1944. Em suas colunas eram publicadas curiosidades, grandes acontecimentos políticos, fatos históricos e textos de ficção. Tinha um tom sensacionalista.

<sup>118</sup> Le Figaro foi fundado como um semanário satírico em 1826. Em 1866, tornou-se um jornal diário. Sua linha é centro-direita.

contados. Flaubert nesta crítica deixava claro que ele pensava que o povo não sabia votar, não tinha condição nem capacidade para votar.

Uma sociedade que sempre precisou de um bom Deus e de um salvador para sobreviver não teria capacidade de se defender. O partido conservador era incapaz de lutar em favor de sua própria sobrevivência, não lutava pelas próprias ideias. Aqueles do passado, os revolucionários de 1789, não tinham nem pátria e nem justiça e, portanto, não tiveram sucesso, da mesma maneira a Internacional sucumbiria porque estava no erro, não tinha ideias, só tem inveja.

Na Carta 19, no começo de outubro para George Sand, ele insistia que a educação gratuita e obrigatória não faria nada além de aumentar o número de imbecis. Acreditava em uma aristocracia natural e legítima formada por intelectuais. Acreditava que o sufrágio universal era mais estúpido que o direito divino. Massa e número seriam sempre bobagens. A massa deveria ser respeitada, mas com liberdade e não poder. Ele não acreditava em distinção de classes, considerava as castas arqueológicas, mas os pobres odiavam os ricos e os ricos tinham medo dos pobres. Pregar amor entre ricos e pobres seria inútil. O mais urgente seria instruir os ricos e iluminar os burgueses que não sabiam nada. O sonho da democracia era elevar o proletariado ao nível de estupidéz dos burgueses. E o sonho seria parcialmente realizado. O proletariado lia os mesmos jornais dos burgueses.

Baseado em suas próprias palavras, é possível afirmar que Flaubert não crê no poder do povo, ele considera a aristocracia no sentido grego, são os melhores e mais inteligentes. Neste caso, Flaubert mostra a ideia de Voltaire sobre os déspotas esclarecidos, pessoas esclarecidas e não imbecis. Ele não considera os burgueses uma classe instruída, quando ele fala que o proletariado lê os mesmos jornais que os burgueses, quer dizer que eles almejam ter os mesmos valores materiais, as mesmas paixões.

Ele afirmava nesta carta que os três graus de educação deram suas provas por um ano: 1º - O ensino superior fez com que a Prússia fosse vencedora<sup>119</sup>; 2º - A educação secundária, burguesa, produziu homens de 4 de setembro<sup>120</sup>; 3º - A educação primária

---

<sup>119</sup> Os prussianos se vangloriavam da ética escolar exemplar e rígida, acreditavam que por este motivo ganharam a Guerra Franco-Prussiana. Tinham uma educação eficaz sem formação concreta do indivíduo, era uma máquina eficaz de produzir atitudes intelectuais e eruditas, porém pouco atenta para a inteligência emocional do aluno.

<sup>120</sup> Neste dia 4/9/1870, os parisienses proclamaram a III República, após terem tomado conhecimento da captura do imperador Napoleão III pelos prussianos em Sedan.

havia dado a Comuna, seu ministro da instrução pública Vallès que desprezava Homero<sup>121</sup>.

Em três anos todos os franceses poderiam ler. Perguntou a George Sand se acreditava que eles seriam mais avançados. Se pelo menos um burguês respeitado tenha lido Bastiat<sup>122</sup>, as coisas mudariam para melhor. Os franceses sentiam falta de Napoleão III, um plebiscito votaria nele e Flaubert acabava a carta sendo irônico, dizendo que o sufrágio universal era uma coisa “tão bonita”. Pelas suas palavras, ele é contra o sufrágio universal porque a massa era maioria e feita por imbecis que votariam em imbecis.

Na Carta 20, para Madame des Genettes, em outubro, Flaubert conta que ele continuava trabalhando no seu livro *Santo Antônio*, não dormindo muito. Ele achava os franceses injustos com a assembleia. Era a primeira vez que teriam um governo sem metafísica, sem programa, sem bandeira, sem princípios e sem brincadeiras. Era um governo provisório e justamente isso o tranquilizava. Muitos crimes foram cometidos pelo ideal da política e deveriam se ater à administração dos bens.

Na Carta 21, Flaubert diz que Sand pedia desculpas por o ter ofendido, me parece que ela não concordou com algo da última carta, mas debateram amigavelmente. Nesta carta, ele criticava o conselho de guerra que trata Pipe-en-Bois<sup>123</sup> com mais severidade do que Courbet. Maroteau<sup>124</sup> foi condenado à morte como Rossel<sup>125</sup>. Ele não se importava com estes senhores e achava que deveriam ter fuzilado toda a Comuna, porém antes deveriam tê-los forçado a limpar as ruínas de Paris, mas isto feria a humanidade. Seríamos carinhosos com cães raivosos, mas não com aqueles por estes mordidos.

Ele se colocava novamente contra o sufrágio universal, preferia outros méritos. Nesta carta, ele apresentava um discurso elitista, ele preferia uma elite no poder com origem, talento e com condições intelectuais de estar governando. Deixava claro que o voto deveria levar em consideração dinheiro, inteligência, competência e talento. Ele falava que o voto dele valia mais pelo ponto de vista do nível de instrução. Ele comparava a votação com uma sociedade anônima em que quem tivesse mais ações teria mais direito.

---

<sup>121</sup> Os *communards* tinham o mínimo de instrução, o ensino primário. Jules Vallés teve infância rígida e desprezava os clássicos, por isso a ironia.

<sup>122</sup> Bastiat foi um economista e jornalista francês, que se opunha às ideias socialistas, era a favor do liberalismo econômico em vez de um estado autoritário.

<sup>123</sup> Pipe-em Bois era George Cavalier, amigo de Jules Vallés, engenheiro de vias públicas. Durante a Comuna, foi condenado pelo conselho de guerra.

<sup>124</sup> Maroteau era um jornalista francês condenado à morte por sua participação na Comuna.

<sup>125</sup> Rossel era oficial do exército francês e se uniu à Comuna, foi condenado e fuzilado.

No dia 14 de novembro, na Carta 22, Flaubert colocava de novo as ideias do livro *Educação sentimental*, afirmando que as classes esclarecidas deveriam ser esclarecidas. Seria preciso começar com a cabeça que seria o mais doente, e o resto viria. Ele acreditava que a ignorância reinava nos salões burgueses, nas reuniões políticas, nos jornais e nas fábricas.

Por fim na última carta do ano, destinada à Madame des Genettes, a Carta 23, Flaubert contava que está trabalhando bastante nos ensaios da peça *Aisée*, que seria encenada no teatro do Odeon. A peça, escrita por Louis Bouilhet, amigo íntimo de Flaubert, que estudaram juntos em Rouen. Bouilhet faleceu em 1869. Flaubert contava que está se dedicando a um monumento em homenagem ao seu grande amigo em Rouen. Ele sentia um grande desgosto pela morte dele. O trabalho o fazia esquecer a tristeza, porém, no silêncio de seu escritório, sentia mais a perda do amigo. Ele aconselhava Madame des Genettes a ler o trabalho que George Sand havia publicado no jornal suíço francófono *Les Temps*, onde coloca a correspondência política que eles trocavam. Flaubert faria 50 anos.

Nas cartas 5 e 9, Flaubert critica a Comuna, uma vez que acha que haverá um retorno dos eclesiásticos, já que a França não pensa mais nos prussianos, nem cogita uma futura vingança. Ele está mais preocupado com a invasão do que com a guerra civil, e se mostra insensível aos infortúnios públicos. Flaubert escreve a Madame Genette que a derrubada da Coluna Vendôme pelos *comunards* é a semente para um Terceiro Império dentro de 20 a 40 anos. Quanto ao socialismo, ele perdeu uma oportunidade única, e continuará morto por muito tempo. Ele elabora este futuro na sua solidão em Croisset, vivendo com sua mãe, que já não anda mais, e vendo pela sua janela os prussianos marcharem na rua<sup>126</sup>.

Desta vez, Flaubert não foi testemunha direta do espetáculo, como em 1848 e 1851. Indo contra o descanso dos notáveis, ele se preocupa com os dias e anos que estão por vir: "Sabe o que me assusta para o futuro próximo da França? ", pergunta ele à princesa Mathilde na carta 12. "É um fato que vai acontecer. Não importa o nome que ele tomará, ele será antiliberal. O medo do socialismo nos jogará em um regime conservador de uma estupidez reforçada." Ele acrescenta, com uma explicação ainda maior, exceto pela data

---

<sup>126</sup> WINOCK, op. cit., p. 446.

prevista: "Como Thiers acabou de nos prestar um grande serviço, em menos de um mês, ele será o homem mais odiado do seu país"<sup>127</sup>.

Em junho de 1871, na carta 13, Flaubert está desolado com as ruínas que a Comuna deixou em Paris, e mais decepcionado ainda com as atitudes dos burgueses de Paris, que pensam que os prussianos não existem mais. Escreve a George Sand que os parisienses perdoam os prussianos e até os admiram: "Esta gente tem que se naturalizar alemã". Ele afirma que não tem raiva dos *comunards*, porque simplesmente não tem raiva de cães raivosos. Flaubert detestou a Comuna, e apreciou sua derrota, mas esta insurreição para ele foi a continuação da guerra Franco-Prussiana, e a complacência de Versalhes para com os alemães o deixou fora de si. A partir de tudo isso, ele prevê, que haverá uma ordem moral nos anos que se seguirão<sup>128</sup>.

Flaubert, como vimos na análise das cartas trocadas com George Sand, limitou a divulgação de suas ideias sobre a comuna às conversas com sua amiga: ele não publicou suas opiniões, e participou da comuna à sua maneira, de uma forma privada. Para ele, o que mais o tocou foi na verdade a derrota da França e a ocupação prussiana de Paris. Para ele, a Comuna foi um "parêntese" dessa guerra<sup>129</sup>.

Podemos constatar pela carta 16, endereçada a George Sand, que esta forma de apolitismo corresponde, segundo suas próprias palavras, a uma aversão profunda e renovada por seus contemporâneos: 'Ah! Como estou cansado do operário ignóbil, do burguês inepto, do camponês estúpido e do eclesiástico odioso'<sup>130</sup>.

Flaubert, como vimos sobretudo na carta 18, era contra o sufrágio universal, assunto sobre o qual pensava de uma maneira diferente da de George Sand: ele não confiava nas massas, mas no fundo

"Flaubert gostaria de ver renascer um sistema censitário supostamente baseado na capacidade. Mas como definir essa capacidade, senão pela classe social, pela propriedade, pelo dinheiro? E quanto a esses supostos capacitados, que garantia temos de sua moralidade? Não, o sufrágio universal é a verdadeira fonte de legitimidade, mas seu futuro depende da educação das massas, mesmo sabendo que levará muito tempo antes que um bom resultado seja perceptível."<sup>131</sup> (tradução da autora)

---

<sup>127</sup> WINOCK, idem, p. 449.

<sup>128</sup> WINOCK, idem, p. 451.

<sup>129</sup> WINOCK, idem, p. 454.

<sup>130</sup> WINOCK, idem, p. 455.

<sup>131</sup> WINOCK, idem, p. 459.

A amizade com George Sand foi, durante toda a vida de Flaubert, uma luz inabalável. Mesmo na troca política com a escritora, na qual os pontos de vista se opuseram, percebe-se a qualidade de sua relação com a dama de Nohant, que os desentendimentos políticos não abalam. Se Flaubert preocupa George Sand, é por outro motivo. Ela julga que ele trabalha demais, que leva uma vida de monge muito austera, e, como uma anciã maternal, ela não hesita em aconselhá-lo:

“Por favor, não se absorva tanto na literatura e na erudição. Mude de ambiente, mova-se, tenha amantes, ou mulheres, como preferir, e, durante essas fases, não trabalhe, pois não se deve queimar a vela pelos dois lados, mas sim trocar o lado que se acende.”<sup>132</sup>(tradução da autora)

Pela investigação das cartas aqui mencionadas, é possível verificar que Flaubert era conservador e republicano, reacionário e anticlerical, nostálgico de uma aristocracia do espírito que não se encontra presente, profundamente hostil à sociedade democrática, embora fale de seu 'desenvolvimento' como uma necessidade<sup>133</sup>.

#### 4. CONCLUSÃO

Com base no livro *Lectures de la correspondance Flaubert-Sand* de Thierry Poyet, pode-se afirmar que Flaubert era contrário à democracia. Escritores do século XIX, como Flaubert, Zola e George Sand, viam-se como portadores de uma missão social, com o objetivo de melhorar a vida das pessoas e abrir os olhos da população para questões morais. Flaubert, em suas cartas, provoca ao chamar o povo de uma massa estúpida. George Sand via o povo como manipulável, embora tivesse inclinações socialistas. Flaubert considerava o comportamento das massas estúpido e perigoso, por isso era contra a Comuna, detestava sua violência e não reconhecia seu povo.

As correspondências revelam uma reação hostil de Flaubert em relação à Comuna, usando termos violentos para descrevê-la. Segundo Paul Lidsky em seu livro *Escritores contra a Comuna*, a Revolução de 1848 é crucial para entender as reações de Flaubert e George Sand. A ruptura entre escritores e a classe trabalhadora começou nesse período. Muitos escritores se envolveram entusiasticamente em 1848, mas ficaram desiludidos

---

<sup>132</sup> FLAUBERT, op. cit., 1998, p. 473.

<sup>133</sup> WINOCK, op. cit., p. 474.

durante o reinado de Napoleão III, passando a ver as massas populares como estúpidas. Flaubert, desgastado, tornou-se conservador.

Embora Flaubert criticasse o estilo de vida burguês, caracterizado pela vulgaridade, falta de cultura, materialismo, pobreza espiritual e insensibilidade às artes, isso não resultava em simpatia pelas classes trabalhadoras. Flaubert e Sand, que não estavam em Paris durante a Comuna, foram informados pela imprensa, frequentemente hostil ao movimento, e trocaram essas informações reacionárias em suas cartas.

Flaubert escreveu *A Educação sentimental* em 1869, um livro que ele mencionava frequentemente em suas cartas. Através do narrador, ele expressa ideais políticos, incluindo a rejeição à democracia e ao sufrágio universal, que ele via apenas como uma questão numérica. Flaubert desejava um critério diferente para a escolha de candidatos, não baseado apenas em números.

Outro ideal político que Flaubert apresenta no livro *A educação Sentimental* é a importância de elevar o nível intelectual das classes instruídas, especialmente a burguesia, através da educação, leitura e debate. Para ele, instruir a burguesia seria afastá-la dos ideais materialistas. Além disso, Flaubert acredita que, entre os mais capazes, deve-se escolher uma aristocracia legítima, que terá a responsabilidade de eleger um líder nacional de confiança dos intelectuais. Ele se inspira nas ideias de Voltaire sobre o déspota esclarecido. No livro, Flaubert defende a necessidade de iluminar as classes instruídas, começando pelos governantes. Antes de enviar o povo para a escola, os líderes devem ser os primeiros a serem educados. A Comuna defendia o poder popular, o que fez Flaubert se opor veementemente a ela, como evidenciado em suas cartas.

No capítulo "Une Chemerique Insurreiction" do livro *Terroir et Histoire*, Noell Dauphin <sup>134</sup> aborda a perspectiva de George Sand sobre a Comuna de Paris, que lhe causou consternação e desaprovação, sentimentos registrados em suas correspondências.

Os graves incidentes em Montmartre, em 18 de março de 1871, durante a tentativa de recuperar as armas da Guarda Nacional, provocaram em Sand o seguinte comentário registrado em sua *Agenda* dos anos 1867-1871 <sup>135</sup>: "Estou doente". Em 20 de março, ela

---

<sup>134</sup> DAUPHIN, Noel. **Terroir et histoires**. Actes du colloque de L'Université d'Orléans les 29 et 30 octobre 2004, Rennes, Presses universitaires, 2006, 300p.

<sup>135</sup> Agenda é uma série de livros com a forma de agenda com datas chaves da vida de George Sand onde ela coloca citações extratos de seus escritos.

acreditava que os generais Lecomte<sup>136</sup> e Thomas<sup>137</sup> "foram assassinados de forma odiosa". No dia 22, ela descreveu os insurgentes como "burros grosseiramente estúpidos ou malandros de baixo nível. A multidão que os segue é em parte enganada e louca, em parte desprezível e má". No dia seguinte, ela lamentou a continuidade da horrível situação, retratando um cenário degradado: "Eles ameaçam, prendem, julgam. Eles impedem que os tribunais funcionem". Um mês depois, embora reconhecesse que a imprensa favorável a Versalhes continha mentiras e exageros, ela concluiu com determinação: "É um motim de loucos e imbecis misturados com bandidos".

A raiva e a indignação de George Sand explicam sua pressa em ver o fim do episódio revolucionário, após um breve período em que acreditou na possibilidade de conciliação. Do início de abril até o final de maio de 1871, acompanhou as operações de reconquista do exército de Versalhes, desde as primeiras fases até a semana sangrenta, registrando com satisfação o avanço das tropas na capital e contando friamente as perdas dos federados. Em 19 de maio, ao saber da demolição da Coluna Vendôme, sua exasperação atingiu o auge: "Não entendemos por que o exército não acaba de uma vez com esta orgia". Aqui e ali, Sand expressa tristeza e terror pelos massacres e destruições que inevitavelmente não poupavam os inocentes, questionando a própria noção de civilização.

Desde 7 de junho, ela estava preocupada com as execuções sumárias continuadas, e temia claramente a extensão desse estado de emergência exorbitante. No final de setembro, observou, com uma humanidade aliada ao bom senso, que "matar ou aprisionar não é curar ou persuadir".

George Sand considera que o surto da insurreição foi particularmente inapropriado nas circunstâncias do momento. Ela ficou indignada com a guerra civil prolongando os infortúnios e perdas de uma guerra estrangeira que ela já havia desaprovado fortemente.

---

<sup>136</sup> General Claude Lecomte participou do cerco de Paris durante a Guerra Franco-Prussiana de 1870. Após a capitulação da capital, ele foi nomeado comandante do segundo setor. Ele estava prestes a partir para a província quando estourou a insurreição em 18 de março de 1871. O governo de Adolphe Thiers o encarregou de recuperar os canhões de Montmartre que a Guarda Nacional levava para lá quando os prussianos entraram na Champs-Élysées. Ele esperou em vão pelas equipes, destinadas à retirada das peças. Ele foi cercado por uma multidão que se opôs à partida dos canhões, sobre os quais deu ordem de atirar. Seus soldados ergueram as nadegas no ar, confraternizaram com os habitantes e o aprisionaram. Ele foi levado com o general Clément-Thomas a um jardim na Rue des Rosiers, onde foram fuzilados. Os policiais que haviam sido feitos prisioneiros com eles foram libertados na mesma noite.

<sup>137</sup> General Clément-Thomas foi nomeado comandante chefe da Guarda Nacional do Sena durante o cerco de Paris, renunciou durante a insurreição, foi reconhecido à paisana, durante os planos das barricadas de Montmatre, foi preso e fuzilado pela multidão e atirado sobre o cadáver do general Lecomte.

A primeira medida deveria ter sido tratar das feridas deixadas pela guerra contra a Prússia. Para Sand, a Comuna comprometia a República. Ela recebeu calorosamente o 4 de setembro, mas não escondeu a fragilidade das novas instituições. As eleições legislativas de 8 de fevereiro de 1871, que resultaram em uma clara maioria monarquista e conservadora, confirmaram seus temores. Disposições autoritárias, como medidas contra a imprensa da oposição, levantaram temores de um retorno ao terror, cuja memória ainda era recente. Finalmente, para Sand, o componente patriótico da Comuna reforçou a preocupação com o belicismo republicano, do qual o país estava cansado.

Ao contrário de Flaubert, Sand valorizava o sufrágio universal e era contra o fato de que a Assembleia fosse formada por uma minoria, assim como a Comuna, que não representava a vontade do país. Portanto, ela acreditava que a Comuna colocava em dúvida o sufrágio universal.

Ela se opõe às críticas ferozes de Flaubert e argumenta que "quem nega o povo se degrada e oferece ao mundo o vergonhoso espetáculo da renúncia". Sand protesta contra Flaubert, que condena severamente os excessos graves, mas permanece cego às causas que os provocaram. "Eu não reclamo", escreveu ela a ele em 25 de outubro de 1871. "Não lamento o incendiário e assassino condenados pela lei, mas lamento a classe pobre que leva uma vida brutal sem ajuda e acaba por produzir tais monstros".

George Sand rejeita a violência como meio de transformação social. Ela acredita que a Internacional Socialista seguiu o caminho errado ao se associar a comportamentos extremos, comprometendo seus objetivos, que são promissores para o futuro. "Acredito no futuro da Internacional, se, negando os crimes e falhas que seus seguidores estúpidos acabaram de cometer, ela se transforma e segue seu princípio sem querer aplicá-lo violentamente." Sand apoia os princípios, mas não os meios. Ela defende uma mudança moderada e não extremista. Protesta vigorosamente contra "minorias ativas" que buscam seus fins independentemente dos meios, utilizando coerção e/ou mentiras sem preocupação com a adesão voluntária da maioria. Ela afirma que a Comuna demonstra mais uma vez que o episódio do Terror de 1793 é o contraexemplo cujo retorno deve ser absolutamente evitado.

No final da análise, parece que tanto George Sand quanto Flaubert permaneceram alheios ao projeto político e social da Comuna. Não consideraram as circunstâncias que

contribuíram significativamente para a insurreição e não mencionaram, em suas correspondências, o sacrifício da massa durante o cerco. No entanto, George Sand teve uma compreensão mais ampla do povo e da Comuna. Flaubert, por outro lado, não entendeu as preocupações sociais da Comuna. Sand levou em consideração a conjuntura da Comuna, a opinião pública e a divisão que se criou, mas não valorizou tanto os projetos sociais. Ela entende os objetivos da Comuna, mas acha que foram colocados em risco pela violência. Condena os crimes cometidos e não está preocupada com a instrução dos burgueses como Flaubert.

O debate entre Flaubert e Sand é um debate respeitoso, onde cada um apresenta seu ponto de vista sem desvalorizar ou ofender o outro. Existe um desejo genuíno de entender a perspectiva do outro, e eles se admiram mutuamente, o que provoca uma grande reflexão, comprovada em suas trocas de correspondência. Ambos demonstram, através dessa correspondência, que o diálogo é essencial.

"Há em mim, falando literariamente, dois homens diferentes: um que é apaixonado por gritos, pelo lirismo, por grandes voos de águia, por todas as sonoridades da frase e pelos ápices das ideias; outro que investiga e escava a verdade tanto quanto pode, que gosta de acusar o pequeno fato com a mesma intensidade que o grande, que gostaria de fazer você sentir quase materialmente as coisas que produz".(tradução da autora)

De fato, existem dois seres que coexistem em Flaubert — e não apenas no escritor, como ele diz na carta acima de 16 de janeiro de 1852 a Louise Colet, sua personalidade, seus hábitos, seus pensamentos apresentam antinomias que, sem torná-lo um ser contraditório, o tornam mais complexo do que à primeira vista. "Eu gosto de vinho, não bebo; sou jogador e nunca toquei em um baralho; a devassidão me agrada e eu vivo como um monge. [...] Sou místico e não acredito em nada"<sup>138</sup>.

Esse trecho reflete a dualidade da personalidade de Flaubert, que se manifesta tanto em sua vida pessoal quanto em sua produção literária, destacando as contradições e complexidades que abrangem sua vida.

---

<sup>138</sup> WINOCK, idem, p. 574.

Quando a insurreição da Comuna eclodiu, em março de 1871, ele, como tantos outros escritores, se indignou contra os *comunards*. Mas, no fim das contas, ele os considerou bem menos odiosos do que os “capacetes pontudos”<sup>139</sup> tolerados pelos burgueses. “Eu estou exasperado contra a Direita”, escreveu Flaubert em janeiro de 1873, “a ponto de me perguntar se os *comunards* não tinham razão em querer incendiar Paris, pois os loucos furiosos são menos abomináveis do que os idiotas Além disso, seu reinado sempre é mais curto.” Flaubert nunca manifestou publicamente sua hostilidade aos revolucionários parisienses; considerava 'mais tolerável' a guerra em Paris do que a invasão.

"A crítica de extrema esquerda o rotulou de reacionário e antisocialista. Isso é, sem dúvida, julgá-lo com os critérios do século posterior ao seu. Liberal, mas antidemocrático, ele temia a chegada da era das massas, ao mesmo tempo que rejeitava a ordem tradicional, monárquica e clerical. Sob esse ponto de vista, ele não estava nem do lado da direita do seu tempo, nem do lado da esquerda. Facilmente o rotulariam de 'anarquista de direita', inimigo do poder - arbitrário - mas hostil a toda utopia coletivista autoritária. As etiquetas são sempre aproximadas. A meu ver, o discurso variável de Flaubert em política reflete as incertezas do século que seguiram a Revolução, diante da lenta formação, intercalada por convulsões sociais e políticas, da sociedade democrática. A percepção de que um novo mundo estava nascendo, a falta de estabilidade, a paixão pela igualdade, a ameaça da uniformização dos gostos e costumes, o modernismo em todos os domínios, todas essas rupturas resultantes da Revolução Francesa e da Revolução Industrial colocaram o escritor Flaubert em um dilema de contradições, entre o conformismo dos vencedores — os burgueses — e a ameaça da democracia social e política. Ele quis se colocar acima da confusão, dedicando-se à Arte, mas não se pode livrar da História como de roupas velhas. Flaubert teve que lidar com ela, às cegas, mas com certa coerência”<sup>140</sup>. (tradução da autora)

---

<sup>139</sup> Designação pejorativa dos prussianos, cujo uniforme militar incluía um capacete com um espigão de aço no topo.

<sup>140</sup> WINOCK, *idem*, p. 594.

Segundo Michel Winock, repulsivo ou inspirador, Flaubert faz parte do grupo de escritores cujos nomes são uma referência obrigatória.

Por outro lado, Émile Zola tinha uma visão bastante diferente sobre a Comuna de Paris em comparação com Flaubert. Zola era um defensor dos ideais republicanos e demonstrava um forte interesse nas questões sociais e políticas de sua época. Em sua série de romances *Les Rougon-Macquart*, Zola explorou as condições sociais e tensões políticas que culminaram na Comuna de Paris. Ele destacou a miséria e as injustiças da sociedade francesa, criticando a corrupção política, a desigualdade social e a exploração dos trabalhadores.

Quando a Comuna de Paris começou, Zola inicialmente esperava que ela pudesse trazer uma transformação social positiva. No entanto, conforme a violência e o caos aumentavam, ele passou a se preocupar com os excessos cometidos pelos *communards*. Após a queda da Comuna, Zola escreveu vários artigos e ensaios refletindo sobre os eventos e suas consequências. Ele condenou a repressão brutal do governo francês contra os *communards* e defendeu a necessidade de reformas sociais e políticas para prevenir futuros levantes.

A visão de Zola sobre a Comuna de Paris era complexa e matizada, refletindo seu compromisso com a justiça social e sua crítica à desigualdade e à opressão na sociedade francesa. Ele escreveu diversos artigos e ensaios sobre a Comuna de Paris e seu impacto na sociedade francesa. Um dos mais conhecidos é o artigo "A Verdade sobre a Comuna", publicado em 1871, onde analisou os eventos da Comuna e condenou a repressão violenta pelo governo francês.

Além disso, em sua série de cartas abertas "J'accuse...!" (Eu acuso...!), publicada em 1898, Zola defendeu o capitão Alfred Dreyfus, um oficial judeu do exército francês injustamente acusado de traição. Embora essas cartas não tratem diretamente da Comuna de Paris, elas demonstram o compromisso de Zola com a justiça social e sua disposição para enfrentar as injustiças e corrupções do sistema político francês.

Apesar de Zola não ter escrito extensivamente sobre a Comuna em comparação com outros temas sociais em seus romances e ensaios, sua postura progressista e seu envolvimento com as questões políticas e sociais de sua época refletem sua preocupação com os eventos e as consequências da Comuna de Paris.

Gustave Flaubert e Émile Zola eram dois escritores importantes do século XIX na França, mas tinham perspectivas ideológicas e estilísticas distintas. Flaubert era conhecido por sua abordagem meticulosa e busca pela "arte pela arte". Ele valorizava a precisão na linguagem e a representação fiel da realidade, mantendo-se mais reservado em relação às questões políticas e sociais. Flaubert acreditava que a literatura deveria focar na exploração da natureza humana sem se envolver diretamente em debates políticos.

Em contraste, Zola era um ardente defensor dos ideais republicanos e um crítico social engajado. Ele utilizava sua escrita para expor injustiças e desigualdades na sociedade francesa, abordando temas como pobreza, exploração dos trabalhadores e corrupção política. Zola acreditava que a literatura tinha o poder de provocar mudanças sociais e que os escritores deveriam se engajar nas questões políticas e sociais de sua época.

Assim, enquanto Flaubert buscava uma representação estética e universal da condição humana, Zola estava mais interessado em retratar a realidade social e política de sua época e em promover reformas e justiça social através de sua escrita.

Zola é frequentemente associado ao naturalismo e tinha uma visão mais empática em relação aos eventos da Comuna de Paris. Embora ele não fosse um fervoroso apoiador da Comuna, Zola criticou a repressão brutal dos *communards* pelo governo francês. Ele destacou as injustiças sociais e as difíceis condições de vida que levaram à insurreição, mostrando uma certa simpatia pelas motivações dos trabalhadores e dos pobres que participaram da revolta. Zola via a Comuna como uma expressão do desespero e da luta dos oprimidos contra condições sociais e econômicas adversas.

Flaubert, por outro lado, tinha uma visão mais pessimista e crítica da Comuna de Paris. Ele era cético em relação aos movimentos revolucionários e tinha uma profunda desconfiança da capacidade das massas de governar eficazmente. Flaubert via a Comuna como um exemplo de caos e desordem, resultante de um impulso revolucionário que ele considerava irracional e destrutivo. Sua perspectiva era mais conservadora, refletindo um medo de mudanças rápidas e uma preferência por ordem e estabilidade.

Zola demonstrou empatia pelas motivações dos *communards*, enquanto Flaubert manteve ceticismo e desaprovação em relação ao movimento. Zola criticou as injustiças sociais que levaram à Comuna, enquanto Flaubert viu o evento como um sinal de anarquia e desordem. Zola tinha uma visão mais positiva sobre as aspirações dos trabalhadores e oprimidos, enquanto Flaubert desconfiava da capacidade das massas para tomar decisões políticas eficazes. Essas diferenças refletem não apenas suas abordagens literárias, mas também suas percepções pessoais e filosóficas sobre a sociedade e a política de sua época.

Com Zola surge a figura do intelectual moderno, não apenas como um erudito do século XIX, mas como um militante de uma causa. Zola é o primeiro a incarnar essa figura do intelectual como referência. Já Flaubert faz literatura sem ser um militante. Flaubert é um dos maiores expoentes do realismo na literatura, buscando a objetividade e precisão na representação da vida e da sociedade, utilizando uma linguagem cuidadosa e detalhada. Sua abordagem influenciou muitos escritores subsequentes e ajudou a moldar a literatura moderna. Flaubert tinha um compromisso quase obsessivo com a perfeição estilística, acreditando na "le mot juste" (a palavra exata) e trabalhando arduamente para alcançar precisão linguística em suas obras. Esta dedicação elevou os padrões da escrita e influenciou gerações de escritores.

Segundo Mario Vargas Llosa no artigo "Duzentos anos", publicado na Folha de São Paulo, em 21 de dezembro de 2021: "O verdadeiro criador do romance moderno foi Flaubert. Ele tem duzentos anos e a forma de escrever romances que inventou está sempre viva e jovem. Tenho a sensação de que, nos duzentos anos que virão, sua maneira de escrever seguirá operando em sua eterna juventude." <sup>141</sup>

Em resumo, Émile Zola e Gustave Flaubert são dois dos mais importantes escritores franceses do século XIX, com legados vastos e significativos, especialmente nas áreas da literatura e do pensamento crítico. Ambos ajudaram a transformar a literatura em uma ferramenta para a exploração e crítica da sociedade. Eles introduziram técnicas narrativas e abordagens que permitiram uma representação mais honesta e complexa da realidade humana. Seus trabalhos continuam a ser estudados e admirados por sua

---

<sup>141</sup> LLOSA, Mario Vargas. "Duzentos anos" in Folha de São Paulo, Publicado em 21/12/2021

contribuição para a literatura e pela forma como abordaram questões sociais, políticas e humanas.

Apesar de suas diferenças literárias e filosóficas, tanto Zola quanto Flaubert mostraram ceticismo em relação à eficácia e ao valor da revolução violenta. Eles estavam preocupados com o caos e a destruição que a Comuna trouxe para Paris, mesmo que reconhecessem os problemas sociais e políticos que levaram ao seu surgimento. Ambos criticavam o radicalismo da Comuna. Zola, apesar de suas inclinações progressistas e simpatia pelos trabalhadores, via os excessos da Comuna como contraproducentes. Flaubert, com uma visão mais conservadora, via a Comuna como uma manifestação de anarquia e desordem. Ambos valorizavam a ordem e a estabilidade social, acreditando que mudanças radicais e súbitas poderiam levar a mais sofrimento e instabilidade. Flaubert, em particular, temia a destruição da cultura e da civilização que ele prezava. Embora compartilhassem essas visões, a forma como cada um expressou suas opiniões refletia suas personalidades e estilos literários únicos. Zola, com seu compromisso com o naturalismo e a exploração das condições sociais, abordava essas questões de forma mais direta e engajada em suas obras. Flaubert, com seu estilo mais distante e irônico, expressava suas opiniões de maneira mais sutil e cínica.

Por fim, enquanto Zola e Flaubert podiam concordar sobre os perigos do radicalismo e a importância da ordem social, suas abordagens e ênfases diferiam, refletindo suas respectivas perspectivas literárias e filosóficas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Colette. **Zola, auteur**. Collection Profil d'une oeuvre, Maison d'édition: Hatier, 1972,

BENJAMIN, Walter. **Paris, capital de siglo XIX** (1935). In: **El París de Baudelaire**. Trad. Mariana Dimópulos. S.l.: Titivillus, s.d.

BRESCIANI, Maria Stella. **Da cidade e do urbano**: Reflexões sobre a sociedade brasileira. São Paulo: Hucitec, 1998.

BRESCIANI, Maria Stella. **Londres e Paris no século XIX**: O espetáculo da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985

BRESCIANI, Maria Stella. “Metrópoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)”; “A cidade das multidões, a idade atemorizada; “Sanitarismo e a configuração do espaço urbano” In: **Da cidade e do urbano**: experiências, sensibilidades, projetos. São Paulo: Alameda, 2018.

BRIGGS, Asa. BURKE, Peter. **Uma História social da mídia**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002

CHOAY, Françoise. **A regra e o modelo**: sobre a teoria da arquitetura e urbanismo. Tradução Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. (Estudos; 88). Tradução de La règle et le modèle: sur la théorie de l'architecture et d'urbanisme.

COGGIOLA, Osvaldo. **150 anos da comuna de Paris**. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/150-anos-da-comuna-de-paris/>.

COGGIOLA, Osvaldo. **A derrota da Comuna de Paris e suas consequências**. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-derrota-da-comuna-de-paris/>.

CONTI, Mario Sergio. **Comuna de Paris, ocorrida há 150 anos, muda de sentido a cada efeméride**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mariosergioconti/2021/05/comuna-de-paris-ocorrida-ha-150-anos-muda-de-sentido-a-cada-efemeride.shtml>

CONTI, Mario Sergio. **“O abatedouro, a forma artística e o lugar de fala da literatura de Zola”** in Folha de São Paulo Publicado em 21/08/2020

DAUPHIN, Noell. **George Sand, Terroir et histoire**. *Actes du colloque de l'Université d'Orléans les 29 et 30 octobre 2004*, Rennes, Presses universitaires de Rennes, 2006, 300 p.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Trad. Rubens Enderle, Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007

FLAUBERT, Gustave. **L'Éducation sentimentale**. Préface d'Albert Thibaudet Édition de Samuel S. de Sacy Éditions Gallimard, 1965 et 1972.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Tradução de Sérgio Duarte. São Paulo: Nova Fronteira e Saraiva de Bolso, 2011.

HATIER, C. M. **Histoire. Images et Memoire des Français**. Paris, Juin, 1985.

HOBBSBAWN, Eric. *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1982.

HAUSSMANN, G **Mémoires**. Paris, Harvard, 1890-1893

JONES, Colins. **Paris. Biografia de uma cidade**. Tradução de José Carlos Volcato e Henrique Guerra. 6. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

KONDER, Leandro. **Marxismo e alienação**: Contribuição para um estudo de conceito marxista de alienação. São Paulo: Expressão Popular, 2009

LAMARE, E.N. de, **Traité de la Police, 1705-1738**

LIDSKY, Paul. **Les écrivains contre la Comune**. Poche/Essais, Éditeur: La Découvert, 2010.

LLOSA, Mario Vargas. **“Duzentos anos”** in Folha de São Paulo, Publicado em 21/12/2021.

LODI, Samantha. **Louise Michel: Pertença à Revolução Social**. São Paulo: Entremares, 2022.

MALET ET ISAAC. **La naissance du monde moderne 1848-1914** – Histoire 4 - Librairie Hachette, 1961 Collection fondée Georges Liébert et dirigée par Joel Roman.

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luís Bonaparte**. Tradução e notas Nélío Schineider, prólogo Herbert Marcuse. São Paulo: Boitempo, 2019 (coleção Marx-Engels). Tradução de: Der Achtzehnte Brumaire des Louis Bonaparte.

MATSUDA, Matt K. **The Memory of the Modern**. Oxford University Press, 1996.

PATTE, P. **Mémoires sur les objets les plus importants de l’architecture**. Paris, 1769

PAYET, Marie. “Place et rôle de la figure féminine chez Emile Zola à travers l’étude de trois euvre, L’Assommoir, Germinal e La Bete Humaine” in **Verbum-Anacleta Neolatina**, edição nº 4, 2022.

POYET, Thierry. **Lectures de la correspondance Flaubert-Sand** – *Des vérités de raison et de sentiment*, études réunies et présentées par Thierry POYET, Clermont-Ferrand, Presses Universitaires Blaise-Pascal, «CELIS», cahier n. 22, 2013, 311 pp.

SALLES, Jean-Paul. SALLES, Marina. **La curée**: Parcours de lecture. Paris: Bertrand-Lacoste, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. “Que’est-ce que la litterature?” in **Situations**. Tome II. Paris: Editions Gallimard, 1948, p. 167.

STAËL, Madame de. **Diez anos de destierro**. Trad. De Joan Rimbau Moller, Barcelona: Penguin Clasicos, 2016

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WINOCK, Michel. **Flaubert**. Paris: Editions Gallimard, 2015.

## FONTES

FLAUBERT, Gustave. **Cartas escritas por Flaubert durante o ano de 1871** – Gustave Flaubert - Correspondance: anée 1871 Édition Louis Conard. Disponível em: <https://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/outils/1871.htm>

FLAUBERT, Gustave. **Correspondance**. Tome I-V. Paris: Editions Gallimard, 1973 - 2007.

FLAUBERT, Gustave. **Œuvres complètes. Tome I: Œuvres de jeunesse.** Paris: Editions Gallimard, 2001.

FLAUBERT, Gustave. **L'Éducation sentimentale.** Paris: Editions Gallimard, 1965 et 1972

ZOLA, Émile. **L'assommoir.** Paris: Le livre de Poche, Libraire Générale Française, 1979.

ZOLA, Émile. **L'assommoir,** Paris: Gallimard, 1978

ZOLA, Émile. **La curée.** Paris: Le livre de Poche, Libraire Générale Française, 1996

ZOLA, Émile. **O abatedouro.** Londrina: Eduel, 2020

## ANEXO I- CARTAS ESCRITAS POR GUSTAVE FLAUBERT

### 1. À SOBRINHA CAROLINE, ROUEN, 1/1871

À sa nièce Caroline.

[Rouen] Lundi soir [janvier 1871].

Mon pauvre Loulou,

L'arrivée de ton mari, avant-hier soir, nous a fait grand plaisir. Quel homme! Je ne peux pas te dire l'admiration qu'il m'inspire, tant je le trouve fort et courageux ; il est tout l'inverse de moi, car personne plus que ton oncle n'est désespéré. Mon état moral, dont rien ne peut me tirer, commence à m'inquiéter sérieusement. Je me considère comme un homme perdu (et je ne me trompe pas). Chaque jour je sens s'affaiblir mon intelligence et se dessécher mon cœur. Oui, je deviens méchant à force d'abrutissement. C'est comme si toutes les bottes prussiennes m'avaient piétiné sur la cervelle. Je ne suis plus que l'enveloppe de ce que j'ai été jadis. Que veux-tu que je dise de plus? J'afflige ta pauvre grand'mère, qui de son côté me fait bien souffrir! Ah! Nous faisons un joli duo! Ton mari nous a proposé de nous emmener à Dieppe ; mais : 1° ta grand'mère n'y aurait aucune compagnie (et ici elle reçoit des visites tous les jours) ; 2° elle serait inquiète de ton oncle Achille ; 3° le voyage se ferait dans des conditions bien inconfortables. De plus, je ne veux pas m'absenter trop loin de mon pauvre domestique qui reste seul à Croisset, à se débattre au milieu des Prussiens. En quel état retrouverai-je mon pauvre cabinet, mes livres, mes notes, mes manuscrits? Je n'ai pu mettre à l'abri que mes papiers relatifs à *Saint Antoine*. Émile a pourtant la clef de mon cabinet, mais ils la demandent et y entrent souvent pour prendre des livres qui traînent dans leurs chambres. Nous touchons au commencement de la fin! Au reste, tu sais mieux les nouvelles que nous. Elles sont déplorables. Le pauvre Paris ne pourra pas résister longtemps à l'effroyable bombardement qu'il subit! Et puis après? Comment faire la paix? Avec qui? Le dénouement me paraît fort obscur. Quelle dérision du droit, de la justice, de l'humanité, de toute morale! Quel recul! Il me semble que la fin du monde arrive. Les gens qui me parlent d'espoir, d'avenir et de Providence m'irritent profondément. Pauvre France, qui se sera payée de mots jusqu'au bout!

Adieu, ma chère Caro! Quand te reverrai-je? Je t'embrasse bien tendrement.

Ton vieil oncle épuisé.

## 2. À SOBRINHA CAROLINE, 1/02/1871

À sa nièce Caroline.

1er février 1871.

Chère Caro,

Ton mari m'a écrit hier qu'il t'engageait à revenir dès que le paquebot de New-Haven sera rétabli. Le blocus est donc levé? Ce que je ne crois pas. Il ajoute qu'il croit te revoir dans une huitaine. J'ai peur que la huitaine se passe sans ton retour. Ce sera une grande déception pour ta grand'mère qui est à bout de force et de patience. La route de Saint-Valéry est toujours là, mais est-elle sûre?

La capitulation de Paris, à laquelle on devait s'attendre pourtant, nous a plongés dans un état indescriptible! C'est à se pendre de rage! Je suis fâché que Paris n'ait pas brûlé jusqu'à la dernière maison, pour qu'il n'y ait plus qu'une grande place noire. La France est si bas, si déshonorée, si avilie, que je voudrais sa disparition complète. Mais j'espère que la guerre civile va nous tuer beaucoup de monde. Puissé-je être compris dans le nombre! Comme préparation à la chose, on va nommer des députés. Quelle amère ironie! Bien entendu que je m'abstiendrai de voter. Je ne porte plus ma croix d'honneur, car le mot honneur n'est plus français, et je me considère si bien comme n'en étant plus un, que je vais demander à Tourgueneff (dès que je pourrai lui écrire) ce qu'il faut faire pour devenir russe.

Ton oncle Achille Flaubert voulait se jeter par-dessus les ponts et Raoul-Duval a eu comme un accès de folie furieuse. Tu as eu beau lire des journaux et t'imaginer ce que pouvait être l'invasion, *tu n'en a pas l'idée*. les âmes fières sont blessées à mort et, comme Rachel, «ne veulent pas être consolées». Depuis dimanche matin nous n'avons plus de Prussiens à Croisset (mais il en revient beaucoup à Rouen). Dès que tout sera un peu nettoyé, j'irai revoir cette pauvre maison, que je n'aime plus et où je tremble de rentrer, car je ne peux pas jeter à l'eau toutes les choses dont ces messieurs se sont servis. Si elle m'appartenait, il est certain que je la démolirais.

Oh! Quelle haine! Quelle haine! Elle m'étouffe! Moi qui étais né si tendre, j'ai du fiel jusqu'à la gorge.

Adieu. Je t'embrasse.

Ton mari nous invite à venir chez lui, à Neuville. Le voyage ne sera pas commode pour ta grand'mère. Mais elle le fera, malgré tout.

### 3. À PRINCESA MATILDE, 18/02/1871

À la princesse Mathilde.

Samedi soir [18 février 1871].

Je ne vous ai pas écrit parce que nous avons été du 5 décembre au 1er février complètement bloqués, comme dans une ville assiégée. Il était difficile de voyager dans un rayon de cinq lieues. On a été pendant un mois sans pouvoir correspondre de Rouen à Dieppe!

Vous dire ce que j'ai souffert est impossible ; tous les chagrins que j'ai eus dans ma vie, en les accumulant les uns sur les autres, n'égalent pas celui-là. Je passais mes nuits à râler dans mon lit comme un agonisant ; j'ai cru par moments mourir et je l'ai fortement souhaité, je vous le jure. Je ne sais pas comment je ne suis pas devenu fou! *Je n'en reviendrai pas!* à moins de perdre la mémoire de ces abominables jours.

J'ai été chassé de Croisset par les Prussiens qui, pendant quarante-cinq jours, ont occupé tous les appartements. Ils étaient dix, dont trois officiers, sans compter six chevaux. À Rouen, où nous nous étions réfugiés ma mère et moi, nous en avons eu quatre. Le conseil municipal, dont mon frère fait partie, a délibéré sous les balles de l'aimable peuple. On a même cru, dans la ville, pendant une heure, que mon frère était tué.

Ici à Dieppe (où j'ai amené ma mère depuis que sa petite fille est revenue d'Angleterre) nous avons été cette semaine menacés du pillage et ces messieurs ont saccagé les maisons de quatre conseillers municipaux. Il a fallu, de nouveau, enfermer dans la terre les objets précieux! Pendant ce temps-là, nous étions menacés à Croisset d'un sort pareil. Mais tout ce qui se passe depuis l'armistice n'est rien. Le pire a été les premiers temps de l'occupation. Tout ce que vous avez lu n'en donne aucune idée. Je fais des efforts pour n'y plus penser ; cela m'est impossible.

J'ai eu une lettre d'Edmond de Goncourt qui me donne des nouvelles de Théo (tous les deux vont bien).

Dumas, que je vois souvent, m'a donné des vôtres, dès que je suis arrivé ici, c'est-à-dire il y a dix jours. Son conseil est bon : n'essayez pas de revenir à Paris maintenant, ce serait imprudent.

Nous nous réjouissons tous les deux à l'idée d'aller bientôt vous faire une petite visite. Comme vous revoir me détendra le coeur!

J'imagine que la paix sera signée d'ici à cinq ou six jours! Voilà Thiers président de la République, maintenant! La gardera-t-il, ou la livrera-t-il aux Orléans? Ah!

Que mon époque m'ennuie!

Il me semble que cette guerre dure depuis cinquante ans, que toute ma vie jusqu'à elle n'a été qu'un songe, et qu'on aura toujours les Prussiens sur le dos. J'ai voulu me remettre au travail, mais j'ai encore la tête trop faible ; ma meilleure occupation, c'est de rêver au passé, où votre figure fait, pour moi, une grande lumière douce.

Patience et courage! Peut-être que dans quelques mois nous causerons de tout cela rue de Courcelles.

À vous fortement et tendrement.

#### **4. À GONCOURT PROVAVELMENTE, CROISSET ,16/03/1871**

Probablement à Goncourt.

Croisset près Rouen, [16 mars 1871].

Mon cher ami,

Votre lettre m'a fait bien du plaisir. De ce côté-là c'est une inquiétude de moins. Je ne sais pas comment je ne suis pas mort de rage et de chagrin, cet hiver! Les Parisiens qui ont beaucoup souffert ne se doutent pas de ce que c'est que l'invasion. Avoir ces cocos-là *chez soi* dépasse toute douleur.

Nous nous raconterons (prochainement je l'espère) nos impressions prussiennes et vous verrez que je n'ai pas été épargné.

Ma santé physique est rétablie, mais le moral reste profondément attaqué, et je ne crois pas qu'il revienne.

Oui! J'avais des illusions! je ne croyais pas à tant de sottise et de férocité. J'en veux à mon époque de m'avoir donné les sentiments d'une brute du XIIe siècle! Quelle reculade!

Dans quelque temps l'Europe entière portera l'uniforme! Tout le monde sera soldat! Que veut dire le mot : Progrès?

Nous allons entrer dans un ordre de choses hideux, où toute délicatesse d'esprit sera impossible. Paganisme, christianisme, *muflisme*, voilà les trois grandes évolutions de l'humanité. Nous touchons à la dernière.

Ici, à Rouen nous n'en avons pas fini. On s'y flanque des coups de sabre et des coups de couteau très proprement. L'histoire des drapeaux noirs (que vous savez, sans doute, par les journaux) a exaspéré les Prussiens, et le bon Rouennais tourne à l'espagnol. Depuis hier, cependant, on se calme. Je sais que Baudry va bien. Vous me verrez probablement dans une quinzaine de jours.

D'ici là, je vous serre les deux mains bien fort et suis tout à vous.

##### **5. À MADAME ROGER DES GENETTES, NEUVILLE, 30/03/1871**

À Madame Roger des Genettes.

Neuville [près Dieppe], 30 mars 1871.

Il y a quinze jours je comptais être maintenant à Paris, mais «nos frères» en ont disposé autrement.

Je suis parti de Dieppe pour Bruxelles, croyant ne pas revoir les casques à pointe, car je devais retrouver ma famille dans la nouvelle Athènes, qui me semble descendre au-dessous du Dahomey ; mais j'ai su à Bruxelles que Paris était inhabitable. Ma mère et ma nièce sont revenues de Rouen à Dieppe ; j'y suis depuis avant-hier et samedi prochain je serai à Croisset, où je me résigne à rentrer. Vous seriez donc bien aimable, chère madame, de m'y adresser un petit mot pour me dire ce que vous devenez. La tâche du général est lourde. Sera-t-il obéi? Là est tout le problème pour le moment. Car l'internationale ne fait que commencer et elle réussira, pas comme elle l'espère ni comme le redoutent les

bourgeois ; mais l'avenir (et quel avenir!) est de ce côté. À moins qu'une forte réaction cléricale et monarchique ne triomphe. Ce qui est également possible. Ces misérables-là déplacent la haine! On ne pense plus aux Prussiens. Encore un peu, et on va les aimer! Aucune honte ne nous manquera.

Comme je suis las, comme je voudrais m'en aller vivre dans un endroit où je n'entendrais plus parler de rien!

Adieu, chère madame, je n'ose vous dire à bientôt.

## **6. À PRINCESA MATHILDE, DIEPPE, 31/03/1871**

À la princesse Mathilde.

Dieppe [vendredi 31 mars 1871].

Demain enfin je me résigne à rentrer dans mon pauvre logis où je vais tâcher de travailler pour oublier la France. J'y attendrai que Paris soit tranquille! J'ai appris ce matin que ces Messieurs de l'Hôtel de Ville s'étaient emparés de la poste. Aussi ne suis-je pas bien sûr que cette lettre vous parvienne. Ils me paraissent si bêtes que leur règne ne sera pas long! Mon retour a été pénible : j'ai eu de New Haven à Dieppe un temps abominable ; j'en suis encore fatigué.

J'ai passé près de vous quatre jours bien bons, les seuls bons que j'aie eus depuis huit mois! Je vous ai trouvée plus vaillante et mieux portante que je ne l'espérais. Conservez-vous pour nous. Un temps viendra où nous nous retrouverons peut-être tous ensemble dans le cher endroit que nous regrettons.

Si rien n'est changé pour nous d'ici au milieu de l'été, je vous referai une visite, qui cette fois sera plus longue. Où aller pour être bien, si ce n'est près de vous! J'ai reçu les lettres renvoyées ici. Mes souvenirs à vos compagnons, et croyez, je vous prie, à l'inaltérable affection de votre tout dévoué

## **7. A GEORGE SAND, NEUVILLE, 31/03/1871**

À George Sand.

Neuville, près Dieppe, vendredi, 31 mars 1871.

Chère maître,

Demain, enfin, je me résigne à rentrer dans Croisset. C'est dur, mais il le faut. Je vais tâcher de reprendre mon pauvre *Saint Antoine* et d'oublier la France. Ma mère reste ici chez sa petite-fille, jusqu'à ce qu'on sache où aller, sans crainte de Prussiens ni d'émeute.

Il y a quelques jours, je suis parti d'ici avec Dumas, pour Bruxelles, d'où je comptais revenir directement à Paris. Mais «la nouvelle Athènes» me semble dépasser le Dahomey en férocité et en bêtise.

Est-ce la fin de la *blague*? En aura-t-on fini avec la métaphysique creuse et les idées reçues? Tout le mal vient de notre gigantesque ignorance. Ce qui devrait être étudié est cru sans discussion. Au lieu de regarder, on affirme! Il faut que la Révolution française cesse d'être un dogme et qu'elle rentre dans la Science, comme le reste des choses humaines. Si on eût été plus savant, on n'aurait pas cru qu'une formule mystique est capable de faire des armées et qu'il suffit du mot «République» pour vaincre un million d'hommes bien disciplinés. On aurait laissé Badinguet sur le trône, *exprès* pour faire la paix, quitte à le mettre au bagne ensuite! Si on eût été plus savant, on aurait su ce qu'avaient été les volontaires de 92 et la retraite de Brunswick, gagné à prix d'argent par Danton et Westermann. Mais non, toujours les rengaines! toujours la blague! Voilà maintenant la Commune de Paris qui en revient au pur moyen âge. C'est carré! La question des loyers, particulièrement, est splendide! Le gouvernement se mêle maintenant de droit naturel ; il intervient dans les contrats entre particuliers. La Commune affirme qu'on ne doit pas ce qu'on doit, et qu'un service ne se paie pas par un autre service. C'est énorme d'ineptie et d'injustice! Beaucoup de conservateurs qui, par amour de l'ordre, voulaient conserver la République, vont regretter Badinguet et appellent dans leur coeur les Prussiens. Les gens de l'Hôtel de Ville ont déplacé la haine. C'est de cela que je leur en veux. Il me semble qu'on n'a jamais été plus bas.

Nous sommes ballottés entre la société de Saint Vincent de Paul et l'Internationale. Mais cette dernière fait trop de bêtises pour avoir la vie si longue. J'admets qu'elle batte les troupes de Versailles et renverse le gouvernement. Les Prussiens entreront dans Paris et

«l'ordre régnera à Varsovie»! Si, au contraire, elle est vaincue, la réaction sera furieuse et toute liberté étranglée. Que dire des socialistes qui imitent les procédés de Badinguet et de Guillaume : réquisitions, suppressions de journaux, exécutions capitales sans jugement, etc.? Ah! quelle immorale bête que la foule, et qu'il est humiliant d'être homme!

Je vous embrasse.

## 8. A GEORGE SAND, CROISSET, 24/04/1871

George Sand.

Croisset, lundi soir, 2 heures [24 avril 1871].

Chère maître,

Pourquoi pas de lettres? Vous n'avez donc pas reçu les miennes envoyées de Dieppe? Êtes-vous malade? Vivez-vous encore? Qu'est-ce que ça veut dire? J'espère bien que vous (ni aucun des vôtres) n'êtes à Paris, capitale des arts, foyer de la civilisation, centre des belles manières et de l'urbanité. Savez-vous le pire de tout cela? *C'est qu'on s'y habitue*. Oui, on s'y fait. On s'accoutume à se passer de Paris, à ne plus s'en soucier, et presque à croire qu'il n'existe plus.

Pour moi, je ne suis pas comme les bourgeois ; je trouve que, après l'invasion, il n'y a plus de malheurs. La guerre de Prusse m'a fait l'effet d'un grand bouleversement de la nature, d'un de ces cataclysmes comme il en arrive tous les six mille ans ; tandis que l'insurrection de Paris est, à mes yeux, une chose très claire et presque toute simple.

Quels rétrogrades! quels sauvages! comme ils ressemblent aux gens de la Ligue et aux maillotins! Pauvre France, qui ne se dégagera jamais du moyen âge! qui se traîne encore sur l'idée gothique de la Commune, qui n'est autre que le municipe romain!

Ah! j'en ai gros sur le coeur, je vous le jure! Et la petite réaction que nous allons avoir après cela! Comme les bons ecclésiastiques vont reflleurir!

Je me suis remis à *Saint Antoine*, et je travaille violemment.

## 9. À MADAME ROGER DES GENETTES, CROISSET, 27/04/1871

À Madame Roger des Genettes.

Croisset, jeudi [27 avril? 1871].

Je ne vous ai pas écrit parce que je vous croyais enfermée dans Paris, où vous n'étiez pas une de mes moindres inquiétudes ; et je ne savais comment vous faire parvenir ma lettre.

C'est joli, ça va bien! N'importe! *j'y vois clair*, et je ne suis plus dans l'horrible état où j'ai rôlé pendant six mois. Comment n'en suis-je pas devenu fou?

Contrairement à l'avis général, je ne trouve rien de pire que l'invasion prussienne. L'anéantissement complet de Paris par la Commune me ferait moins de peine que l'incendie d'un seul village par ces messieurs, qui «sont charmants», etc., etc. Ah! Les docteurs ès lettres se livrant à un pareil métier et obéissant à une pareille discipline, voilà qui est *nouveau* et impardonnable! C'est pour cela qu'il ne faut pas tant comparer les horreurs de cette invasion à celles qu'ont pu commettre les soldats de Napoléon 1er. À propos de ce vieux, je crains que la destruction de sa colonne éparpille dans l'air la graine d'un troisième empire, qui plus tard s'épanouira. Un fils de Plonplon fera dans une vingtaine d'années la restauration de la branche cadette. Quant au socialisme, il a raté une occasion unique et le voilà mort pour longtemps. Le mysticisme l'a perdu. Car tout ce qui se fait à Paris est renouvelé du moyen âge. La Commune, c'est la Ligue! Pour échapper à tout cela, je me plonge en désespéré dans *Saint Antoine* et je travaille avec suite et vigueur. Si rien ne m'entrave, j'aurai fini ce livre avant un an. Comment n'être pas malade? Ce que vous me dites de votre santé ne m'étonne pas. Pauvres nerfs! pauvres nerfs! Mais souffrez-vous beaucoup? Si vous le pouvez, écrivez-moi de longues lettres. Quant à aller à Bourbonne, essayez-en. Allons, adieu. Quand nous reverrons-nous? J'irai à Paris-Dahomey dès qu'on pourra y entrer.

## 10. A GEORGE SAND, CROISSET, 29/04/1871

À George Sand.

[Croisset, 29 avril 1871].

Je réponds tout de suite à vos questions sur ce qui me concerne personnellement. Non, les Prussiens n'ont pas saccagé mon logis. Ils ont *chipé* quelques petits objets sans importance, un nécessaire de toilette, un carton, des pipes ; mais, en somme, ils n'ont pas fait de mal. Quant à mon cabinet, il a été respecté. J'avais enterré une grande boîte pleine de lettres et mis à l'abri mes volumineuses notes sur *Saint Antoine*. J'ai retrouvé tout cela intact.

Le pire de l'invasion pour moi, c'est qu'elle a vieilli de dix ans ma pauvre bonne femme de mère. Quel changement! Elle ne peut plus marcher seule et elle est d'une faiblesse navrante. Comme c'est triste de voir les êtres qu'on chérit se dégrader peu à peu!

Pour ne plus songer aux misères publiques et aux miennes, je me suis replongé avec furie dans *Saint Antoine*, et si rien ne me dérange et que je continue de ce train-là, je l'aurai fini l'hiver prochain. J'ai joliment envie de vous lire les soixante pages qui sont faites. Quand on pourra recirculer sur les chemins de fer, venez donc me voir un peu. Il y a longtemps que votre vieux troubadour vous attend! Votre lettre de ce matin m'a attendri. Quel fier bonhomme vous faites, et quel immense coeur vous avez!

Je ne suis pas comme beaucoup de gens que j'entends se désoler sur la guerre de Paris. Je la trouve, moi, plus tolérable que l'invasion. Il n'y a plus de désespoir possible, et voilà ce qui prouve, une fois de plus, notre avilissement. «Ah! Dieu merci, les Prussiens sont là!» est le cri universel des bourgeois. Je mets dans le même sac messieurs les ouvriers, et qu'on f... le tout ensemble dans la rivière! – ça en prend le chemin, d'ailleurs – et puis le calme renaîtra. Nous allons devenir un grand pays plat et industriel comme la Belgique. La disparition de Paris (comme centre de gouvernement) rendra la France incolore et lourde. Elle n'aura plus de coeur, plus de centre, et, je crois, plus d'esprit.

Quant à la Commune, qui est en train de râler, c'est la dernière manifestation du moyen âge. La dernière? Espérons-le!

Je hais la démocratie (telle du moins qu'on l'entend en France), c'est-à-dire l'exaltation de la grâce au détriment de la justice, la négation du droit, en un mot l'anti-sociabilité. La Commune réhabilite les assassins, tout comme Jésus pardonnait aux larrons, et on pille les hôtels des riches, parce qu'on a appris à maudire Lazare, qui était, non pas un mauvais riche, mais simplement un riche. «La République est au-dessus de toute discussion»

équivalait à cette croyance : «le Pape est infaillible!» toujours des formules! Toujours des dieux!

L'avant-dernier dieu, qui était le suffrage universel, vient de faire à ses adeptes une farce terrible en nommant «les assassins de Versailles». À quoi faut-il donc croire? À rien! C'est le commencement de la sagesse. Il était temps de se défaire «des principes» et d'entrer dans la Science, dans l'examen. La seule chose raisonnable (j'en reviens toujours là), c'est un gouvernement de mandarins, pourvu que les mandarins sachent quelque chose et même qu'ils sachent beaucoup de choses. Le peuple est un éternel mineur, et il sera toujours (dans la hiérarchie des éléments sociaux) au dernier rang, puisqu'il est le nombre, la masse, l'illimité. Peu importe que beaucoup de paysans sachent lire et n'écoutent plus leur curé ; mais il importe infiniment que beaucoup d'hommes, comme Renan ou Littré, puissent vivre et soient écoutés. Notre salut est maintenant dans une *aristocratie légitime*, j'entends par là une majorité qui se composera d'autre chose que de chiffres.

Si l'on eût été plus éclairé, s'il y avait eu à Paris plus de gens connaissant l'histoire, nous n'aurions subi ni Gambetta, ni la Prusse, ni la Commune. Comment faisaient les catholiques pour conjurer un grand péril? Ils se signaient en se recommandant à Dieu et aux saints. Nous autres, qui sommes avancés, nous allions crier : «Vive la République!» en évoquant le souvenir de 92 ; et on ne doutait pas de la réussite, notez-le. Le Prussien n'existait plus, on s'embrassait de joie et on se retenait pour ne pas courir vers les défilés de l'Argonne, où il n'y a plus de défilés ; n'importe, c'est de tradition. J'ai un ami à Rouen qui a proposé à un club la fabrication de *piques* pour lutter contre des chassepots! Ah! qu'il eût été plus pratique de garder Badinguet, afin de l'envoyer au bagne une fois la paix faite! L'Autriche ne s'est pas mise en révolution après Sadowa, ni l'Italie après Novare, ni la Russie après Sébastopol. Mais les bons Français s'empressent de démolir leur maison dès que le feu prend à la cheminée. Enfin, il faut que je vous communique une idée atroce : j'ai *peur* que la destruction de la colonne Vendôme ne nous sème la graine d'un troisième empire. Qui sait si, dans vingt ans ou dans quarante ans, un petit-fils de Jérôme ne sera pas notre maître?

Pour le quart d'heure, Paris est complètement épileptique. C'est le résultat de la congestion que lui a donnée le siège. La France, du reste, vivait, depuis quelques années, dans un état mental extraordinaire. Le succès de la *Lanterne* et Troppmann en ont été des symptômes bien évidents. Cette folie est la suite d'une trop grande bêtise, et cette bêtise

vient d'un excès de blague, car, à force de mentir, on était devenu idiot. On avait perdu toute notion du bien et du mal, du beau et du laid. Rappelez-vous la critique de ces dernières années. Quelle différence faisait-elle entre le sublime et le ridicule? Quel irrespect! quelle ignorance! quel gâchis! «Bouilli ou rôti, même chose!» et en même temps quelle servilité envers l'opinion du jour, le plat à la mode!

Tout était faux : faux réalisme, fausse armée, faux crédit et même fausses catins. On les appelait «marquises», de même que les grandes dames se traitaient familièrement de «cochonnettes». Les filles qui restaient dans la tradition de Sophie Arnould, comme Lagier, faisaient horreur. Vous n'avez pas vu les respects de Saint-Victor pour la Païva! Et cette fausseté (qui est peut-être une suite du romantisme, prédominance de la passion sur la forme et de l'inspiration sur la règle) s'appliquait surtout dans la manière de juger. On vantait une actrice, mais comme bonne mère de famille. On demandait à l'Art d'être moral, à la philosophie d'être claire, au vice d'être décent et à la Science de se ranger à la portée du peuple.

Mais voilà *une lettre bien longue. Quand je me mets à engueuler mes contemporains, je n'en finis plus.*

## 11. A ERNEST FEYDEAU, CROISSET, 30/04/1871

À Ernest Feydeau.

Croisset, 30 avril [1871].

Vis-tu encore? Où es-tu?

J'ai maintenant la conviction que plusieurs lettres écrites par moi et écrites à moi ont été perdues ou saisies. D'ailleurs, je ne peux expliquer autrement cet énorme trou dans notre correspondance.

Me voilà revenu à Croisset, depuis quinze jours, et j'y retravaille pour ne plus songer aux charogneries contemporaines. Ah! Cher vieux, comme j'ai envie de te revoir et de causer avec toi! Mais où nous revoir? Paris m'a l'air d'être en train de «suivre Babylone». En tout cas le Paris que nous aimions est fini!!! Au paganisme a succédé le christianisme, nous entrons maintenant dans le *muflisme*. Donne-moi de tes nouvelles, de toi et des tiens. Je t'embrasse ou plutôt je vous embrasse.

## 12. À PRINCESA MATILDE, CROISSET, 1/06/1871

À la princesse Mathilde.

Croisset, lundi soir [1 juin 1871].

Vous savez maintenant ce que signifiait mon télégramme, et vous devez comprendre quelle a été mon inquiétude ; c'est encore une amabilité des bons journaux. Je me doutais bien que la nouvelle était fausse et cependant une certaine angoisse m'oppressait. La vue de votre chère écriture m'a enlevé un poids de derrière le coeur.

Eh bien, Princesse, vos sinistres prédictions se trouvent démenties. La Commune de Paris, loin de s'étendre à toute la France, en est à ses dernières convulsions et, dans une huitaine de jours sans doute, on pourra rentrer dans cette ville maudite et adorée. Je n'ai pas envie de la revoir et, d'ici à longtemps probablement, les séjours que j'y ferai seront courts. J'ai bien envie de rendre mon petit logis à son propriétaire. Le voisinage de la rue de Courcelles me sera si pénible! Mais d'ici au mois de janvier qui sait ce qui arrivera?

Je continue à travailler au milieu de la tristesse affreuse où me plonge sans relâche la compagnie de ma mère. Dieu vous préserve de voir la dégradation physique et morale de ceux qui vous sont chers! Ah quelles amertumes j'ai avalées depuis deux ans!

Je me propose comme une joie d'aller vous faire une forte visite au mois de juillet ou au mois d'août. Renoncez en ce moment à votre voyage d'Italie. La Fortune est changeante. Attendez. Je ne veux vous donner aucun espoir, mais je voudrais vous retirer la désespérance.

Savez-vous ce qui m'effraie pour l'avenir prochain de la France? C'est la *réaction* qui va se faire.

Peu importe le nom dont elle se couvrira, elle sera anti-libérale. La peur de la Sociale va nous jeter dans un régime conservateur d'une bêtise renforcée. N'importe! L'arrestation de Rochefort m'a causé un moment de gaieté. Ce n'est pas lui que je voudrais voir puni, ou plutôt je voudrais voir étouffés dans la boue, avec sa sottise personne, tous les crétins qui se pâmèrent devant *son style!* Quand je songe à la gigantesque stupidité de ma patrie, je me demande si elle a été suffisamment châtiée?...

J'ai rencontré par hasard le duc d'Albufera et Boittelle. Je n'ai depuis longtemps *aucune* nouvelle de Mme Sand. Me garde-t-elle rancune à propos de mes lettres «désillusionnantes»? Je crois que non, cependant. Je la calomnie. Comme Thiers vient de nous rendre un très grand service, avant un mois il sera l'homme le plus exécré de son pays ; c'est dans l'ordre. Il se pourrait aussi qu'on prorogéât ses pouvoirs pour deux ans et, dans ce cas-là, les amis se remueraient pour vous prouver que tous ne sont pas oublieux.

Donnez-moi de vos lignes fréquemment.

Je vous baise les deux mains et suis, Princesse, votre fidèle et dévoué.

### 13. A GEORGE SAND, CROISSET, 11/06/1871

À George Sand.

Croisset, dimanche soir [11 juin 1871].

Chère maître,

Jamais je n'ai eu plus envie, plus besoin de vous voir que maintenant. J'arrive de Paris et je ne sais à qui parler. J'étouffe. Je suis accablé ou plutôt écoeuré. L'odeur des cadavres me dégoûte moins que les miasmes d'égoïsme s'exhalant par toutes les bouches. La vue des ruines n'est rien auprès de l'immense bête parisienne. À de très rares exceptions près, tout le monde m'a paru bon à lier. Une moitié de la population a envie d'étrangler l'autre, qui lui porte le même intérêt. Cela se lit clairement dans les yeux des passants.

Et les Prussiens n'existent plus! On les excuse et on les admire. Les «gens raisonnables» veulent se faire naturaliser Allemands! Je vous assure que c'est à désespérer de l'espèce humaine.

J'irai à Versailles jeudi. La Droite fait peur par ses excès. Le vote sur les Orléans est une concession qu'on lui a faite, pour ne pas l'irriter et avoir le temps de se préparer contre elle.

J'excepte de la folie générale Renan, qui m'a paru, au contraire, très philosophe, et le bon Soulié, qui m'a chargé de vous dire mille choses tendres.

J'ai recueilli une foule de détails horribles et inédits, et dont je vous fais grâce. Mon petit voyage à Paris m'a extrêmement troublé, et je vais avoir du mal à me remettre à la pioche.

Que dites-vous de mon ami Maury, qui a maintenu le drapeau tricolore sur les Archives tout le temps de la Commune? Je crois peu de gens capables d'une pareille crânerie.

Quand l'histoire débrouillera l'incendie de Paris, elle y trouvera bien des éléments, parmi lesquels il y a, sans aucun doute : 1° la Prusse, et 2° les gens de Badinguet : on n'a plus *aucune* preuve écrite contre l'empire, et Haussmann va se présenter hardiment aux élections de Paris.

Avez-vous lu, parmi les documents trouvés aux tuileries en septembre dernier, un plan de roman par Isidore? Quel scénario!

#### 14. À PRINCESA MATHILDE, CROISSET, 24/06/1871

À la princesse Mathilde.

Croisset près Rouen, lundi soir [24 juin 1871].

Pourquoi n'ai-je pas de nouvelles de vous? Vous n'avez donc pas reçu *deux* lettres de moi depuis que nous nous sommes vus? Ont-elles été perdues? Cela est bien possible, par l'aimable temps qui court.

J'espère mercredi prochain entendre parler de vous par Mme Dubois de L'Estang, dont j'ai reçu ce matin un petit mot pour m'avertir de son passage à Rouen en revenant de Bruxelles ; mais je m'ennuie trop de ne pas voir votre abominable et chère écriture!

L'état de Paris est toujours bien gentil, bien gentil! Quelle reculade! Quelle sauvagerie! Le plus triste peut-être, c'est *qu'on s'y habitue* ; oui, cela est cynique à dire, mais c'est vrai! On finit par en prendre son parti et par s'accoutumer à se passer de Paris, et presque à croire qu'il n'existe plus.

Quant à moi, la guerre de Prusse m'a fait verser tant de larmes et m'a rendu si désespéré que je suis maintenant fort blasé sur les émotions patriotiques. Il n'y a pas de malheur *après* l'invasion, et je plains (ou j'envie) ceux qui sont plus furieux contre les soldats de Cluseret qu'ils ne l'ont été contre les traîneurs de sabre du bon Guillaume. Le

plus grand crime de ces misérables-là (je parle des gens de la Commune), c'est d'avoir déplacé la haine. La France ne songe plus aux Prussiens! Elle n'a même plus l'idée d'une revanche future! Nous en sommes là! Notre état mental est du domaine de la médecine, tout le monde a une maladie du cerveau ; à force de blaguer on est devenu très bête – bête et lâche. Pauvre, pauvre pays!

Pour n'y plus songer, j'ai repris mon travail avec fureur. Il m'a semblé doux de me retrouver chez moi, au milieu de mes livres et je continue, comme autrefois, à tourner des phrases. Cela est aussi innocent et aussi utile que de tourner des ronds de serviettes.

Où est le temps où je vous lisais mes élucubrations dans votre atelier? Mon coeur se fond quand je me rappelle ces jours-là!... vous savez bien que je compte, au mois d'août, vous faire une visite plus longue. Ce sera mes vacances. Je vous envoie l'assurance de sentiments dont vous ne doutez pas et suis toujours tout à vous.

### 15. À SOBRINHA CAROLINE, PARIS, 4/8/1871

À sa nièce Caroline.

Paris, vendredi matin, 9 heures [4 août 1871].

Comment vas-tu? Comment va notre pauvre vieille? Quand arrivent chez toi les dames Vasse? Etc. Aujourd'hui je vais retourner chez M. Delestre pour la troisième et dernière fois, j'espère! C'est jusqu'à présent les seules visites que j'aie faites, car tout mon temps a été pris par les notes pour *Saint Antoine*. Cet après-midi enfin je vais aller à Saint-Gratien. Je ne me suis pas encore occupé de l'Odéon, et il est même impossible de savoir qui est directeur de ce théâtre. Mes soirées se passent très solitairement, et j'ajoute tristement. Car je songe à la manière différente dont je les passais autrefois, quand j'avais près de moi mon pauvre petit Duplan! Donc, je lis au bord de ma fenêtre tout en regardant le parc Monceau, qui est

charmant. Puis je me couche de très bonne heure. Hier j'étais non dans mon lit, mais *sur* mon lit dès 9 heures et demie.

Ernest a dîné avant-hier chez moi. Il m'avait paru, la veille, s'ennuyer tellement que je n'ai pas résisté à l'envie de l'inviter. Il pourra te dire qu'il ne m'a pas surpris au milieu «d'une partie de plaisir». – Style Bonenfant.

Vous rappelez-vous un de vos premiers domestiques nommé Armand? Il m'a rencontré hier et m'a demandé des nouvelles de M. et Mme Commanville. Voilà tout.

Comme je vais beaucoup à pied, je rencontre ainsi un tas de monde. La chaleur depuis deux jours est supportable et je sue un peu moins. Mais quel débordement lundi et mardi!

Adieu, pauvre chérie. Embrasse bien notre vieille pour moi. Force-la à s'occuper un peu et, quand elle m'écrit, à m'écrire un peu plus longuement. Deux bons bécots sur ta bonne mine.

À propos de ta mine, voici un mot qui a été dit sur elle, samedi dernier, par Mme Lapierre, au milieu de son dîner. On parlait des «jeunes dames» de Rouen, et quand ton tour est venu : «celle-là est d'un genre différent. Charmante, etc. »

Mme Lapierre : «Oh! Mme Commanville, *c'est un type* Sous-entendu d'élégance, de distinction, d'instruction, etc., etc., etc.

## 16. A GEORGE SAND, CROISSET, 6/9/1871

À George Sand.

Croisset, mercredi soir, 6 septembre [1871].

Eh bien, chère maître, il me semble qu'on oublie son troubadour? Vous êtes donc bien accablée de besogne? Comme il y a longtemps que je n'ai vu vos bonnes grosses lignes! Comme il y a longtemps que nous n'avons causé ensemble! Quel dommage que nous vivions si loin l'un de l'autre! J'ai un grand besoin de vous. Je n'ose plus quitter ma pauvre mère. Quand je suis obligé de m'absenter, Caroline vient me remplacer. Sans cela, j'irais à Nohant. Y resterez-vous indéfiniment? Faut-il attendre

jusqu'au milieu de l'hiver pour s'embrasser?  
Je voudrais bien vous lire *Saint Antoine*, qui en est à sa première moitié, puis m'épandre et rugir à vos côtés.

Quelqu'un qui sait que je vous aime et qui vous admire m'a apporté un numéro du *Gaulois*, où se trouvaient des fragments d'un article de vous sur les ouvriers, publié dans le *Temps*. Comme c'est ça! Comme c'est juste et bien dit! Triste! Triste! Pauvre France! Et on m'accuse d'être sceptique!

Que dites-vous de Mlle Papavoine, une pétroleuse, qui a subi au milieu d'une barricade les assauts de dix-huit citoyens! Cela enfonce la fin de l'*Éducation sentimentale*, où on se borne à offrir des fleurs.

Mais ce qui dépasse tout maintenant, c'est le parti conservateur qui ne va même plus voter, et qui ne cesse de trembler. Vous n'imaginez pas la venette des Parisiens. «dans six mois, monsieur, la Commune sera établie partout», est la réponse ou plutôt le gémissement universel.

Je ne crois pas à un cataclysme prochain, parce que rien de ce qui est prévu n'arrive. L'Internationale finira peut-être par triompher, mais pas comme elle l'espère, pas comme on le redoute. Ah! Comme je suis las de l'ignoble ouvrier, de l'inepte bourgeois, du stupide paysan et de l'odieux ecclésiastique!

C'est pourquoi je me perds, tant que je peux, dans l'antiquité. Actuellement, je fais parler tous les dieux à l'état d'agonie. Le sous-titre de mon bouquin pourra être : «le Comble de l'insanité». Et la typographie se recule, dans mon esprit, de plus en plus. Pourquoi publier? Qui donc s'inquiète de l'Art maintenant? Je fais de la littérature pour moi, comme un bourgeois tourne des ronds de serviette dans son grenier. Vous me direz qu'il vaudrait mieux être utile. Mais comment l'être? Comment se faire écouter?

Tourgueneff m'a écrit qu'à partir du mois d'octobre il venait se fixer à Paris pour tout l'hiver. Ce sera quelqu'un à qui parler. Car je ne peux plus parler de quoi que ce soit avec qui que ce soit.

Je me suis occupé aujourd'hui de la tombe de mon pauvre Bouilhet ; aussi, ce soir, ai-je un redoublement d'amertume.

## 17. À PRINCESA MATHILDE, 6/09/1871

À la princesse Mathilde.

Mercredi soir [6 septembre.

Cette date me fait souvenir qu'il y a aujourd'hui un an j'étais fort inquiet de vous. Je cherchais de vos nouvelles partout ; j'ai été le lendemain à Dieppe voir Dumas. Quelle année! Elle est finie, Dieu merci ; n'en parlons plus.

La rivière continue à couler, les jours se passent et le cataclysme prochain, dont les trembleurs nous menacent, me paraît se reculer. Ils ont une jolie manière de consolider les choses, en criant toujours qu'elles vont tomber. Pour prouver que la maison n'est pas solide, ils donnent de grands coups de pioche contre les murs. Le parti conservateur est le plus inepte de tous, n'ayant pas même l'instinct des brutes qui gardent et défendent, par tous leurs moyens, leur tanière et leurs vivres. J'ai été réjoui, ce matin, par l'histoire de Mlle Papavoine, une pétroleuse, qui a subi au milieu des barricades les hommages de dix-huit citoyens, en un seul jour! Cela est raide, et dépasse de beaucoup la fin de la pauvre *Éducation sentimentale*, où les héros se bornent à offrir des fleurs, passage déclaré cynique! Avez-vous lu un article de Mme Sand (publié dans *le Temps*), sur les ouvriers. C'est bien fait et brave, c'est-à-dire honnête. Elle arrive tout doucement à voir ce qu'il y a de plus difficile à voir : la vérité. Pour la première fois de sa vie, elle appelle la canaille par son nom.

J'ai fait tantôt une visite à la pauvre Mme Perrot (la mère de Janvier). Elle passe toutes ses journées dans la prison de son fils. Voilà trois mois qu'il est coffré et son affaire n'est pas encore instruite, si bien que, fût-il plus tard déclaré innocent, il aura subi *plus de prison* que le sieur Courbet!

L'anniversaire du 4 septembre s'est passé ici de la façon la plus inoffensive. La République ne se fait pas sentir. Donc gardons-la!

J'allais oublier de vous remercier pour votre dernière lettre. Elle était gentille et bonne, au delà de toute expression, et j'ai été bien touché par vos plaintes, chère Princesse que vous êtes. Le monde peut être sauvé par un seul juste, dit l'Écriture. Eh bien, moi je dis : tant qu'il restera un petit coin comme le vôtre, tout n'est pas perdu. Gardons notre coeur

et notre esprit. Veillons sur la flamme, pour que le feu sacré brûle toujours. Plus que jamais, je sens le besoin de vivre dans un monde à part, en haut d'une tour d'ivoire, bien au-dessus de la fange où barbote le commun des hommes. J'écris maintenant les plaintes d'*Isis* et je pense à vous ; ce n'est pas déchoir, il me semble?

Qu'avez-vous décidé pour cet hiver? Et cette petite visite à Croisset? On n'y renonce pas, j'imagine? Si vous tardez trop, j'irai vous rappeler votre promesse le mois prochain.

Je vous baise les deux mains, Princesse, et suis toujours, sous tous les régimes politiques, votre vieux fidèle.

### 18. A GEORGE SAND, CROISSET, 8/9/1871

À George Sand.

Croisset, 8 septembre 1871.

Ah! comme elles sont gentilles! Quels amours! Quelles bonnes petites têtes sérieuses et douces! Ma mère en a été tout attendrie et moi aussi. Cela s'appelle une attention délicate, chère maître, et je vous en remercie bien. J'envie Maurice : son existence n'est pas aride comme la mienne. Nos deux lettres se sont croisées encore une fois. Cela prouve, sans doute, que nous sentons les mêmes choses en même temps et au même degré.

Pourquoi êtes-vous si triste? L'humanité n'offre rien de nouveau. Son irrémédiable misère m'a empli d'amertume, dès ma jeunesse. Aussi, maintenant, n'ai-je aucune désillusion. Je crois que la foule, le troupeau sera toujours haïssable. Il n'y a d'important qu'un petit groupe d'esprits, toujours les mêmes, et qui se repassent le flambeau. Tant qu'on ne s'inclinera pas devant les mandarins, tant que l'Académie des sciences ne sera pas le remplaçant du Pape, la politique tout entière et la société, jusque dans ses racines, ne sera qu'un ramassis de blagues écoeurantes. Nous pataugeons dans l'arrière-faix de la Révolution, qui a été un avortement, une chose ratée, un four, «quoi qu'on dise».

Et cela parce qu'elle procédait du moyen âge et du christianisme. L'idée d'égalité (qui est toute la démocratie moderne) est une idée essentiellement chrétienne et qui s'oppose à celle de justice. Regardez comme la grâce, maintenant, prédomine. Le sentiment est tout,

le droit rien. On ne s'indigne même plus contre les assassins, et les gens qui ont incendié Paris sont moins punis que le calomniateur de M. Favre.

Pour que la France se relève, il faut qu'elle passe de l'inspiration à la Science, qu'elle abandonne toute métaphysique, qu'elle entre dans la critique, c'est-à-dire dans l'examen des choses.

Je suis persuadé que nous semblerons à la postérité extrêmement bêtes. Les mots République et monarchie la feront rire, comme nous rions, nous autres, du réalisme et du nominalisme. Car je défie qu'on me montre une différence essentielle entre ces deux termes. Une République moderne et une monarchie constitutionnelle sont identiques. N'importe! On se chamaille là-dessus, on crie, on se bat.

Quant au bon peuple, l'instruction «gratuite et obligatoire» l'achèvera. Quand tout le monde pourra lire le *Petit Journal* et le *Figaro*, on ne lira pas autre chose, puisque le bourgeois, le monsieur riche ne lit rien de plus. La presse est une école d'abrutissement, parce qu'elle dispense de penser. Dites cela, vous serez brave, et, si vous le persuadez, vous aurez rendu un fier service. Le premier remède serait d'en finir avec le suffrage universel, la honte de l'esprit humain. Tel qu'il est constitué, un seul élément prévaut au détriment de tous les autres : le nombre domine l'esprit, l'instruction, la race et même l'argent, qui vaut mieux que le nombre.

Mais une société (qui a toujours besoin d'un bon Dieu, d'un Sauveur) n'est peut-être pas capable de se défendre. Le parti conservateur n'a pas même l'instinct de la brute (car la brute, au moins, sait combattre pour sa tanière et ses vivres). Mais ceux du passé, qui n'avaient non plus ni patrie ni justice, n'ont pas réussi, et l'Internationale sombrera, parce qu'elle est dans le faux. Pas d'idées, rien que des convoitises!

Ah! Chère bon maître, si vous pouviez haïr! C'est là ce qui vous a manqué : la haine. Malgré vos grands yeux de sphinx, vous avez vu le monde à travers une couleur d'or. Elle venait du soleil de votre cœur ; mais tant de ténèbres ont surgi, que vous voilà maintenant ne reconnaissant plus les choses. Allons donc! Criez! Tonnez! Prenez votre grande lyre et pincez la corde d'airain : les monstres s'enfuiront. Arrosez-nous avec les gouttes du sang de Thémis blessée. Pourquoi sentez-vous «les grandes attaches rompues»? Qu'y a-t-il de rompu? Vos attaches sont indestructibles, votre sympathie ne peut aller qu'à l'éternel. Notre ignorance de l'histoire nous fait calomnier notre temps. On a toujours été comme

ça. Quelques années de calme nous ont trompés. Voilà tout. Moi aussi, je croyais à l'adoucissement des mœurs. Il faut rayer cette erreur et ne pas s'estimer plus qu'on ne s'estimait du temps de Périclès ou de Shakespeare, époques atroces où on a fait de belles choses. Dites-moi que vous relevez la tête et que vous pensez à votre vieux troubadour qui vous chérit.

### 19. A GEORGE SAND, CROISSET, 4/10/1871

À George Sand.

[Croisset, 4 ou 5 octobre 1871].

Chère maître,

J'ai reçu votre feuilleton hier et j'y répondrais longuement si je n'étais au milieu des préparatifs de mon départ pour Paris. Je vais tâcher d'en finir avec *Aïssé*. Le milieu de votre lettre m'a fait *verser un pleur*, sans me convertir, bien entendu. J'ai été ému, voilà tout, mais non persuadé.

Je cherche chez vous un mot que je ne trouve nulle part : justice, et tout notre mal vient d'oublier absolument cette première notion de la morale. La grâce, l'humanitarisme, le sentiment, l'idéal, nous ont joué d'assez vilains tours pour qu'on essaye du Droit et de la Science.

Si la France ne passe pas, d'ici à peu de temps, à l'état critique, je la crois irrévocablement perdue. L'instruction gratuite et obligatoire n'y fera rien qu'augmenter le nombre des imbéciles. Renan a dit cela supérieurement dans la Préface de ses «questions contemporaines». Ce qu'il nous faut avant tout, c'est une aristocratie naturelle, c'est-à-dire légitime. On ne peut rien faire sans tête, et le suffrage universel, tel qu'il existe, est plus stupide que le droit divin. Vous en verrez de belles, si on le laisse vivre. La masse, le nombre, est toujours idiot. Je n'ai pas beaucoup de convictions, mais j'ai celle-là fortement. Cependant il faut respecter la masse, si inepte qu'elle soit, parce qu'elle contient des germes d'une fécondité incalculable. Donnez-lui la liberté, mais non le pouvoir.

Je ne crois pas plus que vous aux distinctions des classes. Les castes sont de l'archéologie. Mais je crois que les pauvres haïssent les riches et que les riches ont peur des pauvres.

Cela sera éternellement. Prêcher l'amour aux uns comme aux autres est inutile. Le plus pressé est d'instruire les riches, qui, en somme, sont les plus forts. Éclairez le bourgeois, d'abord, car il ne sait rien, absolument rien. Tout le rêve de la démocratie est d'élever le prolétaire au niveau de bêtise du bourgeois. Le rêve est en partie accompli. Il lit les mêmes journaux et a les mêmes passions.

Les trois degrés de l'instruction ont donné leurs preuves depuis un an : 1° l'instruction supérieure a fait vaincre la Prusse ; 2° l'instruction secondaire, bourgeoise, a produit les hommes du 4 Septembre ; 3° l'instruction primaire nous a donné la Commune. Son ministre de l'instruction publique était le grand Vallès, qui se vantait de mépriser Homère.

Dans trois ans, tous les Français peuvent savoir lire. Croyez-vous que nous en serons plus avancés? Imaginez au contraire que, dans chaque commune, il y ait *un* bourgeois, un seul, ayant lu Bastiat, et que ce bourgeois-là soit respecté : les choses changeraient.

Cependant je ne suis pas découragé comme vous, et le gouvernement actuel me plaît, parce qu'il n'a aucun principe, aucune métaphysique, aucune blague. Je m'exprime très mal. Vous méritez pourtant une autre réponse, mais je suis fort pressé. J'apprends aujourd'hui que la masse des Parisiens regrette Badinguet. Un plébiscite se prononcerait pour lui, je n'en doute pas, tant le suffrage universel est une belle chose

## **20. À MADAME ROGER DES GENETTES, CROISSET, 6/10/1871**

Croisset, [vendredi, 6 octobre, 1871].

Il faut que je m'en aille à Paris, la semaine prochaine, pour les affaires de mon pauvre Bouilhet, afin d'en finir avec *Aïssé*, et je passerai au boulevard Beaumarchais, voir si par hasard... mais non! Je ne trouverai personne! Pourquoi? êtes-vous condamnée à Villenauxe à perpétuité? «Paris n'est-il pas assez à plaindre, belle dame?», comme dirait M. Prud'homme.

Il me semble que vous êtes bien seule là-bas et que vous devez vous y ennuyer mortellement. Le général m'a dit que vous gardiez votre «excellent moral». Est-ce vrai? Il est charmant, votre brave frère! Il est venu me faire une longue visite, où il a beaucoup et très bien parlé. Je crois que la sympathie est réciproque. Comme je vous plains! J'ai peur que vous ne suiviez un très mauvais régime. Pardonnez-

moi cette outrecuidance, mais j'ai, à mes dépens, acquis beaucoup d'expérience en fait de névroses. Tous les traitements qu'on leur applique ne font qu'exaspérer le mal. Je n'ai pas encore rencontré, en ces matières, un médecin intelligent. Non! Pas un ; c'est consolant! Il faut s'observer soi-même scientifiquement et expérimenter ce qui convient. Ma vie n'est pas douloureuse comme la vôtre, mais n'est pas non plus précisément folichonne. Ma seule distraction consiste à promener, ou plutôt à traîner ma mère dans le jardin. La guerre l'a vieillie de cent ans en dix mois. C'est bien triste d'assister à la décadence de ceux qu'on aime, de voir leurs forces s'en aller, leur intelligence disparaître. Pour oublier tout, je me suis jeté en furieux dans *Saint Antoine* et je suis arrivé à jouir d'une *exaltation effrayante*. Voilà un mois que mes plus longues nuits ne dépassent pas cinq heures. Jamais je n'ai eu «le bourrichon» plus monté. C'est la réaction de l'aplatissement où m'avait réduit la Défense nationale. Et à ce propos, je trouve qu'on est fort injuste envers la présente assemblée. Ce qui se passe est ce qui me convient. Voilà la première fois qu'on voit un gouvernement sans métaphysique, sans programme, sans drapeau, sans principes, c'est-à-dire sans blague. Le provisoire est précisément ce qui me rassure. Tant de crimes ont été commis par l'idéal en politique qu'il faut s'en tenir pour longtemps à «la gérance des biens».

J'ai échangé avec Mme Sand des épîtres politiques. Les siennes paraissent dans *le Temps*. Le congrès de Lausanne vous réjouit-il? Auriez-vous souhaité ouïr André Léo? Ah! Pauvre, pauvre humanité!

## 21. A GEORGE SAND, PARIS, 18/10/1871

À George Sand.

[Paris, avant le 18 octobre 1871].

Jamais de la vie, chère bon maître, vous n'avez donné une pareille preuve de votre inconcevable candeur. Comment, sérieusement, vous croyez m'avoir offensé? La première page ressemble presque à des excuses. ça m'a fait bien rire ; vous pouvez, d'ailleurs, tout me dire, moi, tout! Vos coups me seront caresses. Donc, re-causons. Je rabâche en insistant de nouveau sur la justice. Voyez comme on est arrivé à la nier partout. Est-ce que la critique moderne n'a pas abandonné l'Art pour

l'Histoire? La valeur intrinsèque d'un livre n'est rien dans l'école Sainte-Beuve, Taine. On y prend tout en considération, sauf le talent. De là, dans les petits journaux, l'abus de la personnalité, les biographies, les diatribes. Conclusion : irrespect du public.

Au théâtre, même histoire. On ne s'inquiète pas de la pièce, mais de l'idée à prêcher. Notre ami Dumas rêve la gloire de Lacordaire, ou plutôt de Ravignan! Empêcher de retrousser les cotillons est devenu, chez lui, une idée fixe. Faut-il que nous soyons encore peu avancés puisque *toute* la morale consiste pour les femmes à se priver d'adultère et pour les hommes à s'abstenir de vol! Bref, la première injustice est pratiquée par la littérature qui n'a souci de l'esthétique, laquelle n'est qu'une Justice supérieure. Les romantiques auront de beaux comptes à rendre, avec leur sentimentalité immorale. Rappelez-vous une pièce de Victor Hugo, dans la *Légende des siècles*, où un sultan est sauvé parce qu'il a eu pitié d'un cochon ; c'est toujours l'histoire du bon larron, béni parce qu'il s'est repenti. Se repentir est bien, mais ne pas faire de mal est mieux. L'école des réhabilitations nous a amenés à ne voir aucune différence entre un coquin et un honnête homme. Je me suis, une fois, emporté, devant témoins, contre Sainte-Beuve, en le priant d'avoir autant d'indulgence pour Balzac qu'il en avait pour Jules Lecomte. Il m'a répondu en me traitant de ganache! Voilà où mène *la largeur*. On a tellement perdu tout sentiment de la proportion que le conseil de guerre de Versailles traite plus durement Pipe-en-Bois que M. Courbet ; Maroteau est condamné à mort comme Rossel. C'est du vertige! Ces messieurs, du reste, m'intéressent fort peu. Je trouve qu'on aurait dû condamner aux galères toute la Commune et forcer ces sanglants imbéciles à déblayer les ruines de Paris, la chaîne au cou, en simples forçats. Mais cela aurait blessé *l'humanité*. On est tendre pour les chiens enragés et point pour ceux qu'ils ont mordus.

Cela ne changera pas, tant que le suffrage universel sera ce qu'il est. Tout homme (selon moi), si infime qu'il soit, a droit à *une* voix, la sienne, mais n'est pas l'égal de son voisin, lequel peut le valoir cent fois. Dans une entreprise industrielle (Société anonyme), chaque actionnaire vote en raison de son apport. Il en devrait être ainsi dans le gouvernement d'une nation. Je vaudrais bien vingt électeurs de Croisset. L'argent, l'esprit et la race même doivent être comptés, bref toutes les forces. Or, jusqu'à présent, je n'en vois qu'une : le nombre. Ah! Chère maître, vous qui avez tant d'autorité, vous devriez bien attacher le grelot! On lit beaucoup vos articles du *Temps*, qui ont un grand succès, et, qui sait? Vous rendriez peut-être à la France un immense service.

*Aïssé* m'occupe énormément, ou plutôt m'agace. Je n'ai pas vu Chilly, j'ai donc affaire à Duquesnel. On me retire positivement le vieux Berton et on me propose son fils. Il est fort gentil, mais il n'a rien du type conçu par l'auteur. «Les Français» ne demanderaient peut-être pas mieux que de prendre *Aïssé*. Je suis fort perplexe, et il va falloir que je me décide. Quant à attendre qu'un vent littéraire se lève, comme il ne se lèvera pas, moi vivant, il vaut mieux risquer la chose tout de suite.

Ces affaires théâtrales me dérangent beaucoup, car j'étais bien en train. Depuis un mois, j'étais même dans une exaltation qui frisait la démence. J'ai rencontré l'inéluctable HARRISSE, homme qui connaît tout le monde et qui se connaît à tout, théâtre, romans, finances, politique, etc. Quelle race que celle de l'homme éclairé!!! J'ai vu la Plessy, charmante et toujours belle. Elle m'a chargé de vous envoyer mille amitiés.

Moi, je vous envoie cent mille tendresses.

Votre vieux.

## 22. A GEORGE SAND, CROISSET, 14/11/1871

À George Sand.

[Croisset 14 novembre [1871].

Ouf! Je viens de finir «mes dieux», c'est-à-dire la partie mythologique de mon *Saint Antoine*, sur laquelle je suis depuis le commencement de juin. Comme j'ai envie de vous lire ça, chère maître du bon Dieu! Pourquoi avez-vous résisté à votre bon mouvement? Pourquoi n'êtes-vous pas venue cet automne? Il ne faut pas rester si longtemps sans voir Paris. Moi j'y serai après-demain et je ne m'y amuserai pas de tout l'hiver, avec *Aïssé*, un volume de vers à imprimer (je voudrais bien vous montrer la *Préface*), que sais-je encore? Une foule de choses peu drôles.

Je n'ai pas reçu le second feuillet annoncé. Votre vieux troubadour a la tête cuite. Mes plus longues nuits, depuis trois mois, n'ont pas été au delà de cinq heures. J'ai pioché

d'une manière frénétique. Aussi, je crois avoir amené mon bouquin à un joli degré d'insanité. L'idée des bêtises qu'il fera dire au bourgeois me soutient ; ou plutôt je n'ai pas besoin d'être soutenu, un pareil milieu me plaisant naturellement.

Il est de plus en plus stupide, ce bon bourgeois : il ne va même pas voter. Les bêtes brutes le dépassent dans le sentiment de la conservation personnelle. Pauvre France, pauvres nous!

Savez-vous ce que je lis pour me distraire maintenant? Bichat et Cabanis, qui m'amuse énormément. On savait faire des livres dans ce temps-là. Ah! Que nos docteurs d'aujourd'hui sont loin de ces hommes!

Nous ne souffrons que d'une chose : la Bêtise. Mais elle est formidable et universelle. Quand on parle de l'abrutissement de la plèbe, on dit une chose injuste, incomplète. Conclusion : il faut éclairer les classes éclairées. Commencez par la tête, c'est ce qui est le plus malade, le reste suivra. Vous n'êtes pas comme moi, vous! Vous êtes pleine de mansuétude. Moi, il y a des jours où la colère m'étouffe. Je voudrais noyer mes contemporains dans les latrines, ou tout au moins faire pleuvoir sur leurs têtes des torrents d'injures, des cataractes d'invectives. Pourquoi cela? Je me le demande à moi-même. Quelle espèce d'archéologie occupe Maurice? Embrassez bien vos fillettes pour moi. Votre vieux.

### **23. À MADAME ROGER DES GENETTES, PARIS, 12/1871**

À Madame Roger des Genettes.

Paris [entre le 5 et le 12 décembre 1871].

Vous avez donc pris la résolution que je redoutais : abandonner Paris? Comme c'est triste! Comme tout est triste! Cette lettre funèbre m'a été envoyée de Croisset, car je suis ici depuis quinze jours et voici le résumé de mes petites occupations : 1° je dirige les répétitions d'*Aïssé* ; comme Chilly est fort malade et Duquesnel fort incapable, il faut que je me mêle des décors, des costumes, de la mise en scène, bref de tout. 2° je fais imprimer le volume de vers de Bouilhet et je suis au milieu des imprimeurs et des graveurs. Je tiens

à faire paraître ce livre en même temps que la pièce. Je galope, au milieu d'un froid de dix-sept degrés, du parc Monceau au boulevard Montparnasse et à l'Odéon. Les acteurs répètent tous les jours, le dimanche compris, et je ne les quitte plus ; 3° vous savez que nous voulons faire à Rouen un petit monument à Bouilhet. De ce côté-là, encore, j'ai des embarras graves. Il me semble que je manie son cadavre tout le long de la journée! Jamais plus large dégoût de la vie ne m'a submergé. Tant que je suis dans l'action, je m'y livre avec furie et sans la moindre sensibilité. Mais j'ai des heures «dans le silence du cabinet» qui ne sont pas drôles.

*Saint Antoine* est complètement mis de côté. À peine si je peux, de temps à autre, accrocher ou plutôt décrocher une heure pour relever une note. J'ai beaucoup travaillé tout cet été et il ne me reste plus que cinquante à soixante pages à écrire. Si rien d'extraordinaire n'arrive, je peux avoir tout fini au mois de juillet prochain, pas avant, car mon hiver va être, pour moi, complètement perdu. J'en ai lu un peu à mon vieux Tourgueneff qui m'a eu l'air enchanté. Je dis un peu, car les embarras dramatiques sont survenus et il nous a été impossible de nous rejoindre pour reprendre la lecture.

L'horizon politique est, quoi qu'on dise, au calme. Des bouleversements? Allons donc? Nous n'avons pas *l'énergie nécessaire*.

Je vous engage à lire le dernier livre de Renan ; il est très bien, c'est-à-dire dans mes idées. Avez-vous lu les lettres de Mme Sand dans le *Temps*? L'ami auquel elles sont adressées, c'est moi, car nous avons eu, cet été, une correspondance politique. Ce que je lui disais se trouve en partie dans le livre de Renan. Je viens ce soir de corriger la première épreuve de *Dernières chansons*. Quelques-unes des pièces qui s'y trouvent m'ont reporté aux soirées de la Muse.

Mardi prochain, savez-vous? 12 décembre, votre ami aura cinquante ans! Cette simple énonciation dispense de tout commentaire.

Il me semble qu'on vous a soignée (ou que vous vous êtes soignée) déplorablement. Quels ânes que ces bons médecins! Mais est-ce bien sérieux, irrévocable, définitif? Ne reviendrez-vous plus à Paris? Quand nous reverrons-nous? Dès que je serai un peu moins ahuri, je vous écrirai plus longuement. Mais vous, vous ne devez pas avoir grand'chose à faire. Barbouillez donc du papier à mon intention. Je vous baise les deux mains.

## ANEXO II - CARTAS ESCRITAS POR GUSTAV FLAUBERT (TRADUÇÃO DA AUTORA)

### 1. À SOBRINHA CAROLINE, ROUEN, 1/1871

Rouen, segunda à noite janeiro 1871

Minha pobre Loulou,

A chegada de teu marido, anteontem à noite, nos deu uma grande alegria. Que homem! Não posso te dizer a admiração que ele me inspira, de tanto que o acho forte e corajoso; ele é o oposto de mim, pois ninguém mais que teu tio está em desespero. Meu estado moral, do qual nada consegue me tirar, começa a me preocupar seriamente. Considero-me um homem perdido (e não me engano). A cada dia, sinto minha inteligência se enfraquecendo e meu coração se secando. Sim, estou me tornando amargo por tanto embrutecimento. É como se todas as botas prussianas tivessem me esmagado o cérebro. Sou apenas a casca do que fui outrora. Que mais queres que eu diga? Aflijo tua pobre avó, que, por sua vez, me faz muito sofrer! Ah! Formamos um belo duo!

Teu marido nos propôs nos levar para Dieppe; mas: 1º tua avó não teria companhia lá (e aqui ela recebe visitas todos os dias); 2º ela estaria preocupada com teu tio Achille; 3º a viagem seria feita em condições bem desconfortáveis. Além disso, não quero me afastar muito do meu pobre empregado, que está sozinho em Croisset, tentando lidar com os prussianos. Em que estado encontrarei meu pobre escritório, meus livros, minhas anotações, meus manuscritos? Só consegui proteger meus papéis relativos a *Saint Antoine*. Emile tem a chave do meu escritório, mas eles a pedem e frequentemente entram para pegar livros que estão espalhados nos quartos deles.

Estamos no início do fim! Aliás, tu sabes das notícias melhor que nós. Elas são deploráveis. A pobre Paris não poderá resistir muito tempo ao bombardeio terrível que sofre! E depois? Como fazer a paz? Com quem? O desfecho me parece muito obscuro. Que escárnio do direito, da justiça, da humanidade, de toda moral! Que retrocesso! Parece-me que o fim do mundo está chegando. As pessoas que me falam de esperança, de futuro e de Providência me irritam profundamente. Pobre França, que se alimentou de belas palavras até o fim!

Adeus, minha querida Caro! Quando te verei novamente? Te abraço com muito carinho.

Teu velho tio exausto.

## **2. À SOBRINHA CAROLINE, 1/02/1871**

Querida Caro,

Teu marido me escreveu ontem dizendo que te aconselhava a voltar assim que o barco de New-Haven fosse restabelecido. O bloqueio foi retomado então? Não acredito. Ele acrescenta que espera te ver em cerca de uma semana. Temo que essa semana passe sem o teu retorno. Será uma grande decepção para tua avó, que está exausta e sem paciência. A estrada de Saint-Valéry ainda está lá, mas será que é segura?

A capitulação de Paris, embora previsível, nos mergulhou em um estado indescritível! Dá vontade de se enforcar de tanta raiva! Eu queria que Paris tivesse queimado até a última casa, para que restasse apenas uma grande praça negra. A França está tão abatida, tão desonrada, tão aviltada, que eu desejaria seu desaparecimento completo. Mas espero que a guerra civil mate muita gente. Que eu possa estar entre eles! Como preparação para isso, eles vão eleger deputados. Que amarga ironia! Naturalmente, não vou votar. Não uso mais minha cruz de honra, pois a palavra "honra" não é mais francesa, e me sinto tão distante disso que vou perguntar a Turguêniev (assim que puder escrever a ele) o que é preciso fazer para me tornar russo.

Teu tio Achille Flaubert quis se jogar de uma ponte, e Raoul-Duval teve uma espécie de ataque de fúria. Tu bem que leste jornais e imaginaste o que poderia ser a invasão, mas não tens ideia. As almas orgulhosas estão feridas de morte e, como Raquel, "não querem ser consoladas".

Desde domingo de manhã, não temos mais prussianos em Croisset (mas muitos estão voltando para Rouen). Assim que tudo estiver um pouco limpo, voltarei para ver essa pobre casa, que já não amo mais e onde tremo ao retornar, pois não posso jogar fora todas as coisas que esses senhores usaram. Se ela fosse minha, é certo que eu a demoliria.

Ah, que ódio! Que ódio! Ele me sufoca! Eu, que nasci tão terno, agora tenho fel até a garganta.

Adeus. Te abraço.

Teu marido nos convida a irmos até sua casa, em Neuville. A viagem não será fácil para tua avó. Mas ela a fará, apesar de tudo.

### **3. À PRINCESA MATILDE, 18/02/1871**

Sábado à noite ,18 de fevereiro de 1871.

Não escrevi porque estivemos completamente bloqueados de 5 de dezembro a 1º de fevereiro, como em uma cidade sitiada. Era difícil viajar num raio de cinco léguas. Durante um mês, não se podia se comunicar de Rouen até Dieppe!

É impossível expressar o que sofri; todas as dores que tive na vida, acumuladas umas sobre as outras, não se igualam a essa. Passei noites gemendo na cama como um agonizante; acreditei, em certos momentos, que morreria, e desejei isso fortemente, juro. Não sei como não enlouqueci! Não me recuperarei, a menos que perca a memória desses dias abomináveis.

Fui expulso de Croisset pelos prussianos que, durante quarenta e cinco dias, ocuparam todos os aposentos. Eram dez, incluindo três oficiais e seis cavalos. Em Rouen, onde minha mãe e eu nos refugiamos, tivemos mais quatro deles. O conselho municipal, do qual meu irmão faz parte, deliberou sob as balas daquele amável povo. Chegou-se até a acreditar, por uma hora, que meu irmão tinha sido morto.

Aqui em Dieppe (para onde trouxe minha mãe desde que sua neta voltou da Inglaterra), estivemos essa semana sob ameaça de pilhagem, e esses senhores saquearam as casas de quatro conselheiros municipais. Foi necessário, novamente, enterrar os objetos preciosos! Durante esse tempo, Croisset também corria risco de sofrer o mesmo destino. Mas tudo o que tem ocorrido desde o armistício não é nada. O pior foram os primeiros tempos da ocupação. Tudo o que você leu não dá ideia do que foi. Esforço-me para não pensar mais nisso, mas é impossível.

Recebi uma carta de Edmond de Goncourt que me trouxe notícias de Théo (ambos estão bem).

Dumas que vejo com frequência, me deu notícias suas logo que cheguei aqui, ou seja, há dez dias. Seu conselho é bom: não tente voltar para Paris agora, seria imprudente.

Alegramo-nos, nós dois, com a ideia de em breve lhe fazer uma pequena visita. Como rever você aliviará meu coração!

Imagino que a paz será assinada dentro de cinco ou seis dias! Thiers é agora o presidente da República! Será que ele a manterá ou a entregará aos Orléans? Ah! Que tédio me dá a minha época!

Sinto que essa guerra dura há cinquenta anos, que toda a minha vida antes dela foi apenas um sonho, e que sempre teremos os prussianos em nossas costas.

Quis retomar o trabalho, mas minha mente ainda está fraca demais; minha melhor ocupação é sonhar com o passado, onde a sua figura representa para mim uma grande e suave luz.

Paciência e coragem! Talvez, em alguns meses, possamos conversar sobre tudo isso na rue de Courcelles.

Seu, fortemente e ternamente.

#### **4. À GONCOURT PROVAVELMENTE, CROISSET, 16/03/1871**

Croisset, perto de Rouen, 16 de março de 1871.

Meu caro amigo,

Sua carta me trouxe muita alegria. Pelo menos, isso é uma preocupação a menos. Não sei como não morri de raiva e tristeza neste inverno! Os parisienses, que sofreram muito, não têm ideia do que é uma invasão. Ter esses "caras" em casa supera qualquer dor.

Vamos nos contar (em breve, espero) nossas impressões prussianas, e você verá que não fui poupado.

Minha saúde física está restabelecida, mas o moral permanece profundamente abalado, e não acredito que se recupere.

Sim! Eu tinha ilusões! Não acreditava em tanta tolice e crueldade. Sinto raiva da minha época por me ter dado os sentimentos de um bruto do século XII! Que retrocesso!

Dentro de algum tempo, toda a Europa vestirá uniforme! Todos serão soldados! O que significa a palavra: Progresso?

Estamos prestes a entrar em uma ordem de coisas horrível, onde toda delicadeza de espírito será impossível. Paganismo, cristianismo, muflismo: essas são as três grandes evoluções da humanidade. Estamos prestes a chegar à última.

Aqui, em Rouen, ainda não terminamos. As pessoas estão se atacando com sabres e facas de forma bastante frequente. A história das bandeiras pretas (que você deve saber, sem dúvida, pelos jornais) exasperou os prussianos, e o bom cidadão de Rouen está se tornando espanhol. Desde ontem, no entanto, as coisas estão mais calmas.

Sei que Baudry está bem. Provavelmente, você me verá em cerca de quinze dias.

Até lá, aperto-lhe as mãos bem forte e sou inteiramente seu.

##### **5. À MADAME ROGER DES GENETTES, NEUVILLE, 30/03/1871**

Neuville (perto de Dieppe), 30 de março de 1871.

Há quinze dias, eu planejava estar agora em Paris, mas “nossos irmãos” decidiram de outra forma.

Saí de Dieppe para Bruxelas, acreditando que não veria mais os capacetes pontudos, pois deveria encontrar minha família na nova Atenas, que me parece estar abaixo de Dahomey; mas soube em Bruxelas que Paris estava inabitável. Minha mãe e minha sobrinha voltaram de Rouen para Dieppe; estou aqui desde anteontem e, no próximo sábado, estarei em Croisset, onde me resigno a voltar. Seria muito amável, querida senhora, se me enviasse uma notinha para me dizer como você está.

A tarefa do general é pesada. Será que ele vai ser obedecido? Aí está todo o problema do momento. Pois a Internacional está apenas começando e terá sucesso, não como ela mesma espera e nem como temem os burgueses ; mas o futuro (e que futuro!) está desse

lado. A menos que uma forte reação clerical e monárquica triunfe. O que também é possível.

Esses miseráveis desviam o ódio! Não se pensa mais nos prussianos. Mais um pouco, e vão até amá-los! Nenhuma vergonha nos será poupada.

Como estou cansado, como eu gostaria de ir viver em um lugar onde não ouvisse falar de nada!

Adeus, querida senhora, não ousou dizer até breve.

## **6. À PRINCESA MATHILDE, DIEPPE, 31/03/1871**

Dieppe ,sexta-feira, 31 de março de 1871.

Amanhã, finalmente, resigno-me a voltar para minha pobre morada, onde tentarei trabalhar para esquecer a França. Lá, aguardarei que Paris se torne tranquila!

Soube esta manhã que os senhores do Hôtel de Ville se apoderaram dos correios. Por isso, não estou certo de que esta carta lhe chegue. Eles me parecem tão tolos que seu reinado não durará muito!

Minha volta foi penosa: de New Haven a Dieppe, peguei um tempo horrível; ainda estou cansado da viagem.

Passei perto de você quatro dias muito bons, os únicos dias bons que tive em oito meses! Encontrei você mais animada e com melhor saúde do que esperava. Cuide-se por nós. Chegará o tempo em que talvez nos encontremos todos juntos naquele lugar que amamos tanto.

Se nada mudar para nós até meados do verão, farei uma nova visita, que desta vez será mais longa. Aonde mais ir para estar bem, senão perto de você?

Recebi as cartas reenviadas para cá. Minhas lembranças aos seus companheiros, e aceite, por favor, a inalterável afeição de seu sempre dedicado.

## 7. A GEORGE SAND, NEUVILLE, 31/03/1871

Neuville, perto de Dieppe, sexta-feira, 31 de março de 1871.

Cara mestra,

Amanhã, finalmente, resigno-me a voltar para Croisset. É difícil, mas necessário. Vou tentar retomar meu pobre *Saint Antoine* e esquecer a França.

Minha mãe ficará aqui com a neta até que se saiba para onde ir sem medo de prussianos ou tumultos.

Há alguns dias, saí daqui com Dumas para Bruxelas, de onde planejava voltar diretamente a Paris. Mas "a nova Atenas" me parece mais feroz e insensata do que Dahomey.

Será o fim da hipocrisia? Acabaremos com a metafísica vazia e as ideias aceitas sem questionamento? Todo o mal vem de nossa ignorância gigantesca. O que deveria ser estudado é acreditado sem discussão. Em vez de observar, as pessoas afirmam!

A Revolução Francesa precisa deixar de ser um dogma e entrar na Ciência, como o resto das coisas humanas. Se fôssemos mais sábios, não teríamos acreditado que uma fórmula mística é capaz de formar exércitos ou que basta a palavra "República" para vencer um milhão de homens bem disciplinados. Teríamos deixado Badinguet no trono, só para fazer a paz, e depois o mandaríamos para o cárcere! Se fôssemos mais sábios, saberíamos o que foram os voluntários de 92 e a retirada de Brunswick, comprada por Danton e Westermann. Mas não, as mesmas repetições! A mesma hipocrisia! Agora temos a Comuna de Paris retornando à pura Idade Média. É surreal! A questão dos aluguéis, em particular, é esplêndida! O governo agora se intromete no direito natural; intervém nos contratos entre particulares. A Comuna afirma que não se deve o que se deve e que um serviço não se paga com outro. É uma enormidade de inépcia e injustiça!

Muitos conservadores, que queriam manter a República por amor à ordem, agora sentem saudades de Badinguet e, em seus corações, chamam os prussianos. As pessoas do Hôtel de Ville deslocaram o ódio. É por isso que os desprezo. Parece-me que nunca estivemos tão baixos.

Somos lançados entre a sociedade de São Vicente de Paulo e a Internacional. Mas esta última comete erros demais para durar. Admito que vença as tropas de Versalhes e derrube o governo. Os prussianos entrarão em Paris e "a ordem reinará em Varsóvia"! Se, ao contrário, ela for derrotada, a reação será furiosa e toda liberdade será estrangulada.

O que dizer dos socialistas que imitam os métodos de Badinguet e de Guilherme: requisições, censura a jornais, execuções sem julgamento etc.? Ah! Que besta imoral é a multidão, e como é humilhante ser humano!

Abraço você.

## **8. A GEORGE SAND, CROISSET, 24/04/1871**

Croisset, segunda-feira à noite, 2 horas, 24 de abril de 1871.

Cara mestra,

Por que não recebo cartas? Você não recebeu as minhas enviadas de Dieppe? Está doente? Ainda está viva? O que significa isso? Espero que você (nem ninguém dos seus) não esteja em Paris, capital das artes, foco da civilização, centro dos bons modos e da urbanidade.

Sabe qual é a pior parte de tudo isso? É que a gente se acostuma. Sim, a gente se habitua. Acostuma-se a viver sem Paris, a não se importar mais com ela e quase a acreditar que ela já não existe.

Quanto a mim, não sou como os burgueses; acho que, depois da invasão, não há mais desgraças. A guerra da Prússia me deu a impressão de uma grande convulsão da natureza, de um daqueles cataclismos que acontecem a cada seis mil anos; enquanto a insurreição de Paris, aos meus olhos, é algo muito claro e quase simples.

Que retrógrados! Que selvagens! Como se parecem com as pessoas da Liga e com os *maillotins*! Pobre França, que nunca se desvencilhará da Idade Média! Que ainda se arrasta na ideia gótica da Comuna, que nada mais é do que o município romano!

Ah! Estou com o coração pesado, eu juro!

E a pequena reação que teremos depois disso! Como os bons eclesiásticos irão florescer!

Retomei *Saint Antoine* e estou trabalhando intensamente.

## **9. À MADAME ROGER DES GENETTES, CROISSET, 27/04/1871**

Croisset, quinta-feira, 27 de abril? 1871.

Não lhe escrevi porque achava que você estava presa em Paris, onde você não deixava de ser uma das minhas maiores preocupações; e eu não sabia como fazer minha carta chegar até você.

Está bonito, as coisas vão bem! Não importa! Vejo tudo claramente, e não estou mais no estado horrível em que me debati por seis meses. Como é que não fiquei louco?

Ao contrário da opinião geral, não considero nada pior que a invasão prussiana. A destruição completa de Paris pela Comuna me doeria menos do que o incêndio de uma única vila por esses senhores, que “são encantadores”, etc., etc. Ah! Doutores em letras entregando-se a um trabalho desses e obedecendo a uma disciplina assim, isso é novo e imperdoável! Por isso não se deve comparar tanto os horrores desta invasão aos que os soldados de Napoleão I possam ter cometido. A propósito daquele velho, temo que a destruição de sua coluna espalhe no ar a semente de um terceiro império, que mais tarde florescerá. Um filho de Plonplon fará dentro de uns vinte anos a restauração do ramo caçula. Quanto ao socialismo, perdeu uma oportunidade única, e agora está morto por muito tempo. O misticismo o perdeu. Pois tudo o que está sendo feito em Paris é uma renovação da Idade Média. A Comuna é a Liga!

Para escapar de tudo isso, mergulho, desesperadamente, em *Saint Antoine* e trabalho com constância e vigor. Se nada me atrapalhar, terminarei este livro dentro de um ano.

Como não estar doente? O que você me diz sobre sua saúde não me surpreende. Pobres nervos! Pobres nervos! Mas você sofre muito? Se puder, escreva-me cartas longas. Quanto a ir para Bourbonne, experimente.

Vamos lá, adeus. Quando nos veremos? Irei a Paris-Dahomey assim que for possível entrar lá.

## 10. A GEORGE SAND, CROISSET, 29/04/1871

Croisset, sábado, 29 de abril de 1871.

Respondo de imediato às suas perguntas sobre o que diz respeito a mim. Não, os prussianos não devastaram minha casa. Pegaram alguns objetos pequenos sem importância, um estojo de toalete, uma caixa, cachimbos; mas, no geral, não causaram grandes danos. Quanto ao meu escritório, foi respeitado. Enterrei uma grande caixa cheia de cartas e guardei em segurança minhas volumosas notas sobre *Saint Antoine*. Encontrei tudo intacto.

O pior da invasão, para mim, foi ter envelhecido em dez anos minha pobre mãe. Que mudança! Ela já não consegue andar sozinha e está em uma fraqueza de partir o coração. Como é triste ver as pessoas que amamos se deteriorarem pouco a pouco!

Para esquecer as misérias públicas e as minhas próprias, mergulhei com fúria em *Saint Antoine*, e, se nada me atrapalhar e eu continuar nesse ritmo, terei terminado no próximo inverno. Estou com muita vontade de lhe ler as sessenta páginas que já fiz. Quando for possível circular novamente pelas ferrovias, venha me ver um pouco. Faz muito tempo que seu velho trovador a espera! Sua carta de hoje me comoveu. Que grande ser humano você é, e que coração imenso tem!

Não sou como muitos que ouço lamentarem a guerra em Paris. Eu, pessoalmente, acho isso mais tolerável que a invasão. Já não é possível se desesperar, e isso é uma prova, mais uma vez, de nosso rebaixamento. “Ah! Graças a Deus, os prussianos estão aqui!” é o grito universal dos burgueses. Ponho no mesmo saco os senhores operários, e que se jogue tudo junto no rio! — é o caminho que as coisas estão tomando, aliás — e então a calma renascerá. Vamos nos tornar um grande país plano e industrial como a Bélgica. O desaparecimento de Paris (como centro de governo) tornará a França incolor e pesada. Ela não terá mais coração, nem centro e, acredito, nem mais espírito.

Quanto à Comuna, que está prestes a agonizar, é a última manifestação da Idade Média. A última? Vamos torcer para que sim!

Eu odeio a democracia (ao menos a entendida na França), isto é, a exaltação da graça em detrimento da justiça, a negação do direito, em uma palavra, a insociabilidade. A Comuna

reabilita assassinos, da mesma forma que Jesus perdoava aos ladrões, e saqueiam-se os hotéis dos ricos, porque aprenderam a odiar Lázaro, que não era um mau rico, mas apenas um rico. “A República está acima de qualquer discussão” é equivalente a essa crença: “O Papa é infalível!” Sempre fórmulas! Sempre deuses!

O penúltimo deus, que era o sufrágio universal, acaba de pregar uma peça terrível em seus adeptos ao nomear “os assassinos de Versalhes”. Em que, então, devemos acreditar? Em nada! Esse é o começo da sabedoria. Era hora de nos desfazermos dos “princípios” e de entrarmos na Ciência, na análise. A única coisa razoável (volto sempre a isso) é um governo de mandarins, contanto que os mandarins saibam alguma coisa e, de preferência, saibam muito. O povo é um eterno menor, e sempre será (na hierarquia dos elementos sociais) o último, pois é o número, a massa, o ilimitado. Pouco importa que muitos camponeses saibam ler e não ouçam mais seus padres; mas importa infinitamente que muitos homens, como Renan ou Littré, possam viver e serem ouvidos. Nossa salvação agora está em uma aristocracia legítima, quero dizer, uma maioria que se componha de algo mais que números.

Se houvesse mais gente esclarecida, se houvesse em Paris mais pessoas conhecedoras de história, não teríamos passado por Gambetta, pela Prússia, nem pela Comuna. Como os católicos faziam para afastar um grande perigo? Faziam o sinal da cruz e recorriam a Deus e aos santos. Nós, que somos avançados, íamos gritar: “Viva a República!” evocando a memória de 92; e não se duvidava do sucesso, note bem. O prussiano não existia mais, abraçávamo-nos de alegria e nos segurávamos para não correr aos desfiladeiros de Argonne, onde já não há desfiladeiros; não importa, é uma tradição. Tenho um amigo em Rouen que propôs a um clube a fabricação de lanças para lutar contra os fuzis.!

Ah! Teria sido muito mais prático manter Badinguet, para mandá-lo à cadeia uma vez que a paz estivesse feita! A Áustria não entrou em revolução após Sadowa, nem a Itália após Novara, nem a Rússia após Sebastopol. Mas os bons franceses se apressam a demolir sua casa assim que o fogo atinge a chaminé.

Enfim, tenho uma ideia atroz para lhe comunicar: temo que a destruição da coluna Vendôme nos semeie a semente de um terceiro império. Quem sabe se, em vinte ou quarenta anos, um neto de Jérôme não será nosso governante?

Por enquanto, Paris está completamente epilética. É o resultado da congestão que o cerco lhe deu. A França, de resto, vivia, há alguns anos, em um estado mental extraordinário. O sucesso de *La Lanterne* e Troppmann foram sintomas bem evidentes disso. Essa loucura é consequência de uma estupidez excessiva, e essa estupidez vem de um excesso de falsidade, pois, de tanto mentir, tornou-se idiota. Perdeu-se toda noção do bem e do mal, do belo e do feio. Lembre-se da crítica desses últimos anos. Que diferença ela fazia entre o sublime e o ridículo? Que falta de respeito! Que ignorância! Que confusão! “Cozido ou assado, tanto faz!” e, ao mesmo tempo, que servilismo diante da opinião do dia, do prato da moda!

Tudo era falso: falso realismo, falso exército, falso crédito e até mesmo prostitutas falsas. Chamavam-nas de “marquesas”, assim como as grandes damas se tratavam familiarmente de “porquinhos”. As moças que permaneciam na tradição de Sophie Arnould, como Lagier, causavam horror. Você não viu o respeito de Saint-Victor pela Païva? E essa falsidade (que talvez seja uma consequência do romantismo, predominância da paixão sobre a forma e da inspiração sobre a regra) aplicava-se sobretudo na maneira de julgar. Elogiava-se uma atriz, mas como uma boa mãe de família. Exigia-se da Arte que fosse moral, da filosofia que fosse clara, do vício que fosse decente e da Ciência que se mantivesse ao alcance do povo.

Mas já é uma carta muito longa. Quando começo a insultar meus contemporâneos, nunca termino.

#### **11. A ERNEST FEYDEAU, CROISSET, 30/04/1871**

Croisset, 30 de abril 1871.

Ainda estás viva? Onde estás?

Estou convencido agora de que várias cartas enviadas por mim e a mim foram perdidas ou apreendidas. De outra forma, não posso explicar esse enorme vazio em nossa correspondência.

Aqui estou de volta a Croisset, há quinze dias, e trabalhando novamente para não pensar nas misérias contemporâneas. Ah! Meu querido, como tenho vontade de te ver e conversar contigo! Mas onde nos reveremos? Paris parece estar "seguindo Babilônia". Em todo

caso, a Paris que amávamos acabou!!! Ao paganismo sucedeu o cristianismo, e agora entramos na era do “muflismo”.

Dá-me notícias tuas, de ti e dos teus. Um grande abraço para ti, ou melhor, para vocês todos.

## **12. À PRINCESA MATILDE, CROISSET, 1/06/1871**

Croisset, segunda-feira à noite, 1 de junho de 1871.

Você agora sabe o que significava meu telegrama, e deve entender qual foi a minha preocupação; é mais uma gentileza dos bons jornais. Eu suspeitava que a notícia era falsa e, no entanto, uma certa angústia me oprimia. A visão da sua querida caligrafia me tirou um peso do coração.

Bem, Princesa, suas sinistras previsões se mostraram infundadas. A Comuna de Paris, longe de se espalhar por toda a França, está em suas últimas convulsões e, em cerca de uma semana, sem dúvida, poderemos retornar a esta cidade maldita e adorada. Não tenho vontade de revê-la e, provavelmente, nos próximos tempos, as estadias que farei lá serão curtas. Estou pensando em devolver meu pequeno lar ao seu proprietário. A vizinhança da rua de Courcelles será tão penosa para mim! Mas até janeiro, quem sabe o que acontecerá?

Continuo a trabalhar no meio da tristeza horrenda em que me mergulha incessantemente a companhia da minha mãe. Que Deus a proteja de ver a degradação física e moral daqueles que lhe são queridos! Ah, quanta amargura eu engoli nos últimos dois anos!

Estou me propondo como uma alegria fazer uma visita forte a você em julho ou agosto. Renuncie, neste momento, à sua viagem à Itália. A sorte é volúvel. Espere. Não quero lhe dar nenhuma esperança, mas gostaria de retirar a desesperança.

Você sabe o que me assusta para o futuro próximo da França? É a reação que vai acontecer. Não importa o nome que ela adote, será antiliberal. O medo do social nos lançará em um regime conservador de uma estupidez reforçada. Não importa! A prisão

de Rochefort me causou um momento de alegria. Não é ele que eu gostaria de ver punido, ou melhor, eu gostaria de ver sufocados na lama, com sua pessoa tola, todos os cretinos que se derreteram diante de seu estilo! Quando penso na gigantesca estupidez da minha pátria, me pergunto se ela foi suficientemente punida?

Encontrei por acaso o duque de Albufera e Boittelle. Não tenho notícias de Mme Sand há muito tempo. Ela me guarda rancor a propósito das minhas cartas 'desiludidas'? Acredito que não, no entanto. Eu a calunio. Como Thiers acaba de nos prestar um grande serviço, em menos de um mês ele será o homem mais odiado de seu país; está na ordem das coisas. Também é possível que prolonguem seus poderes por dois anos e, nesse caso, os amigos se mexam para provar que nem todos são esquecidos.

Me escreva com frequência

Beijo-lhe as mãos e sou, Princesa, seu fiel e devotado

### **13. A GEORGE SAND, CROISSET, 11/06/1871**

Croisset, domingo à noite, 11 de junho de 1871.

Cara mestra,

Nunca tive mais vontade e mais necessidade de vê-la do que agora. Acabo de voltar de Paris e não sei com quem falar. Estou sufocado. Estou exausto ou, melhor dizendo, enojado.

O cheiro de cadáveres me enoja menos do que os miasmas de egoísmo que saem de todas as bocas. A visão das ruínas não é nada comparada à imensa besta parisiense. Com raríssimas exceções, todos me pareceram loucos.

Metade da população quer estrangular a outra, que nutre os mesmos sentimentos por ela. Isso se vê claramente nos olhos dos pedestres,

E os prussianos já não existem! São desculpados e admirados. As "pessoas sensatas" querem se naturalizar alemãs! Eu lhe garanto que é de perder a esperança na espécie humana.

Irei a Versalhes na quinta-feira. A Direita assusta com seus excessos. A votação sobre os Orléans foi uma concessão feita para não irritá-la e ganhar tempo para se preparar contra ela.

Excluo da loucura geral Renan, que me pareceu, pelo contrário, muito filósofo, e o bom Soulié, que me incumbiu de lhe dizer mil coisas doces.

Recolhi uma série de detalhes horríveis e inéditos, dos quais a poupo.

Minha pequena viagem a Paris me deixou extremamente perturbado, e tive dificuldade para voltar ao trabalho.

O que acha do meu amigo Maury, que manteve a bandeira tricolor sobre os Arquivos durante todo o período da Comuna? Eu pouco acredito em pessoas capazes de um atrevimento destes.

Quando a história esclarecer o incêndio de Paris, ela irá descobrir muitos elementos, entre os quais, sem dúvida, estão: 1º a Prússia e 2º os partidários de Badinguet: já não há provas escritas contra o império, e Haussmann se apresentará audaciosamente nas eleições de Paris.

Você leu, entre os documentos encontrados nas Tulherias em setembro passado, um plano de romance de Isidore? Que enredo!

#### **14. À PRINCESA MATHILDE, CROISSET, 24/06/1871**

Croisset, perto de Rouen, segunda-feira à noite ,24 de junho de 1871

Por que não tenho notícias suas? Você não recebeu duas cartas minhas desde que nos vimos? Será que foram perdidas? Isso é bem possível, com o tempo amável que vivemos.

Espero na próxima quarta-feira ouvir notícias suas através da Sra. Dubois de L'Estang, da qual eu recebi uma breve mensagem esta manhã para me avisar de sua passagem por Rouen ao voltar de Bruxelas; mas estou aborrecido demais por não ver sua abominável e querida caligrafia!

A situação de Paris continua bem encantadora, bem encantadora! Que retrocesso! Que selvageria! O mais triste, talvez, é que estamos nos acostumando a isso; sim, é cínico dizer, mas é verdade! Acaba-se aceitando e acostumando-se a viver sem Paris, quase acreditando que ela não existe mais.

Quanto a mim, a guerra contra a Prússia me fez derramar tantas lágrimas e me deixou tão desesperado que agora estou muito indiferente às emoções patrióticas. Não há infortúnio maior do que a invasão, eu lamento ou até invejo aqueles que estão mais furiosos contra os soldados de Cluseret do que aqueles que ficaram contra daqueles ao lado do bom Guilherme. O maior crime desses miseráveis (refiro-me aos *communards*) é terem desviado o ódio. A França não pensa mais nos prussianos! Ela nem sequer cogita de uma futura revanche! Estamos nisso!

Nosso estado mental é algo do campo da medicina; todos estão com uma doença cerebral; de tanto debochar, todos se tornaram muito tolos — tolos e covardes. Pobre, pobre país!

Para não pensar mais nisso, retomei meu trabalho com fúria. Achei doce reencontrar-me em casa, no meio dos meus livros, e continuo, como antes, a girar frases. Isso é tão inocente e tão útil quanto não fazer nada.

Onde está o tempo onde eu lia minhas elucubrações no seu ateliê? Meu coração se derrete quando me lembro daqueles dias!... você bem sabe que planejo, em agosto, fazer-lhe uma visita mais longa. Será como minhas férias.

Envio-lhe a certeza de sentimentos dos quais você não duvida e estarei sempre a sua disposição.

### **15. À SOBRINHA CAROLINE, PARIS, 4/8/1871**

Paris, sexta-feira da manhã, 9 horas, 4 de agosto de 1871.

Como você está? Como vai nossa pobre velha? Quando as senhoras Vasse chegam à sua casa? Etc. Hoje vou voltar ao Sr. Delestre pela terceira e última vez, espero! Essas são, até agora, as únicas visitas que fiz, pois todo o meu tempo foi feito pelas notas de *Saint Antoine*. Esta tarde, eu vou para Saint-Gratien. Não estou ainda ocupado com o Odeon, é mesmo impossível de saber quem é o diretor deste teatro.

Minhas noites passam-se muito solitárias, e eu acrescento que, tristemente. Porque penso em como passar de maneira tão diferente antes, quando tinha ao meu lado meu pobre Duplan! Então, leio à beira da minha janela, enquanto olho para o parque Monceau, que é encantador. Depois, vou para a cama bem cedo. Ontem, eu não estava na minha cama, mas sobre ela, desde as 9 horas e meia.

Eernet jantou comigo anteontem. Ele me pareceu, na véspera, tão entediado que não resisti ao desejo de convidá-lo. Ele poderá lhe dizer que não me surpreendeu no meio de "uma festa" — estilo Bonachão.

Você se lembra de um de seus primeiros funcionários chamado Armand? Ele me encontrou ontem e me perguntou notícias do Sr. e da Sra. Commanville.

Isso é tudo.

Como ando muito a pé, acabei encontrando um monte de gente assim. O calor dos últimos dois dias é suportável, e eu sou um pouco menos. Mais quantos excessos na segunda e na terça!

Adeus, pobre querida. Beije nossa velha por mim. Faça-a se ocupar um pouco e, quando ela me escrever, que me escreva um pouco mais longamente

Dois bons beijos no seu rosto

A propósito de sua aparência, aqui está um comentário feito sobre ela, no último sábado, pela Sra. Lapierre, durante o jantar. Falavam das "jovens senhoras" de Rouen e, quando chegou a sua vez: 'Essa é de um tipo diferente. Encantadora etc.'

Sra. Lapierre: 'Ah! Sra. Commanville, esse é um tipo subentendido de elegância, de distinção de instrução etc..etc....'

## **16. A GEORGE SAND, CROISSET, 6/9/1871**

Croisset, quarta-feira à noite, 6 de setembro 1871.

Então, cara mestra, parece-me que você esqueceu seu trovador? Você está tão sobrecarregada de trabalho assim? Há quanto tempo não vejo suas boas e grandes linhas!

Há quanto tempo não conversamos juntos! Que pena vivermos tão longe um do outro! Tenho uma grande necessidade de você.

Não ousa mais deixar minha pobre mãe. Quando sou obrigado a me ausentar, Caroline vem me substituir. Do contrário, eu iria a Nohant. Ficar lá indefinidamente? Preciso esperar até o meio do inverno para nos abraçarmos?

Gostaria muito de lhe ler *Santo Antônio*, que está na sua primeira metade e depois me espreguiçar e rugir ao seu lado.

Alguém que sabe que eu a amo e que lhe admira me trouxe um exemplar do *Gaulois*, com trechos de um artigo seu sobre os trabalhadores, publicado no *Temps*. Como é acertado! Como está justo e bem escrito! Triste! Triste! Pobre França! E me acusam de ser séptico!

O que me diz de Mlle Papavoine, uma incendiária, que, em meio a uma barricada, foi atacada por dezoito cidadãos! Isso ultrapassa o final de *A Educação Sentimental*, onde nos limitávamos a oferecer flores.

Mas o que supera tudo agora é o partido conservador, que nem mesmo vota mais e que não para de tremer. Você não imagina o pavor dos parisienses. 'Daqui a seis meses, senhor, a Comuna estará estabelecida por toda parte', é a resposta, ou melhor, o lamento universal.

Não acredito em um cataclismo próximo, porque nada do que está previsto acontece. A Internacional pode acabar triunfando, mas não da forma que espera, nem da maneira que se teme. Ah! Como estou cansado do operário ignóbil, do burguês inepto, do camponês estúpido e do eclesiástico odioso!

Por isso me perco, tanto quanto posso, na antiguidade. Atualmente, faço todos os deuses falarem em estado de agonia. O subtítulo do meu livro poderia ser: 'O Ápice da Insanidade'. E a ideia de publicação se afasta cada vez mais da minha mente. Por que publicar? Quem se importa com a Arte agora? Faço literatura para mim mesmo, como um burguês que não pensa em nada. Você me dirá que seria melhor ser útil. Mas como ser? Como ser ouvido?

Turguêniev me escreveu que, a partir de outubro, virá se instalar em Paris por todo o inverno. Será alguém com quem conversar. Porque já não consigo falar sobre alguma coisa

Hoje ocupei-me do túmulo do meu pobre Bouilhet; por isso, esta noite, sinto uma amargura redobrada.

### **17. À PRINCESA MATHILDE, 6/09/1871**

Quarta-feira à noite, 6 de setembro.

Esta data me lembra que há um ano eu estava muito preocupado com você. Eu buscava notícias suas em todos os lugares; fui no dia seguinte a Dieppe ver Dumas. Que ano! Ele acabou, graças a Deus; não vamos mais falar disso.

O rio continua a fluir, os dias passam, e o cataclismo iminente, do qual os alarmistas nos alertam, parece se distanciar. Eles têm uma maneira curiosa de consolidar as coisas, gritando sempre que tudo vai desabar. Para provar que a casa não é sólida, eles dão grandes golpes de picareta contra as paredes. O partido conservador é o mais inepto de todos, não possuindo nem mesmo o instinto das feras que protegem e defendem, por todos os meios, sua toca e seus alimentos.

Tive prazer esta manhã, com a história de Mlle Papavoine, uma incendiária, que recebeu, no meio das barricadas, as homenagens de dezoito cidadãos em um único dia! Isso é notável e ultrapassa muito o fim da pobre *Educação Sentimental*, onde os heróis se limitam a oferecer flores, passagem considerada cínica!

Você leu um artigo de Mme Sand (publicado no *Temps*) sobre os trabalhadores? Artigo bem-feito e corajoso, ou seja, honesto. Ela começa, aos poucos, a ver o que há de mais difícil de enxergar: a verdade. Pela primeira vez na vida, ela chama a ralé pelo nome.

Fiz hoje uma visita à pobre Mme Perrot (mãe de Janvier). Ela passa todos os dias na prisão de seu filho. Faz três meses que ele está preso, e o caso dele ainda não foi julgado, de forma que, mesmo que mais tarde seja declarado inocente, ele terá cumprido mais tempo de prisão que o senhor Courbet.

O aniversário de 4 de setembro passou aqui da maneira mais inofensiva. A República não se faz sentir. Então, vamos mantê-la!

Eu quase me esqueci de agradecer sua última carta. Ela foi gentil e amável, além de qualquer expressão, e fiquei profundamente tocado com suas queixas, querida Princesa que você é. “O mundo pode ser salvo por um único justo”, diz a Escritura. Bem, eu digo: enquanto houver um cantinho como o seu, nem tudo estará perdido. Guardemos nosso coração e nossa mente. Cuidemos da chama, para que o fogo sagrado continue a queimar. Mais do que nunca, sinto a necessidade de viver em um mundo à parte, no alto de uma torre de marfim, bem acima da lama onde o comum dos homens chafurda. Estou escrevendo agora as queixas de Ísis e pensando em você; isto não é uma decadência? parece-me.

O que você decidiu para este inverno? E aquela pequena visita a Croisset? Não se desistiu dela, imagino? Se você demorar muito, irei lembrá-la da sua promessa no próximo mês.

Beijo-lhe as duas mãos, Princesa, e continuo sempre, sob todos os regimes políticos, seu velho fiel.

## **18. A GEORGE SAND, CROISSET, 8/9/1871**

Croisset, 8 de setembro de 1871.

Ah! Como elas são adoráveis! Que amores! Que carinhas serias e gentis! Minha mãe ficou profundamente comovida e eu também. Isso é o que se chama uma atenção delicada, cara mestra, e lhe agradeço muito por isso. Invejo Maurice: sua existência não é árida como a minha.

Nossas duas cartas se cruzaram mais uma vez. Isso prova, sem dúvida, que sentimos as mesmas coisas ao mesmo tempo e no mesmo nível.

Por que você está tão triste? A humanidade não oferece nada de novo. Sua miséria irremediável me encheu de amargura desde a juventude. Assim, agora, não tenho nenhuma desilusão. Creio que a multidão, o rebanho, será sempre odioso. Só importa um pequeno grupo de espíritos, sempre os mesmos, que se passam a tocha uns aos outros. Enquanto não se reverenciarem os mandarins, enquanto a Academia de Ciências não

substituir o Papa, a política e a sociedade, até suas raízes, não serão nada além de um monte de engodos repugnantes. Estamos atolados nos detritos da Revolução, que foi um aborto, algo fracassado, uma decepção, “por mais que digam”.

E isso porque ela procede da Idade Média e do cristianismo. A ideia de igualdade (que é toda a democracia moderna) é uma ideia essencialmente cristã e se opõe à justiça. Veja como agora a graça predomina. O sentimento é tudo, o direito é nada. Já nem se indignam contra os assassinos, e os que incendiaram Paris são menos punidos do que o caluniador do Sr. Favre.

Para que a França se reerga, é preciso que ela passe da inspiração para a Ciência, que abandone toda a metafísica, que entre na crítica, ou seja, no exame das coisas

Estou certo de que pareceremos extremamente tolos para a posteridade. As palavras República e Monarquia farão rir, como rimos nós do realismo e do nominalismo. Pois desafie alguém a me mostrar uma diferença essencial entre esses dois termos. Uma República moderna e uma monarquia constitucional são idênticas. Não importa! Brigam por isso, se desentendem por isto, lutam por isto.

Quanto ao povo, a instrução “gratuita e obrigatória” acabará de vez. Quando todos puderem ler o *Petit Journal* e o *Figaro*, não se lerá outra coisa, porque o burguês, o senhor rico não lê nada a mais além disto. A imprensa é uma escola de estupidez porque ela não ensina a pensar. Diga isso e você será corajoso e se você conseguir persuadi-lo você lhe terá feito um grande favor.

O primeiro remédio seria acabar com o sufrágio universal, a vergonha do espírito humano. Tal como está constituído, um único elemento prevalece em detrimento de todos os outros: o número domina o espírito, a instrução, a raça e até o dinheiro, que é melhor que o número.

Mas uma sociedade (que sempre precisa de um Deus, de um Salvador) talvez não seja capaz de se defender. O partido conservador não tem nem o mesmo instinto da fera (pois a fera, pelo menos, sabe lutar por sua toca e seus alimentos). Mas aqueles do passado, que também não tinha nem pátria nem justiça, não tiveram sucesso., e a Internacional fracassará, pois está equivocada. Sem ideias, só ambições.

Ah! Cara mestra, se você pudesse odiar! Isso é o que lhe faltou: o ódio. Apesar de seus grandes olhos de esfinge, você viu o mundo através de uma cor dourada. Ela vinha do sol do seu coração; mas tantas trevas surgiram que agora você não confirma mais as coisas. Vamos! Grite! Troveje! Pegue sua grande lira e toque a corda de bronze: os monstros fugirão. Derrame sobre nós as gotas do sangue de Thémis ferido.

Por que você sente “os grandes laços quebrados”? Quem os quebrou? Seus laços são indestrutíveis; sua simpatia só pode se dirigir ao que é eterno.

Nossa ignorância da história nos faz caluniar nosso tempo. Sempre fomos assim. Alguns anos de calma nos enganaram. Só isso. Eu também acreditei no abrandamento dos modos. É preciso abandonar esse erro e não nos estimarmos mais do que nos estimávamos no tempo de Péricles ou de Shakespeare, épocas atrozes em que se faziam belas coisas. Diga-me que você levantará a cabeça e pensará em seu velho trovador que a estima.

#### **19. A GERORGE SAND, CROISSET, 4/10/1871**

Croisset, 4 ou 5 de outubro de 1871

Cara mestra,

Recebi seu folhetim ontem e responderia longamente se não estivesse em meio aos preparativos de minha partida para Paris. Vou tentar concluir *Aïssé*.

A parte central de sua carta me arrancou uma lágrima, sem, contudo, me convencer, é claro. Fiquei emocionado, mas não persuadido.

Procuro em você uma palavra que não encontro em lugar algum: justiça ; todo o nosso mal esqueceu totalmente esta primeira noção da moral. A graça, o humanitarismo, o sentimento, o ideal, nos pregaram peças bastante feias para que tentemos o Direito e a Ciência.

Se a França não entrar, em breve, em um estado crítico, acredito que estará irremediavelmente perdida. A instrução gratuita e obrigatória não fará nada além de aumentar o número de imbecis. Renan disse isso magistralmente no Prefácio de suas "Questões Contemporâneas". O que precisamos, acima de tudo, é de uma aristocracia

natural, isto é, legítima. Não se pode fazer nada sem liderança, e o sufrágio universal, tal como existe, é mais estúpido que o direito divino. Você verá o que está por vir, se a deixarem viver. A massa, o número, é sempre idiota. Não tenho muitas convicções, mas tenho essa fortemente. No entanto, é preciso respeitar a massa, por mais inepta que seja, porque contém os germes de uma fecundidade incalculável. Dê-lhe liberdade, mas não poder.

Não acredito mais do que você nas distinções de classes. As castas são coisa de arqueologia. Mas acredito que os pobres odeiam os ricos e que os ricos têm medo dos pobres. Isso será eterno. Pregar o amor uns e aos outros é inútil. O mais urgente é instruir os ricos, que, afinal, são os mais fortes. Esclarecer o burguês, pois ele não sabe nada, absolutamente nada. Todo o sonho da democracia é elevar o proletário ao nível de estupidez do burguês. O sonho já está parcialmente realizado. Ele lê os mesmos jornais e tem as mesmas paixões.

Os três níveis de instrução deram suas provas no último ano: 1º a instrução superior fez a Prússia vencer; 2º a instrução secundária, burguesa, produziu os homens do 4 de setembro; 3º a instrução primária nos deu a Comuna. Seu ministro da instrução pública era o grande Vallès, que se vangloriava de desprezar Homero.

Em três anos, todos os franceses podem saber ler. Você acredita que estaremos mais avançados por causa disso? Imagine, ao contrário, que, em cada comuna, houvesse um burguês, apenas um, que tivesse lido Bastiat e que esse burguês fosse respeitado: as coisas mudariam.

No entanto, não estou tão desencorajado quanto você, e o governo atual me agrada, pois não tem nenhum princípio, nenhuma metafísica, nenhuma ilusão. Me expresso muito mal. Você, no entanto, merece uma resposta melhor, mas estou muito apressado.

Soube hoje que a maioria dos parisienses sente saudade de Badinguet. Um plebiscito provavelmente o traria de volta, não tenho dúvidas, tão grande é o valor do sufrágio universal.

## **20. À MADAME ROGER DES GENETTES, CROISSET, 6/10/1871**

Croisset, sexta-feira, 6 de outubro de 1871

Preciso ir a Paris na semana que vem, para tratar dos assuntos do meu pobre Bouilhet e finalizar *Aïssé*. Vou passar pelo boulevard Beaumarchais para ver se, por acaso..., mas não! Não encontrarei ninguém! Por quê? Está condenada a Villeneuve para sempre? “Paris já não é digno de compaixão, bela senhora?”, como diria o Sr. Prud’homme.

Parece-me que está muito sozinha aí e deve estar terrivelmente entediada. O general me disse que você mantém o “excelente moral”. É verdade? Seu irmão é encantador! Ele veio me fazer uma longa visita, onde falou muito e muito bem. Acredito que a simpatia é recíproca.

Como eu tenho pena de você! Tenho medo de que esteja seguindo um regime muito ruim. Perdoe-me por essa presunção, mas, à custa de minha própria experiência, adquiri muito conhecimento sobre questões nervosas. Todos os tratamentos que aplicam para isso só exasperam o mal. Ainda não encontrei um médico inteligente nessas questões. Não! Nenhum; é reconfortante! É preciso observar-se cientificamente e experimentar o que convém.

Minha vida não é tão dolorosa quanto a sua, mas também não é exatamente divertida. Minha única distração consiste em passear, ou melhor, arrastar minha mãe pelo jardim. A guerra a envelheceu cem anos em dez meses. É muito triste assistir à decadência de quem amamos, ver suas forças partirem, sua inteligência desaparecer.

Para esquecer tudo, joguei-me com furor em *Saint Antoine* e cheguei a experimentar uma exaltação assustadora. Faz um mês que minhas noites mais longas não ultrapassam cinco horas. Nunca estive com “a cabeça tão exaltada”. É a reação da apatia em que a Defesa Nacional me reduziu. E, a propósito, acho que estão sendo muito injustos com a atual assembleia. O que está acontecendo é exatamente o que me agrada. É a primeira vez que se vê um governo sem metafísica, sem programa, sem bandeira, sem princípios, ou seja, sem ilusões. O provisório é precisamente o que me tranquiliza. Tantos crimes foram cometidos em nome do ideal na política que é melhor nos limitarmos, por um longo tempo, à “gestão dos bens”.

Troquei cartas políticas com Mme. Sand. As dela aparecem no *Temps*. O congresso de Lausanne a alegra? Gostaria de ter ouvido André Léo? Ah! Pobre, pobre humanidade!

## 21. A GEORGE SAND, PARIS, 18/10/1871

Paris, antes de 18 de outubro de 1871.

Jamais na vida, cara mestra, você deu uma prova tão grande de sua inconcebível candura. Como assim, sério, você acredita que me ofendeu? A primeira página parece quase um pedido de desculpas. Isso me fez rir bastante; além disso, você pode me dizer tudo, absolutamente tudo! Seus golpes seriam para mim carícias.

Vamos então continuar conversando. Insisto novamente sobre a justiça. Veja como chegamos a negá-la em toda parte. Não é verdade que a crítica moderna abandonou a Arte para se ocupar da História? O valor intrínseco de um livro não significa nada na escola de Sainte-Beuve, Taine. Consideramos todos os aspectos, menos o talento. Daí vem, nos pequenos jornais, o abuso da personalidade, as biografias, as reclamações. Conclusão: desrespeito ao público.

No teatro, a mesma história. Não há preocupação com a peça, mas com a ideia do que se quer pregar. Nosso amigo Dumas sonha com a glória de Lacordaire, ou melhor, de Ravignan! Impedir as mulheres de levantarem suas saias tornou-se, para ele, uma ideia fixa. Quão pouco avançado ainda estamos, já que toda a moral se resume, para as mulheres, em se privarem do adultério, e, para os homens, em se absterem do roubo! Em resumo, a primeira injustiça é praticada pela literatura, que ignora a estética, a qual é apenas uma forma superior de Justiça. Os românticos terão contas a acertar, com sua sentimentalidade imoral. Lembre-se de uma peça de Victor Hugo, em *A Lenda dos Séculos*, onde um sultão é salvo porque ele teve pena de um porco. É sempre a história do bom ladrão, abençoado porque ele se arrependeu. Arreponder-se é bom, mas não fazer o mal é melhor. A escola das reabilitações nos levou a não ver mais nenhuma diferença entre um patife e um homem honesto. Uma vez, me exaltei, diante de testemunhas, contra Sainte-Beuve, pedindo-lhe que tivesse tanta indulgência por Balzac quanto tinha por Jules Lecomte. Ele me respondeu chamando-me de idiota! Eis onde leva a tolerância excessiva.

Perdemos tanto o senso de proporção que o tribunal de guerra de Versalhes trata Pipe-en-Bois mais severamente do que M. Courbet; Maroteau é condenado à morte como Rossel. É um absurdo! De resto, esses senhores me interessam muito pouco. Acho que deveria ter condenado toda a Comuna aos trabalhos solicitados e obrigado esses imbecis

sanguinários a removerem os escombros de Paris, com correntes no pescoço, como simples condenados. Mas isso teria ferido a humanidade. Somos compassivos com os cães raivosos e indiferentes com aqueles que eles morderam.

Isso não mudará enquanto o sufrágio universal for o que é. Todo homem (na minha opinião), por mais insignificante que seja, tem direito a um voto, o seu próprio, mas não é igual ao seu vizinho, que pode valer cem vezes mais. Em uma empresa industrial (sociedade anônima), cada acionista vota de acordo com sua contribuição. Deveria ser assim também no governo de uma nação. Eu valho bem uns vinte eleitores de Croisset. Dinheiro, inteligência e até mesmo raça devem ser levados em conta, enfim, todas as forças. Até agora, só vejo uma: o número. Ah! Cara mestra, você, que tem tanta autoridade, deveria dar o primeiro passo! Lemos muito seus artigos no *Le Temps*, *que tem um grande sucesso e quem sabe? Você talvez prestasse um grande serviço à França.*

Aïssé me ocupa muito, ou melhor, me irrita. Não vi Chilly, então estou lidando com Duquesnel. Retiraram-me definitivamente o velho Berton e me propuseram seu filho. Ele é muito gentil, mas não tem nada do tipo concebido pelo autor. Os franceses talvez não pedissem nada melhor do que "Aïssé". Estou perplexo vou ter que tomar uma decisão quanto a esperar que um vento literário se levante, como ele não se levantará enquanto eu viver, é melhor correr logo o risco.

Esses assuntos teatrais me atrapalharam bastante, pois eu estava indo bem. Há um mês, eu estava até em uma exaltação que beirava a demência.

Encontrei o inevitável HARRISSE, um homem que conhece todo o mundo e entende de tudo: teatro, romances, finanças, política etc. Que raça a do homem esclarecido!!! Vi La Plessy, encantadora e sempre bela. Ela me pediu para lhe enviar a certeza de sua amizade.

Quanto a mim, envio-lhe cem mil ternuras.

Seu velho.

## **22. A GEORGE SAND, CROISSET, 14/11/1871**

Croisset, 14 de novembro, 1871.

Ufa! Acabei de terminar "os meus deuses", ou seja, a parte mitológica do meu *Santo Antônio*, na qual venho trabalhando desde o início de junho. Como estou com vontade de ler isso para você, querida mestra do bom Deus! Por que você não veio este outono? Não se pode ficar muito tempo sem visitar Paris. Eu estarei lá depois de amanhã e não me divertirei em nada durante todo o inverno, com *Aïssé, um volume de versos para imprimir, gostaria de lhe mostrar o prefácio, o que ainda sei? Muitas coisas engraçadas.*

Não recebi o segundo folheto anunciado. Este velho trovador está com a cabeça exausta. Minhas noites mais longas, nos últimos três meses, não passaram de cinco horas. Trabalho de forma frenética. Deste modo acredito ter o meu livrinho a um belo grau de insanidade. A ideia das tolices que ele fará os burgueses dizerem me anima; ou, na verdade, nem preciso de ânimo, pois um ambiente assim me diverte naturalmente. Esse bom burguês é cada vez mais estúpido: ele nem sequer vota. Os animais brutos os superam no instinto de preservação pessoal. Pobre França, pobres de nós!

Você sabe o que estou lendo para me distrair agora? Bichat e Cabanis, que me divertem imensamente. Sabia-se escrever livros naquela época. Ah! Como nossos doutores de hoje estão longe desses homens.

Nós só sofremos de uma coisa: a estupidez. Mas ela é formidável e universal. Quando falam do embrutecimento da plebe, dizem algo injusto e incompleto. Conclusão: é preciso iluminar as classes iluminadas. Comece pela cabeça, que é o que está mais doente; o resto virá .

Você não é como eu! Você é cheia de generosidade. Eu, por outro lado, há dias em que a raiva me sufoca. Queria afogar meus contemporâneos nas latrinas ou, pelo menos, fazer chover sobre suas cabeças torrentes de injurias, cataratas de insultos. Por quê? Pergunto isso a mim mesmo.

Que tipo de arqueologia interessa Maurice? Beije bem suas filhinhas por mim.

Seu velho.

### **23. À MADAME ROGER DES GENETTES, PARIS, 2/1871**

Paris entre 5 e 12 de dezembro de 1871.

Então você tomou a decisão que eu temia: abandonar Paris? Que triste! Como tudo é triste! Esta carta fúnebre me foi enviada de Croisset, pois estou aqui há quinze dias, e aqui está o resumo das minhas pequenas ocupações: 1º Estou dirigindo os ensaios de Aïssé. Como Chilly está doente e Duquesnel incapaz tenho que me envolver nos cenários, no figurino, na encenação, enfim, tudo 2º Estou supervisionando a impressão do volume de poemas de Bouilhet e trabalho no meio de tipógrafos e gravadores. Quero que este livro seja publicado ao mesmo tempo que a peça. Corro, em meio a um frio de dezessete graus, do parque Monceau ao boulevard Montparnasse e ao Odéon. Os atores ensaiam todos os dias, inclusive aos domingos, e eu não os deixo mais. 3º Você sabe que queremos erguer em Rouen um pequeno monumento para Bouilhet. Nesse ponto, também, tenho grandes problemas. Parece que manipulo o cadáver dele o dia todo! Nunca um desgosto tão profundo pela vida me invadiu. Enquanto estou em ação, entrego-me a ela com fúria e sem a menor sensibilidade. Mas tenho momentos “no silêncio do gabinete” que não são nada desafiadores.

Santo Antônio está completamente deixado de lado. Mal consigo, de vez em quando, encontrar uma hora para anotar algo. Trabalhei muito durante todo o verão e só me restam de cinquenta a sessenta páginas para escrever. Se nada de extraordinário acontecer, posso ter tudo pronto até o próximo mês de julho, mas não antes, pois meu inverno será, para mim, completamente perdido. Li um pouco para o meu velho Tourgueneff, que pareceu encantado. Digo um pouco, porque surgiram problemas dramáticos e não conseguimos nos encontrar para continuar a leitura.

O horizonte político está, independentemente do que se diga, tranquilo. Revoluções? Ora, ora! Não temos a energia necessária.

Eu o convido a ler o último livro de Renan; ele é muito bom, ou seja, está alinhado com as minhas ideias. Você leu as cartas de Mme Sand no Le Temps? O amigo a quem elas são dirigidas sou eu, pois tivemos, neste verão, uma correspondência política. O que eu lhe dizia está, em parte, no livro de Renan. Acabo de corrigir a primeira prova de Últimas Canções. Algumas das peças que lá se encontram me transportaram para as noites da Muse."

Na próxima terça-feira, sabe? 12 de dezembro, seu amigo completará cinquenta anos! Esta simples menção dispensa qualquer comentário.

Parece-me que lhe cuidaram (ou que você se cuidou) de forma deplorável. Que bestas esses bons médicos! Mas isso é realmente sério, irreversível, definitivo? Não voltará mais a Paris? Quando nos veremos novamente?

Assim que eu estiver um pouco menos atordoado, escreverei algo mais longo para você. Mas você, não deve ter muita coisa para fazer. rabisque algo para me agradar.

Beijo-lhe as duas mãos.